

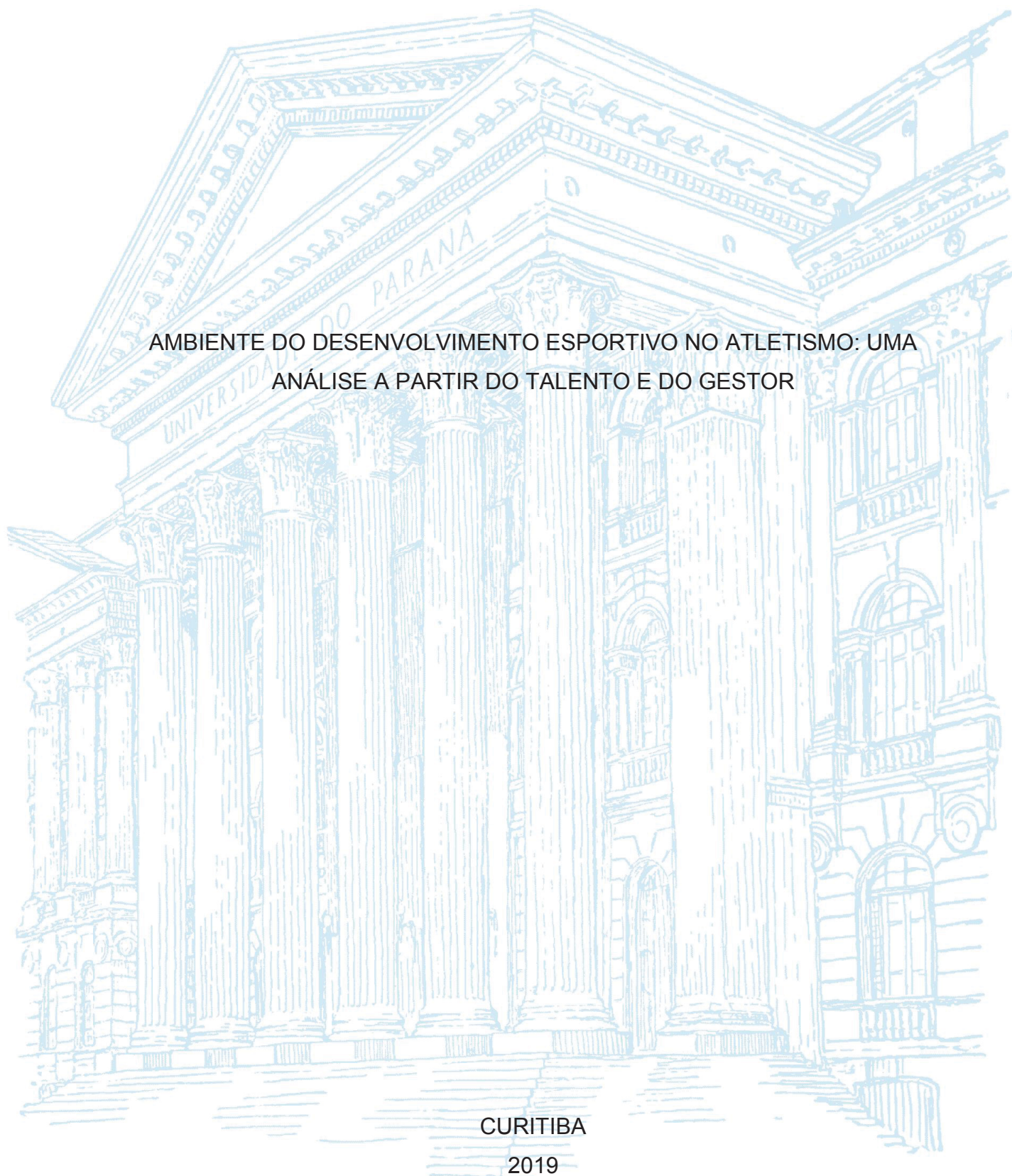
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS PEREIRA RODRIGUES

AMBIENTE DO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO NO ATLETISMO: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO TALENTO E DO GESTOR

CURITIBA

2019



MATHEUS PEREIRA RODRIGUES

AMBIENTE DO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO NO ATLETISMO: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO TALENTO E DO GESTOR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciência Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli

CURITIBA

2019

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Dulce Maria Bieniara – CRB/9-931)

Rodrigues, Matheus Pereira

Ambiente do desenvolvimento esportivo no atletismo: uma análise a partir do talento e do gestor. / Matheus Pereira Rodrigues. – Curitiba, 2019.

151 p.: il.

Orientador: Fernando Renato Cavichioli

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Ambiente 2. Talento 3. Atletismo 4. Políticas públicas I. Título II. Cavichioli, Fernando Renato III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (22. ed.) 796.42



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -  
40001016047P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MATHEUS PEREIRA RODRIGUES** intitulada: **Ambiente do desenvolvimento esportivo no atletismo: uma análise a partir do talento e do gestor**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Fevereiro de 2019.

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARCELO MORAES E SILVA  
Avaliador Interno (UFPR)

LENAMAR FIORESE  
Avaliador Externo (UEM)

À Mariana, Eduarda, Uiraci e Sonia, pessoas fundamentais em todas as minhas caminhadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos e todas que fizeram parte dessa e todas as outras jornadas da vida, que de alguma maneira me auxiliaram com conforto, carinho, pressão e compreensão.

Aos meus amigos que sempre me estimularam a buscar mais conhecimento e ofereceram apoio nos momentos de fraqueza. Aos meus familiares por terem o cuidado e a paciência necessária em momentos turbulentos. Em especial aos meus pais, Sonia e Ubiraci, por oferecem todo o suporte, educação e carinho, se não fossem os momentos de broncas, conselhos, felicidades e companheirismo, eu não seria nada, agradeço de coração aberto por sempre me oferecem o melhor possível.

Ao meus companheiros de estudos, por ajudarem academicamente sempre que possível, em especial à Isabelle, por auxiliar na minha entrada no mestrado, à Leila, por toda ajuda durante o início dessa jornada, ao Rafael pelo apoio durante o ano final e à Mayara, por todo o apoio em horas duvidas, pela ajuda com o comitê de ética e pela caminhada conjunta. Ao meu orientador Fernando Renato Cavichioli, pela confiança no trabalho, pelo apoio nas orientações e pela paciência nas horas exigidas.

Agradeço especialmente à minha enteada Eduarda, por todas as horas em que sua área de brincadeira em casa era limitada, pois “não podia atrapalhar o Matheus”, pelas horas em que o estresse falava mais alto e que o seu sorriso me alentava e confortava para seguir adiante. Pelos momentos de alegria que tenho sendo seu padasto.

Por ultimo e mais importante, agradeço à minha namorada Mariana, pelo auxílio sem fim em todas as horas. Pelos finais de semana em que não podíamos sair, pelas horas em que o desespero batia e ela me acalmava, por todos os momentos de desanimo que ela me estimulava. Te amo, obrigado por acreditar em mim e me fortalecer muito nessa e em todas as jornadas que a vida nos proporcionará. Sem você, seria impossível chegar onde cheguei, pois você me faz querer o melhor possível sempre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



Quem sabe um dia a gente não aprende  
Que a gente só precisa se soltar  
E ter que acreditar no de repente  
Nem tudo a gente tem que programar

Quem sabe um dia a gente não aprende  
Que é muito importante relaxar  
Que a felicidade tá na mente  
A gente só precisa procurar

Então fecha o olho  
Imagina  
Solta o corpo  
Sente o clima.  
(ATITUDE 67, 2018)

## RESUMO

O ambiente de desenvolvimento do talento é composto pelos aspectos psicológicos, sociais e fisiológicos que envolvem o atleta, bem como das condições físicas e materiais do seu entorno, que influenciam o desenvolvimento do talento dentro e fora do mundo esportivo (MARTINDALE et al., 2005). Assim, se mostra a importância de analisar o ambiente em todas nuances que envolvem o atleta para o seu desenvolvimento pleno. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar o ambiente de desenvolvimento de atletas em diferentes entidades do atletismo brasileiro, a partir da percepção dos atletas e dos gestores. Para tal, foram entrevistados 19 atletas homens e mulheres, das categorias sub-18 e sub-20, e cinco gestores de cinco equipes classificadas entre as 35 equipes melhores ranqueadas por resultados em competições realizadas nos anos de 2015, 2016 e 2017. O modelo de entrevista se baseou nos sete fatores presentes no questionário *Talent Development Environment Questionnaire*, elaborado por Martindale et al. (2010). O modelo de análise utilizou como base a teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (2011), que busca analisar o desenvolvimento humano por meio dos processos proximais, das características das pessoas, do contexto e do tempo. Dentre os resultados obtidos, foi constatado que as principais diferenças presentes entre os contextos, tanto para atletas quanto para gestores, estão nas estruturas física e humana. As equipes que apresentam melhores resultados são as equipes que contam com número maior de professores e melhor infraestrutura e, logo, podem atender um número maior de atletas. Esse é um dos pontos constituintes do ambiente, logo, dessa maneira, podemos constatar que o ambiente influencia de maneira positiva e/ou negativa no resultado esportivo dessas equipes.

Palavras-chave: Ambiente. Talento. Atletismo. Gestores. Políticas Públicas.



## **ABSTRACT**

The talent development environment is composed of the psychological, social and physiological aspects that involve the athlete, as well as the physical and material conditions of their environment, which influence the development of talent inside and outside the sporting world (MARTINDALE et al., 2005 ). Thus, it is shown the importance of analyzing the environment in all nuances that involve the athlete for its full development. In this way, the objective of this work is to analyze the development environment of athletes in different Brazilian athletics entities, from the perception of the athletes and the managers. To that end, 19 male and female athletes from the U18 and U20 categories were interviewed and five managers from five teams ranked among the 35 best ranked teams by results in competitions held in 2015, 2016 and 2017. The model of the interview was based on the seven factors present in the Talent Development Environment Questionnaire, elaborated by Martindale et al. (2010). The model of analysis used as basis the Bioecological theory of Bronfenbrenner (2011), which seeks to analyze human development through the proximal processes, the characteristics of people, context and time. Among the results obtained, it was observed that the main differences present between the contexts, both for athletes and for managers, are in the physical and human structures. The teams that present the best results are the teams that have more teachers and better infrastructure and can therefore serve a larger number of athletes. This is one of the constituent points of the environment, so, in this way, we can see that the environment has a positive and / or negative influence on the sporting results of these teams.

**Keywords:** Environment. Talent. Athletics. Manager. Public Policy.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O SISTEMA AMBIENTAL DA TEORIA ECOLÓGICA .....	45
FIGURA 2 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR PREPARAÇÃO DE QUALIDADE.....	84
FIGURA 3 – ÁREA DE TREINAMENTO COM BARREIRA DA EQUIPE ORCAMPI .....	85
FIGURA 4 - ÁREA DE SALTO EM ALTURA DA EQUIPE ORCAMPI.....	85
FIGURA 5 – PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE ORCAMPI .....	86
FIGURA 6 – GAIOLA PARA LANÇAMENTOS DA EQUIPE ORCAMPI.. <b>Erro! Indicador não definido.</b>	
FIGURA 7 – ACADEMIA DA EQUIPE ORCAMPI .....	87
FIGURA 8 – PISTA DE ATLETISMO E ÁREA DE LANÇAMENTO E ARREMESSOS.....	89
FIGURA 9 – TREINAMENTO DE BARREIRAS DA EQUIPE EMFCA.....	89
FIGURA 10 – CURVA DA PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE EMFCA .....	90
FIGURA 11 – ESTRUTURA FÍSICA DA EQUIPE FECAM.....	93
FIGURA 12 – PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE FECAM .....	93
FIGURA 13 – PLACA DE IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE TREINAMENTO DA EQUIPE DE COLOMBO.....	97
FIGURA 14 – PISTA DE CAMINHADA DA EQUIPE PM DE COLOMBO .....	98
FIGURA 15 – SETOR DE ARREMESSO DE PESO E LANÇAMENTO DE DISCO E MARTELO DA EQUIPE PM DE COLOMBO.....	98
FIGURA 16 - LOCAL PARA TREINAMENTO DO LANÇAMENTO DE DARDO DA EQUIPE PM DE COLOMBO.....	99
FIGURA 17 – PISTA SINTÉTICA DA EQUIPE SMELJ CURITIBA .....	102
FIGURA 18 – PISTA DE BRITA DA EQUIPE SMELJ CURITIBA.....	102
FIGURA 19 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR COMPREENSÃO DO ATLETA .....	106
FIGURA 20 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR FOCO NO DESENVOLVIMENTO A LONGO PRAZO .....	110
FIGURA 21 – NUVEM DE PALAVRES RELACIONADAS AO FATOR COMUNICAÇÃO .....	115
FIGURA 22 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR REDE DE APOIO .....	118

FIGURA 23 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR AMBIENTE DESAFIADOR E DE APOIO .....	123
FIGURA 24 – NUVEM DE PALAVRAS RELACIONADAS AO FATOR FUNDAMENTOS DE DESENVOLVIMENTO DE LONGO PRAZO ..	129
FIGURA 25 – O MAPA ECOLÓGICO PAULISTA .....	130
FIGURA 26 – O MAPA ECOLÓGICO FLUMINENSE .....	130
FIGURA 27 – O MAPA ECOLÓGICO PARANAENSE .....	130

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – RESULTADO DA SOMA TOTAL DAS PONTUAÇÕES OBTIDAS NAS TRÊS COMPETIÇÕES .....	76
TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS FATORES NAS MATRIZ DE ANÁLISE .....	80
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS ATLETAS PELAS EQUIPES ENTREVISTADAS .....	82

## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

CBAt	- Confederação Brasileira de Atletismo
PPCT	- Processos Proximais, Características da Pessoa, Contexto e Tempo
TDEQ	- Talent Development Environment Questionnaire

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	20
1.2 OBJETIVOS .....	21
1.2.1 Objetivo geral .....	21
1.2.2 Objetivos específicos.....	21
1.3 HIPÓTESES.....	21
<b>2 TALENTO, SEU DESENVOLVIMENTO E PRINCIPAIS FATORES .....</b>	<b>22</b>
2.1.1 Fatores Influentes do Desenvolvimento do Talento .....	23
<i>2.2 TALENT DEVELOPMENT ENVIRONMENT QUESTIONNAIRE FOR SPORT...</i>	<i>27</i>
2.2.1 Primeiros passos para a análise do ambiente.....	27
2.2.2 A evolução na pesquisa .....	31
2.2.3 O TDEQ.....	32
2.2.4 TDEQ ao redor do mundo .....	37
<b>3 MODELO (BIO)ECOLÓGICO DE COMPREENSÃO DO AMBIENTE.....</b>	<b>41</b>
3.1 MODELO ECOLÓGICO AMBIENTAL.....	41
3.1.1 Ambiente Ecológico.....	43
3.1.2 Microssistema .....	46
3.1.2.1 Atividades Molares e a Natureza .....	47
3.1.2.2 Estruturas Interpessoais .....	49
3.1.2.3 Papéis.....	54
3.1.3 Mesossistema .....	56
3.1.4 Exossistema .....	60
3.1.5 Macrossistema .....	61
3.1.6 Desenvolvimento Humano .....	62
3.2 MODELO BIOECOLÓGICO DE DESENVOLVIMENTO .....	63
3.2.1 Processos Proximais .....	63
3.2.2 Características das Pessoas .....	67
3.2.3 Contexto .....	69
3.2.4 Tempo .....	70
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>72</b>
4.1 INSTRUMENTOS.....	73
4.1.1 Entrevistas com Atletas.....	73

4.1.2 Entrevistas com Gestores .....	74
4.1.3 Roteiro de Observação e Fotos.....	75
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	75
4.3 PROCEDIMENTOS.....	78
4.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	79
4.5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	80
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>81</b>
5.1 PROPRIEDADES DA PESSOA .....	83
5.1.1 Preparação e Qualidade.....	83
5.1.1.1 ORCAMPI.....	84
5.1.1.2 EMFCA .....	89
5.1.1.3 FECAM .....	92
5.1.1.4 PM de Colombo .....	97
5.1.1.5 SMELJ Curitiba.....	101
5.1.2 Compreensão do Atleta.....	106
5.2 PARÂMETROS DO CONTEXTO .....	109
5.2.1 Foco de Desenvolvimento a Longo Prazo.....	109
5.2.2 Comunicação .....	114
5.2.3 Rede de Apoio.....	117
5.2.4 Ambiente Desafiador e de Apoio.....	123
5.2.5 Fundamentos de Desenvolvimento de Longo Prazo .....	128
5.3 CONTEXTOS REGIONAIS .....	133
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>138</b>
6.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS .....	141
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO 1 – MODELO DE ENTREVISTA DOS ATLETAS .....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO 2 – MODELO DE ENTREVISTA DOS GESTORES.....</b>	<b>150</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O atletismo brasileiro tem sido tema de trabalho de diversos pesquisadores que focam suas pesquisas em diversas temáticas, dentre as quais: a perspectiva de metodologia de ensino escolar, o desempenho esportivo e lesões, o esporte adaptado e paralímpico, as políticas públicas, a psicologia do esporte (ABRÃO; ALEXANDRINO; PRATI, 2017; ANUNCIACÃO *et al.*, 2017; DOS SANTOS; GREGUOL, 2017; EVANGELISTA, 2017; GEMENTE; MATTHIENSEN, 2017; KNIHS; REIS; ZIMMERMANN, 2017; MATTHIENSEN, 2005; PAES; AMARAL, 2017; PASSINI; MATHIENSEN, 2017; REIS; MEZZADRI; MORAES E SILVA, 2017; TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2017; TONON, 2017; SILVA *et al.*, 2011; VIEIRA; VIEIRA, 2000; VIEIRA; VIEIRA, 2001; VIEIRA; TEIXEIRA; VIEIRA, 2011).

Em trabalhos que focam a esfera internacional, a busca de literatura na temática do atletismo se mostrou muito presente nas perspectivas de atividade física e saúde, fatores psicológicos, gestão esportiva, doping, lesão e biomecânica, além de outros temas, mostrando uma gama incrível de possibilidades acadêmicas para o investigador, possibilitando o mesmo a desenvolver trabalhos nacionais e internacionais nas mais diversas áreas que envolvem o atletismo (BUCKWALTER; LANE, 1997; COX; MARTENS; RUSSEL, 2003; GLADDEN; MILNE; SUTTON, 1998; GOODMAN; MAZEROLLE; EASON, 2017; HAUGEN *et al.*, 2017; HULME *et al.*, 2017; JANSSEN *et al.*, 2017; KRAEUTLER *et al.*, 2017; TIMPKA, 2017; ULRICH *et al.*, 2017; CAREGNATO, 2018).

Sobre o desenvolvimento do atletismo brasileiro, Caregnato (2018) afirma que, na formação das equipes desse esporte, há a articulação entre governo federal, estados federativos, prefeituras e universidades. Estas equipes, ou instituições esportivas, que englobam associações, institutos, fundações e clubes esportivos, estão distribuídas de maneira desigual pelo território brasileiro, tendo em vista que o autor identificou que há maior concentração delas nos estados da região sudeste; em seguida ficam as regiões sul e nordeste, respectivamente, caracterizadas com as regiões com mais atletas cadastrados no ranking da CBAAt.

Ramos (2015) defende que a formação esportiva, principalmente a longo prazo, precisa de modelos de análise que identifiquem sua estrutura como um todo, seus objetivos, consequências e as variáveis influentes sobre esse fenômeno. O mesmo autor afirma que “fatores físicos, psicológicos, sociológicos e ambientais” (p.71) são pontos-chave quando se debate a formação continuada de atletas.

A partir dessas informações, é possível compreender que, no caso do atletismo no Brasil, investigar a institucionalização do ambiente, ou seja, as equipes, é de fundamental importância quando pensamos no desenvolvimento do talento esportivo, nesse esporte em particular, as instituições esportivas exercem papel fundamental nesse processo.

Quando se trata de desenvolvimento de talento, diversas esferas devem ser consideradas. Gould; Dieffenbach; Moffett (2002) afirmam que vários indivíduos e instituições influenciam o desenvolvimento psicológico dos atletas, incluindo a comunidade, a família, o próprio indivíduo, pessoas fora do meio esportivo, pessoas do meio esportivo e o próprio processo esportivo em si. Para Rees *et al.* (2016) o “ambiente de desenvolvimento” pode ser considerado um fator determinante no desempenho esportivo, sendo composto por local de nascimento, apoio familiar e de treinadores, programas de suporte para atletas, entre outros.

Bronfenbrenner (2011) apresenta em sua teoria bioecológica o modelo PPCT, caracterizado pelos processos proximais, características pessoais, contexto (com todos os seus níveis, micro, meso, exo e macrosistema) e o tempo. Segundo o autor, os processos proximais, desenvolvendo as características pessoais, ocorrendo em um ambiente estimulador e acontecendo em um período longo, favorecem o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Com o aumento no interesse do surgimento de novos atletas, alguns países desenvolveram programas de detecção e desenvolvimento de talentos, Martindale *et al.* (2005) exemplificam esses programas com o programa australiano de busca de talentos. Os mesmos autores também relatam que muitos programas se concentram em identificar precocemente os jovens talentosos, colocando em segundo plano o próprio processo de desenvolvimento, esperando que esses jovens sejam atletas promissores.

Côté (1999) analisa que há uma divisão etária dos jovens atletas, definindo três fases de desenvolvimento: os anos de amostragem, os anos de especialização e os anos de investimento. Os anos de amostragem se mostram como os anos iniciais (6-13 anos), em que os pais são os principais responsáveis por inserirem seus filhos em esportes. Já os anos de especialização (13-15 anos) ficam caracterizados como a fase em os atletas deixam de praticar uma grande gama de atividades esportivas e começam a focar em uma ou duas atividades específicas. Por último, os anos de investimento (por volta dos 15 anos) são quando os atletas

focam em atingir o nível de excelência em apenas uma atividade. O autor sustenta, ainda, que há uma influência dinâmica da família em cada uma dessas fases.

Abbott *et al.* (2005) relatam que ao se analisar as variáveis de desempenho do talento esportivo, não se tem certeza de que os detentores de melhores índices serão os melhores atletas adultos, pois a capacidade do atleta se adaptar ao ambiente que ele está inserido é de extrema importância para o desenvolvimento do mesmo. Assim, a habilidade de um talento em desenvolvimento lidar com os períodos instáveis da carreira esportiva é fundamental para uma evolução bem-sucedida ao próximo estágio. Nesse sentido, Abbott *et al.* (2002) explicam que a aplicação de componentes psicológicos, como avaliação efetiva do desempenho, definição de metas e amparo, são cruciais para o desenvolvimento, dando mais potencial para o indivíduo se tornar um atleta de elite consistente e vitorioso.

Embora uma estrutura de ponta, financiamento, técnicos atualizados e a ligação entre o esporte e ciência sejam importantes no desenvolvimento do jovem esportista, Rodrigues (2013) ressalta que um ambiente equilibrado e ajustado é fundamental para esse processo, afirmando, assim, que algumas entidades devem propiciar uma relação estreita de convívio do indivíduo com o social, para promover fatores intrapessoais ligados ao desenvolvimento exitoso do talento.

Na concepção de Rees *et al.* (2016) existem vários fatores influentes na performance do desenvolvimento do talento esportivo. Data de nascimento, genética, fatores psicológicos e antropométricos, traços de personalidade, habilidades psicológicas e orientações motivacionais são alguns dos pontos a serem considerados. Ao investigarem essas variáveis, os autores afirmam que, para se analisar o desenvolvimento pleno do atleta, não é possível excluir os fatores psicológicos, pois são essenciais para o rendimento esportivo dos mesmos.

Outras pesquisas internacionais recentes trataram de estudar fatores psicossociais do atleta. A família surge como um dos pontos principais quando falamos de ambiente esportivo, a relação da experiência de um trauma sofrido durante o desenvolvimento e o nível esportivo alcançado, os obstáculos determinantes na formação dos atletas, o perfil motivacional, a ótica do treinador sobre fatores importantes no desenvolvimento, entre outros temas, são recorrentes em pesquisas acadêmicas de desenvolvimento de atletas (ALGAR, 2014; BORREGUERO, 2013; COLLINS; McNAMARA; McCARTHY, 2016a; COLLINS; McNAMARA; McCARTHY, 2016b; ELUMARO *et al.*, 2016; HARO; BUNUEL;

URIONDO, 2012; HILL, 2016; MANAMELA, 2016; SIEKAŃSKA, 2012; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2011).

Assim, fica nítida a percepção de que a evolução do atleta transpassa o treinamento e o desenvolvimento fisiológico, e coloca-se o contexto, a cultura regional e as políticas de desenvolvimento dos talentos como pontos diretamente influentes no sucesso esportivo (RODRIGUES, 2013).

Ao perceber uma lacuna existente na área de pesquisa sobre o desenvolvimento do talento, em que a perspectiva dos atletas fica em um plano inferior nas pesquisas (RODRIGUES, 2013), Martindale *et al.* (2005) realizaram uma densa revisão de literatura, analisando os principais pontos existentes sobre a temática. A partir de adaptações, foram evoluindo em seus trabalhos (MARTINDALE *et al.*, 2007; MARTINDALE *et al.*, 2010; MARTINDALE *et al.*, 2012) até que formularam o questionário (que serviu de base para a formulação das entrevistas destas pesquisas), objetivando a análise do ambiente esportivo a partir da visão do atleta.

Tendo em vista as informações até então apresentadas sobre talentos e o ambiente propulsor de desenvolvimento das diferentes modalidades do atletismo no Brasil, temos como problema de pesquisa: **Pode o contexto do atletismo brasileiro ser elemento propulsor ou inibidor do desenvolvimento dos atletas?**

Dessa forma, este trabalho se organizou da seguinte forma:

**Introdução:** Objetiva mostrar a pertinência da temática, justificar a escolha da mesma, apresentar a problemática, delimitar o objetivo geral e hipóteses, além de salientar os objetivos gerais desse estudo.

**Metodologia:** Descrição detalhada dos instrumentos, população, amostra, coleta, tratamento e análise dos dados.

**Revisão Bibliográfica:** Neste ponto elaboramos uma revisão sobre o tema proposto, apresentando autores nacionais e internacionais que debateram o ambiente esportivo e o desenvolvimento do talento esportivo. Nesse capítulo também debatemos a formulação do instrumento de pesquisa deste trabalho e apresentamos alguns autores que já utilizaram o questionário influenciador do instrumento de pesquisa.

**Referencial Teórico:** Esse capítulo foi destinado à exposição da teoria Bioecológica do desenvolvimento humano, elaborada por Bronfenbrenner. Apresentamos a teoria ecológica e como essa evoluiu para ser Bioecológica.

Conceitos como Microssistema, Díade, Papéis Sociais, Mesossistema, Exossistema, Macrossistema, Processo Proximal, Características Pessoais, Tempo e algumas outras que permeiam essa teoria estão presentes nesse capítulo.

Apresentação e discussão dos dados obtidos: Após a coleta e o devido tratamento dos dados, aqui apresentamos os resultados e as discussões apropriadas ao tema. Nesse capítulo aproximamos os fatores do instrumento de pesquisa, com os conceitos da teoria de Bronfenbrenner, com intuito de analisar o ambiente formador do atletismo. Para este trabalho não haverá a separação dos capítulos de resultados e discussão, por escolha do autor.

Considerações finais: Apresentados e discutidos os dados, elaboramos o capítulo de conclusão desse trabalho, apontando momentos falhos e sugestões para possíveis trabalhos.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Como justificativa acadêmica para este trabalho, notamos a falta da aplicação de instrumentos práticos de avaliação do desenvolvimento do ambiente de atletas no Brasil, focando na perspectiva desses atletas. A principal finalidade foi analisar as características das perspectivas apresentadas pelos atletas e fomentar essa análise com as respostas das entrevistas dos gestores esportivos de cada entidade, para, assim, tentar entender o fenômeno que compõem o ambiente esportivo formador do atletismo brasileiro. Este trabalho pode contribuir - não só no atletismo, mas futuramente a outros esportes - para o entendimento dos contextos ambientais em que os atletas em desenvolvimento estão inseridos, a partir da aplicação, em outras modalidades esportivas, dos instrumentos avaliativos utilizados neste trabalho.

Socialmente, esta compreensão pode ser útil não só para obtermos melhores resultados, mas também para construirmos ambientes melhores para estes jovens atletas.

Como finalidade pessoal, o presente estudo buscou a compreensão social do ambiente formador de atleta, fui frequentador de alguns ambientes durante minha formação, passando por ambientes de excelente perspectiva, assim como ambientes negativos. Dessa maneira a pesquisa pode trazer a realidade dos centros de treinamento, facilitando a compreensão de todos sobre como e onde o atleta em formação no atletismo brasileiro está imerso e quais são as variáveis que emergem

da pesquisa *in loco*, que podem ser consideradas pelos atores responsáveis do desenvolvimento esportivo no Brasil.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar o ambiente de desenvolvimento de atletas em diferentes contextos do atletismo brasileiro.

### 1.2.2 Objetivos específicos

1) Identificar e comparar os contextos ambientais intervenientes na formação dos atletas de atletismo brasileiro na percepção de gestores (treinadores).

2) Verificar as propriedades da pessoa (atleta) considerando os seus processos proximais de desenvolvimento e desempenho esportivo.

3) Descrever a estrutura política de desenvolvimento de formação dos atletas do atletismo, considerando os parâmetros dos contextos.

## 1.3 Hipóteses

Formulamos a seguinte hipótese: as equipes com melhores desempenhos esportivos no atletismo tem melhores contextos ambientais para o seu desenvolvimento.

## 2 TALENTO, SEU DESENVOLVIMENTO E PRINCIPAIS FATORES

O desenvolvimento do talento, seja em áreas como esportes, artes, culinária, literatura, negócios, entre outras, é claramente um objeto de estudo explorado academicamente e economicamente (MARTINDALE *et al.*, 2005). Se pensarmos o que é talento e qual sua maneira mais eficaz de desenvolvimento, podemos ver formuladores de políticas que objetivam obter sucesso futuro, altamente interessados em modelos exitosos (MARTINDALE *et al.*, 2005).

Em seu livro denominado “O Código do Talento”, Daniel Coyle (2010) desenvolve investigação visitando academias reconhecidas por suas excelências no desenvolvimento do talento (que o autor nomeou de “fábricas de talento”), relacionando com pesquisas já publicadas na área.

De início, Coyle (2010) debate a complexidade da definição da palavra talento, pois o que denominamos de talento, quando falamos de jovens, pode não ser a garantia de um sucesso duradouro. Assim o autor define o talento como “a posse de habilidades repetíveis que não dependem do tamanho físico” (p. 21). Essa sua definição simplista e focada na repetição foi formulada para reforçar sua tese chamada de “treinamento profundo”, que debateremos com maior ênfase no decorrer desse capítulo.

Ampliando o conceito desenvolvido por Coyle, buscamos a noção de Hill (2016), que levanta a questão de que o sentido da palavra ‘talento’ é utilizado dependendo de um determinado contexto. Em âmbito comercial, diz ele, talento pode se referir ao coletivo de funcionários, com intuito de motivação. Por essa lógica, ampliando-a no contexto esportivo, qualquer atleta motivado que desempenha uma atividade pode ser considerado um talento. McNamara *et al.* (2008) dizem que o talento é a capacidade de atuar no mais alto nível, mas sem muita consideração com as outras capacidades que os indivíduos necessitam para chegar a esse nível.

Segundo Massa (1999), o talento pode ser compreendido por um conjunto de fatores biopsicossociais que necessita tanto da genética quanto de condições motoras, cognitivas e afetivas favoráveis, desenvolvidas em configurações sociais e ambientais favoráveis. Podemos estabelecer essa definição de Massa *como o conceito mais próximo do esperado para esta pesquisa*, pois percebemos que o talento é algo muito mais abrangente e influenciado por uma ampla gama de fatores que vamos debater a seguir.



### 2.1.1 Fatores Influentes do Desenvolvimento do Talento

Após uma busca sobre a temática nas bases de dados de artigos científicos, encontramos vários autores que investigaram a temática do desenvolvimento do talento e seus fatores influentes recentemente.

O desenvolvimento do talento esportivo é nitidamente uma área multidisciplinar, que objetiva um sucesso esportivo de um determinado atleta em um determinado esporte, que deve considerar as várias práticas adequadas às fases de desenvolvimento que o atleta e o esporte estão (MORLEY; BAILEY, 2016). Ramos (2015) defende que o processo complexo chamado desenvolvimento de atleta é uma associação dos fatores psicológicos, sociológicos, ambientais e físicos.

Essa multidisciplinariedade deve ser baseada nos diferentes ramos das ciências esportivas, desenvolvidas com o tempo, mas, no começo apenas os fatores antropométricos e fisiológicos eram considerados relacionados com o êxito atlético, focando apenas em atletas da categoria adulta e, posteriormente, sendo erroneamente transferidos para a seleção de atletas de categorias inferiores (MORLEY; BAILEY, 2016).

Muitos fatores antropométricos e fisiológicos são predominantes no desenvolvimento do atleta. Quijada (2016a) analisou, por meio de revisão de literatura, a importância da genética e do treinamento no desenvolvimento do talento, concluindo que os dois fatores exercem influência idêntica nos atletas, e que uma associação desses dois itens deve auxiliar muito o desenvolvimento efetivo dos atletas, pois não adianta ter a herança genética favorável a determinada atividade, se o treinamento para seu desenvolvimento não for apropriado.

Há também o conceito de Coyle (2010), que ressalta a importância do estudo dos fatores neurológicos sobre a bainha de mielina, que envolve as fibras nervosas. Segundo o mesmo, quanto maior for essa bainha, mais rápidas, intensas e precisas são as sinapses neurais, assim, nossos movimentos e pensamentos são mais rápidos, intensos e precisos. O autor defende que quanto mais dirigido e focado for nosso treinamento, maior será a possibilidade de desenvolver a bainha de mielina, acelerando as respostas e possibilitando o aumento do desempenho (COYLE, 2010).

Com o passar do tempo, segundo Morley e Bailey (2016), há um crescente aumento de pesquisas que enfocam os fatores psicológicos que predisõem o

sucesso na elite. Posteriormente, acabaram por aplicar os mesmos modelos nas análises de jovens, e logo ficou evidente a necessidade de haver uma formação específica para treinadores, psicólogos esportivos, biomecânicos, pesquisadores e gestores, objetivando foco no desenvolvimento e em atletas mais jovens (MORLEY; BAILEY, 2016).

Mesmo o sucesso esportivo sendo multidisciplinar, os fatores psicológicos ocupam papel de destaque, aparecendo como alguns dos principais determinantes entre atletas que surgiam como talentosos e continuavam a exercer as atividades esportivas com excelência, podendo ser fatores de otimização de desenvolvimento e desempenho atlético (McNAMARA *et al.*, 2010).

Quando estabelecemos a importância de fatores psicológicos na formação de atletas, há que se analisar que tipo de fatores são esses. Após revisão teórica, Gledhill *et al.* (2017) apontam para 22 fatores psicológicos internos no desenvolvimento do talento:

[...] disciplina, autocontrole, autoconsciência, perfeccionismo adaptativo, autoaceitação, orientação tarefa/domínio, comprometimento, determinação, motivação intrínseca, autorregulação, resiliência, dificuldade, inteligência não verbal, medo do fracasso, bem-estar psicológico, habilidades reflexivas, prazer, competência percebida, habilidades antecipatórias, habilidades de tomada de decisão, atraso na gratificação e estratégias de enfrentamento (p.105).

Os autores afirmam que autorregulação, resiliência, comprometimento e disciplina aparecem como as características psicológicas mais marcantes no desenvolvimento dos atletas de futebol, pois elas podem diferenciar atletas de elite ao correlaciona-las com a adaptação na prática esportiva, influenciar no estilo de vida, sendo altamente valorizadas pelos treinadores (GLEDHILL *et al.*, 2017).

Coyle (2010) aponta uma teoria que ele denomina de “Treinamento Profundo”, a qual define como um esforço direcionado a um objetivo, a partir da revisão e correção de erros, efetuado no limite da sua habilidade. A prática, para Coyle (2010), acaba sendo, em algumas vezes, mais importante que a aptidão natural, baseada nos erros, nos seus reconhecimentos e melhora dos mesmos. Neste ponto, surgem um fator determinante: os desafios.

Portanto, os desafios e a maneira com que os atletas os superam são pontos psicológicos de extrema importância (COLLINS *et al.*, 2016; COLLINS *et al.*

2017). Torna-se essencial que os jovens atletas aprendam a superar os sucessos e os erros, estabelecendo uma preparação para os desafios e incentivando positivamente a avaliação e reflexão, suplantadas por um forte apoio social adequado a cada fase que passa o talento, os auxiliando a “aprender com isso” (COLLINS *et al.*, 2016).

Segundo Coyle (2010) durante as preparações para o *Tour de France*, Lance Armstrong tinha um treinamento físico rigoroso, mas também era obcecado pelos erros cometidos, pelo desejo de melhora em cada aspecto relacionado à corrida e pela necessidade de atuar no limiar da sua habilidade, ou seja, a sua abordagem mental era totalmente influente no desempenho, pois o envolvimento com a atividade proposta é um fator altamente relevante ao alcance do alto desempenho para alguns atletas.

Côté (1999) relata que a taxa de abandono do esporte é diretamente proporcional ao aumento da idade em jovens atletas, assim, a boa qualidade das experiências vividas durante a fase de desenvolvimento (envolvendo diversão e emoção) podem predispor um engajamento maior de jovens nessas atividades. Horn (2015) sugere que sentimentos de diversão e prazer devem ser o caminho inicial para uma criança desenvolver a paixão por suas atividades esportivas, acompanhados pelo autocontrole e autodescoberta.

Estudar o desenvolvimento do talento em nível individual é preciso, mas não se pode desconsiderar o meio social em que o mesmo está inserido, portanto, os fatores sociais estão diretamente relacionados à temática estudada (BALISH; CÔTÉ, 2013). Aliados aos fatores psicológicos, os fatores sociais são grandes influentes do desenvolvimento dos atletas, interferindo desde o estilo de vida, até as práticas comportamentais e atividades em momentos de lazer, além de estarem fortemente relacionados com a ambição de progressão para se tornarem profissionais do esporte (GLEDHILL *et al.*, 2017).

Gledhill *et al.* (2017) apresentaram diversos fatores sociais associados ao talento. Pontos como relacionamento e estrutura familiar, relações entre pais e treinadores, cultura específica de cada esporte, relação entre os membros da equipe, interação entre treinador e atleta, autonomia de treinamento, amigos dentro e fora do meio esportivo, entre outros, são influências externas diretamente relacionadas desempenho dos atletas (GLEDHILL *et al.*, 2017).

Então, as várias partes interessadas no desenvolvimento do atleta - treinadores, pais, parceiro, amigos e irmãos - fazem parte de uma rede fundamental de apoio tangível a ele, oferecendo suporte emocional e informativo, ou criando um ambiente desenvolvimentista, favorável à aprendizagem, suportado por desafios altamente relevantes que auxiliam o desenvolvimento (GLEDHILL et al., 2017).

Como visto até o momento, os fatores fisiológicos, psicológicos e sociais influenciam diretamente o desenvolvimento do talento. Mas fatores ambientais são também de extrema importância na formação de atletas (BORREGUERO, 2013; ELUMARO et al., 2016; HARO et al., 2012; LI et al., 2014).

Martindale et al. (2005) analisam o ambiente como sendo todos os aspectos em situação de treinamento esportivo, incorporando todos os fatores anteriormente debatidos. Já Henriksen (2010) aponta ambiente como um sistema dinâmico que apresenta, em nível micro, todo o entorno de um atleta, em que se desenvolvem os aspectos atléticos e pessoais, e em nível macro, o contexto maior em que cada ambiente está introduzido e a cultura organizacional da entidade esportiva em que o atleta em desenvolvimento está inserido.

Desta forma, o ambiente não está restrito ao local de treinamento e competição, mas é algo de maior abrangência, englobando o meio que o atleta está inserido, os indivíduos que compõem esse meio (considerando o próprio atleta como parte desses indivíduos) e as possibilidades que esse meio disponibiliza aos atletas (ELUMARO et al., 2016).

Como dito no início do capítulo, muitos investigadores e gestores tendem a usar a análise de ambientes favoráveis como modelo de comparação para a predisposição de um ambiente vencedor (MARTINDALE et al., 2012). Quijada (2016b) elaborou uma revisão dos modelos de seleção e desenvolvimento de atletas com maior presença na literatura. Após a análise, pode-se ver que é importante para os atletas estarem presentes em uma rede múltipla, não focado apenas em um fator desenvolvimentista (QUIJADA, 2016b). Assim, os testes avaliativos devem levar em conta todos os fatores que compõem essa rede, com objetivo de alcançar maior resultado em suas análises.

Buscando ampliar o conhecimento desses modelos avaliativos, Martindale et al. (2010) desenvolveram o *Talent Development Environment Questionnaire for Sport* (numa tradução livre: Questionário de Ambiente de Desenvolvimento de

Talentos para o Esporte), analisando o ambiente desenvolvedor esportivo e suas variáveis, que será exposto a seguir.

## 2.2 TALENT DEVELOPMENT ENVIRONMENT QUESTIONNAIRE FOR SPORT

### 2.2.1 Primeiros passos para a análise do ambiente

Com finalidade de explorar os fatores de ambiente de treinamento, Martindale *et al.* (2005) construíram suas pesquisas analisando uma série de trabalhos relevantes sobre o ambiente desenvolvedor de atletas, elaborando inicialmente uma revisão de literatura e depois propondo um guia para esses ambientes.

Assim, chegaram a quatro características principais, ou premissas, formadas por: objetivos e métodos de longo prazo; ampla gama de mensagens e suporte coerentes; ênfase no desenvolvimento apropriado e fuga da especialização precoce; e desenvolvimento individualizado e contínuo.

A primeira premissa foi dividida em três pontos diferentes: propósito e identidade; o planejamento sistemático e a implementação; e o reforço em vários níveis. Martindale *et al.* (2005) utilizam-se do trabalho de Bloom (1995) para explicar a maneira do desenvolvimento dos jovens talentosos, no qual apenas 10% dos adultos incluídos entre os 25 melhores do mundo em diversas áreas tinham necessariamente um nível de desempenho elevado na idade de 11 a 12 anos, que poderia indicar que os mesmos chegariam aos níveis em que chegaram. Assim, deve-se pensar que 90% dos atletas entrevistados não tinham alto índice de desempenho em idades jovens, podendo ser justificado pelo desenvolvimento tardio em certas modalidades esportivas.

Com esses dados, Martinadale *et al.* (2005) fazem a reflexão de que tipo de desenvolvimento é feito com os jovens, pois os melhores em idades menores não necessariamente representarão adultos bem-sucedidos. Para ampliar a discussão, os autores apresentam que apenas dois jogadores da seleção de futebol na Inglaterra, na época da elaboração da pesquisa, passaram por todos os níveis de seleções de base, trazendo à tona a adequação de uma análise a longo prazo, pois investir em atletas bem-sucedidos em idades inferiores pode não ser resposta direta de sucesso em idade adulta.

Martindale *et al.* (2005) defendem que o foco no desenvolvimento em longo prazo é muito importante e debatem sobre a operacionalização e direcionamento do

tal, devendo integrar um sistema multidirecional, envolvendo profissionais de diversas áreas, com “os objetivos e práticas de identificação e desenvolvimento de talentos em processo de treinamento, financiamento, recursos, avaliação, recompensa de treinamento, competição e estrutura de clube” (p. 355). Para os autores, esse multidirecionamento favoreceria a uma filosofia coerente na condução dos objetivos de desenvolvimento do jovem atleta, fazendo-se fundamental essa consideração sistemática do desenvolvimento a longo prazo.

Martindale *et al.* (2005) justificam que é mais fácil ignorar toda essa sistematização, mas que ela se faz importante na condução de sistemas incorporados ao ambiente “que influenciam os atletas, treinadores, pais e a sociedade” (p. 356). Os autores relatam que a especialização precoce é uma maneira clara de desconhecimento dessa sistematização, pois certamente ela é maléfica para o desenvolvimento a longo prazo, mas mesmo assim, muitos sistemas esportivos privilegiam jovens bem-sucedidos em grupos etários inferiores. Outro ponto reforçado pelos autores é que a especialização precoce pode reduzir a gama de atletas selecionáveis, pois a delimitação pelo desempenho pode gerar desestímulo para aos não selecionados, e por isso, se deve evitar a confusão entre a maturidade biológica e as suas contribuições ao desempenho esportivo em algumas modalidades (MARTINDALE *et al.*, 2005). Ademais, essa especialização prematura também pode desestimular os selecionados, como um exemplo, por sucumbir às pressões do resultado em competições esportivas (MARTINDALE *et al.*, 2005).

Para a evolução dessa perspectiva a longo prazo, sistematizada e implementada, se faz necessário o reforço em vários níveis, podendo ser um problema de implementação de práticas desenvolvimentistas coerentes (MARTINDALE *et al.*, 2005). O reforço de atos considerados corretos é fundamental para a criação de um ambiente harmônico, além do estabelecimento de metas individuais e para o grupo geral, estabilizando o sistema social e incentivando um contexto favorável que “ajuda a promover a compreensão e a motivação explicitamente dando sentido à função de uma organização, objetivos de longo prazo e vínculos entre os dois.” (MARTINDALE *et al.*, 2005, p.356).

Os autores acima citados relatam que se considerarmos o reforço (em esferas implícitas e explícitas) e a orientação (no sentido de metas), todos os atletas

jovens terão foco e pressão, podendo estimular padrões de desempenho, possibilitando o ganho financeiro ou oportunidades de seleção.

Assim, os autores relatam que algumas políticas de seleção e financiamento de atletas podem ir à contramão de seus objetivos. As seleções específicas visando à formação de equipes vencedoras em idades menores podem gerar certas expectativas em influenciadores dos jovens (família, treinadores e os próprios jovens), buscando recompensas como estímulo principal (MARTINDALE *et al.*, 2005). Portanto, para os autores, se faz necessário destacar a “necessidade de priorizar objetivos e métodos de longo prazo de forma mais explícita por meio de uma multiplicidade de contextos durante toda a vida útil do desenvolvimento esportivo” (p. 357).

A segunda premissa trata sobre o suporte e as mensagens abrangentes e coerentes. Martindale *et al.* (2005) retratam que é de extrema importância entender os efeitos que as mensagens vindas de diversos estímulos têm sobre os humanos. Então, segundo os autores, há uma clara mensagem que deve ser propagada, em que as políticas desenvolvimentistas internas e externas ao esporte devem buscar os objetivos à longo prazo, aplicando objetivos, filosofias e métodos coerentes, sem negligenciar a ampla gama de fatores associados ao desenvolvimento do esporte.

Outra defesa que os autores fazem é a inclusão de pais, escolas, colegas, treinadores e outras pessoas nessa ampla gama influenciadora dos jovens atletas, mas deve-se discernir influências positivas e negativas, as primeiras reforçando e as segundas reprovando (MARTINDALE *et al.*, 2005). Deve-se considerar que diferentes pessoas exercem influências diferentes em momentos diferentes do desenvolvimento, então, políticas desenvolvedoras devem atender todos os níveis de modelo para o atleta (MARTINDALE *et al.*, 2005).

Quando abordam a temática do contato entre os influenciadores no desenvolvimento, Martindale *et al.* (2005) trazem que a comunicação entre eles deve ser aberta e clara, não exclusiva entre treinadores e pais, mas englobando toda a gama de influenciadores citados anteriormente: “Parece que uma grande variedade de redes formais e informais, específicas de esportes e individuais, são cruciais para a progressão de muitos atletas mais jovens” (p. 359).

A terceira premissa elencada por Martindale *et al.* (2005) vem corroborando com a primeira, relatando que o enfoque deve ser relacionado ao desenvolvimento e não à seleção e resultados precoces. Para tal, os autores estabelecem uma



separação entre desempenho e potencial, sendo o primeiro como algo real, estabelecido no momento, já o segundo como algo a ser desenvolvido. Aqui temos a noção de que muitos processos seletivos enfatizam o desempenho e, como anteriormente dito, isto pode não ser um fator determinante de sucesso. Ficou claro que, em diferentes momentos do desenvolvimento do atleta, diferentes habilidades serão importantes, assim, algum atleta jovem que tem destaque por possuir uma certa habilidade em um momento, pode deixar de se destacar quando outra habilidade se tornar importante (MARTINDALE *et al.*, 2005).

Assim sendo, os organizadores de programas desenvolvimentistas devem levar em conta alguns fatores como a elaboração de ensinamentos integrados, mas não desconsiderando a especificidade contida em cada estágio de desenvolvimento, como algumas habilidades mentais fundamentais (Apego emocional, aprendizagem, desenvolvimento, desempenho e habilidades de vida), habilidades físicas fundamentais, habilidades específicas do esporte e equilíbrio (incentivando a responsabilidade, autonomia, a relevância pessoal e o entendimento do atleta, estimulando o comprometimento com o processo e a motivação intrínseca) (MARTINDALE *et al.*, 2005).

A quarta e última premissa levantada pelos autores é a de que o desenvolvimento deve ser individualizado e contínuo. Inicialmente Martindale *et al.* (2005) relatam que, na contramão da especialização precoce, deve-se disponibilizar o esporte para o maior número de jovens possível. Há que se respeitar a individualidade de cada jovem, tendo cautela e preocupação com momentos de transição importantes, para que não haja o abandono de certas atividades (MARTINDALE *et al.*, 2005).

Outro fator apresentado nessa premissa é que o estabelecimento de metas personalizadas e o sistema de revisão contínua das mesmas podem estabelecer um caráter de individualidade durante o desenvolvimento atlético, colaborando com sistemas formais e informais de comunicação para estabelecer um contato individual.

Martindale *et al.* (2005) relatam que esses pontos são muitas vezes integrados e dinâmicos, havendo interferências diretas entre eles. Assim, ao se tratar de uma análise de ambiente, os pontos devem ser analisados de forma separada, mas nunca devem ser totalmente excluídos entre si, pois se constituem de maneira integrada, holística e sistemática (MARTINDALE *et al.*, 2005).

O que fica claro pela pesquisa realizada é que há uma série de estudos que indicam caminhos, os quais apontamos como corretos na formação do ambiente desenvolvedor de atletas, mas que muitas políticas formadoras não se aproximam dessa literatura, aplicando programas formadores defasados e pouco efetivos (MARTINDALE *et al.*, 2005).

### 2.2.2 A evolução na pesquisa

Para complementar a revisão elaborada pelos autores em 2005, Martindale *et al.*, em 2007, realizaram uma pesquisa objetivando examinar os objetivos e sistemas que caracterizam a eficiência do ambiente desenvolvedor do talento. Basearam-se em entrevistas com 16 treinadores de diversos esportes, no Reino Unido, identificados como especialistas no desenvolvimento do talento.

A partir das entrevistas, os autores reforçaram as quatro premissas levantadas pela revisão bibliográfica de Martindale *et al.* (2005), fortemente influenciadoras do ambiente esportivo desenvolvimentista. Mas os autores também deixaram clara a intenção de apresentar mensagens e avisos metodológicos, servindo de caminho para treinadores, pesquisadores e gestores criticarem, revisarem e desenvolverem políticas mais efetivas de desenvolvimento esportivo.

Com intuito de exemplificar esses caminhos a serem seguidos e tentando evitar a repetição, analisaremos quais fatores Martindale *et al.* (2007) definiram importantes nessa pesquisa qualitativa. O primeiro fator é “a necessidade de um sistema integrado, em estágio panorâmico” (p. 202). Por mais que o estudo realizado tenha apontado o contexto de ambientes esportivos desenvolvedores efetivos em equipes e seleções nacionais em determinados grupos etários, toda a rede de clubes e escolas devem fazer parte de um sistema mais amplo de desenvolvimento. Assim o atleta seria compreendido como um todo, em todos os seus ambientes, desde faixas etárias inferiores, passando pelos estágios de diversão, gosto pelo esporte e evolução das habilidades fundamentais, pendendo ao futuro esportivo eficaz e evitando a seleção precoce, pois esses jovens já serão desenvolvidos em vários níveis (MARTINDALE *et al.*, 2007).

O segundo ponto considerado importante a partir dos dados coletados por Martindale *et al.* (2007), que corrobora com o primeiro levantado, é que, devido ao já apresentado desenvolvimento tardio e a relação diferenciada entre desenvolvimento e desempenho, essa gama de sistemas desenvolvedores de qualidade poderiam

ajudar a evolução dos atletas excluídos de seleções em idades inferiores, que ainda estariam praticando a modalidade e poderiam desenvolver seu potencial posteriormente.

O terceiro, e mais específico do país analisado, é que o sistema do Reino Unido encontra problemas que incluem

[...] a falta de objetivos coerentes entre os níveis de desenvolvimento e os caminhos claros de longo prazo; sistemas de comunicação deficientes; falta de fundos; potenciais efeitos prejudiciais dos estilos de vida da Universidade, e uma falta de uma "mentalidade cultural" para o trabalho duro, a auto-responsabilidade e auto-aperfeiçoamento (MARTINDALE *et al.*, 2007, p.203)

Ao analisar esses fatores, os autores deixam aberta aos leitores e pesquisadores uma análise dos sistemas desenvolvedores de esporte em suas localidades de análise, podendo encontrar, ou não, essas mesmas carências e outras mais peculiares de cada região estudada (MARTINDALE *et al.*, 2017).

O último ponto é a importância de todos os fatores analisados estarem presentes nos discursos de todos os entrevistados, enfatizando serem pontos importantes a uma prática efetiva, fornecendo um modelo eficaz de análise do desenvolvimento do talento (MARTINDALE *et al.*, 2007).

Mas este estudo possui falhas, como os próprios autores defenderam, de que há um número amostral pequeno, que o esporte em que os treinadores trabalhavam era um fator altamente determinante em suas respostas e que houve a análise de apenas uma parte do processo, os treinadores, excluindo pais e atletas (MARTINDALE *et al.*, 2007).

### 2.2.3 O TDEQ

Com intuito de evolução na análise dos fatores determinantes no ambiente de desenvolvimento esportivo, em 2010, Martindale *et al.*, publicaram o desenvolvimento do *Talent Development Environment Questionnaire* para o esporte. Este questionário tem como objetivo ser uma ferramenta de monitoramento eficiente para a análise do ambiente de desenvolvimento do talento esportivo, considerando os objetivos do ambiente e as características individuais do atleta (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Após a revisão feita por Martindale *et al.* (2005) e a aplicação prática de Martindale *et al.* (2007), surgiram novas quatro categorias fundamentais: “objetivos e métodos de longo prazo; mensagens e apoio abrangentes e coerentes; uma ênfase no desenvolvimento não inicial ‘sucesso’; e desenvolvimento individualizado e contínuo” (MARTINDALE *et al.*, 2010, p.1211). A partir do processo descrito anteriormente, surgiram 135 itens relevantes para compor o questionário (MARTINDALE *et al.*, 2010). Passando por um painel de especialistas em psicologia do esporte e responsáveis formais para o desenvolvimento esportivo no Reino Unido, formadores da segunda forma de validação, foi reduzido o número de itens para 106 (MARTINDALE *et al.*, 2010). Como terceira forma de validação, dois grupos de atletas em formação preencheram anonimamente o questionário e participaram de sessões de discussão, atribuindo grau de maior ou menor relevância para os temas propostos, retirando itens repetitivos e ambíguos, e o questionário foi finalizado com o número de 68 itens (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Após um teste de análise fatorial exploratória com 590 atletas em formação, de múltiplos esportes, homens e mulheres e com uma faixa etária ampla (13 – 20 anos), as comprovações estatísticas expuseram que nove itens deveriam ser excluídos com resultados baixos ou cruzados, sem perda alguma no objetivo do questionário (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Com as reformulações feitas, um novo estudo piloto de confiabilidade foi desenvolvido com os mesmos participantes do teste anterior, que comprovaram a fiabilidade do uso desse instrumento para futuras aplicações ou para análises reais do tema pesquisado (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Como consequência da análise fatorial, houve a redução para 59 itens, mas também houve mudanças claras nos fatores influentes de análise (MARTINDALE *et al.*, 2010). Como dito anteriormente, os estudos prévios dos autores ressaltavam quatro fatores num patamar de maior importância para a temática, mas as análises fatoriais e os painéis de especialista desmembraram certos itens e criaram novos, objetivando uma análise mais direta do atleta e de seu ambiente desenvolvidor. Isso resultou em sete fatores: foco no desenvolvimento a longo prazo; preparação de qualidade; comunicação; entendendo o atleta; rede de suporte; ambiente desafiador e de apoio; fundamentos de desenvolvimento de longo prazo (MARTINDALE *et al.*, 2010).

O primeiro fator, denominado “foco no desenvolvimento a longo prazo”, trata de analisar até que ponto as possibilidades de evolução ofertadas aos atletas estavam especificamente focadas em auxiliar o desenvolvimento de longo prazo dos mesmos (MARTINDALE *et al.*, 2010). Horn (2015) afirma que o ambiente estruturado e focado no desenvolvimento a longo prazo deve ser um fator a ser analisado para evitar essa especialização precoce, que comprovadamente traz uma série de malefícios ao atletas em desenvolvimento.

Outros pontos analisados por esse fator tratam habilidades psicológicas, atitudes e compreensões fundamentais para o desenvolvimento, sendo esses elementos diretamente relacionados à “responsabilidade, dedicação, habilidades de enfrentamento e compreensão” (MARTINDALE *et al.*, 2010, p.1215).

Com relação ao fator “preparação de qualidade”, este analisa como as experiências de treinamento, recuperação e competições são reforçadas e fornecidas por meio de orientações e oportunidades, objetivando a prática preparatória de qualidade (MARTINDALE *et al.*, 2010). Essas práticas devem auxiliar a preparação do atleta em formação, e são oferecidas por meio da qualidade na estrutura do treinamento, definição de metas, oportunidades de repetição, feedback, participação em competições de qualidade e recuperação, evitando a sobrecarga de treinamento e de jogos, o desgaste e a desmotivação (MARTINDALE *et al.*, 2010). O reforço das ações positivas e a análise das ações malsucedidas devem ser trabalhadas e analisadas de maneira a auxiliar os treinamentos, para obter um desenvolvimento do talento com qualidade (COYLE, 2010).

O terceiro fator aparente na análise de Martindale *et al.* (2010) é a “comunicação”, diretamente ligado à relação técnico e atleta, que analisa como o treinador se comunica com o jovem em ambientes formais e informais, “mais especificamente, a natureza do estabelecimento de metas, revisão e feedback, planejamento do desenvolvimento e ênfase na progressão para o nível sênior foram considerados importantes” (MARTINDALE *et al.*, 2010, p.1215). Logicamente é inegável a importância do treinador para o desenvolvimento do atleta, pois são uns dos poucos atores que se destinam a orientar os atletas de maneira técnica e psicológica (SHERWIN, 2016).

“Entendendo o atleta” é o quarto fator presente em Matindale *et al.* (2010). Ele analisa como o atleta se vê compreendido holisticamente pelo seu treinador, a partir do relacionamento desenvolvido entre os dois, pois compreender o atleta, sua

natureza individual, valores, autopercepção, objetivos, autonomia e expectativas, são fundamentais em uma progressão vitoriosa (MARTINDALE *et al.*, 2010). Neste ponto, podemos analisar a perspectiva de Coyle (2010), que em sua busca pelo desenvolvimento do talento, apresenta que os treinadores e professores das academias e escolas que visitou, não eram gerais e nem reis e rainhas, na sua maioria eram pessoas, mais velhas, focadas e preparadas para realizar ajustes pequenos nos erros dos seus alunos, mas que, principalmente, ouviam muito mais que falavam, quando falavam, pareciam saber o que a personalidade de cada atleta precisa escutar.

Quinto fator considerado determinante no ambiente é a “rede de suporte”, compreendida a partir da maneira como o atleta é auxiliado por uma rede de apoio emocional, perceptível, e informativo, estando de maneira acessível, abrangente e coerente para o atleta (MARTINDALE *et al.*, 2010). A rede multidisciplinar de trabalhadores como treinadores, psicólogos, nutricionistas, fisiologistas e muitos outros, que trabalham diretamente no auxílio ao desenvolvimento esportivo, é uma das ferramentas principais para o controle do ambiente por parte da instituição esportiva (GLEDHILL *et al.*, 2017).

O “ambiente desafiador e solidário” aparece na medida em que há um ambiente competitivo e repleto de desafios, mas com a solidariedade de auxílio entre os componentes do ambiente (MARTINDALE *et al.*, 2010). Os autores também relatam a importância do controle sobre esse ambiente desafiador, pois, “como em qualquer oportunidade de desenvolvimento, os desafios podem ser facilitadores ou debilitantes dependendo de como eles são tratados” (p.1216), podendo servir como desestimulador para o jovem praticante. Para Collins *et al.* (2016) um plano periodizado e progressivo, onde os desafios objetivem habilidades específicas, parece ser altamente contribuinte para o sucesso, pois se tem a importância da preparação dos atletas para a resolução dos desafios, e a avaliação e as reflexões devem ser de maneira positiva, para assim evitar o desestímulo.

O último fator levantado pelos autores é “fundamentos de desenvolvimento de longo prazo”, relacionado com o alcance em que as características principais das instituições, para um desenvolvimento contínuo, são empregadas. “Oportunidades contínuas, evitar a especialização precoce, o apoio dos pais e a autonomia do atleta” (MARTINDALE *et al.*, 2010, p.1216) são algumas características importantes que as instituições devem ter. Os atletas devem se envolver nas decisões de futuro a longo

prazo e os familiares tem papel importante nessas decisões, então não se deve excluí-los das características fundamentais de desenvolvimento, deixando a reflexão de como as instituições podem utilizá-los de maneira positiva (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Esse último fator é o ponto sobre o qual encontramos mais referências cruzadas com outros autores, já que pais, amigos, irmãos e outras pessoas são diretamente participantes dessa rede (CÔTÉ, 1999; COYLE, 2010; GLEDHILL *et al.*, 2017; MORLEY; BAILEY, 2016; SIEKAŃSKA, 2012). Os familiares são influentes desde as atividades ofertadas, até as possíveis escolhas de futuro (CÔTÉ, 1999; SIEKAŃSKA, 2012), e irmãos e amigos são pessoas altamente importantes nas atividades lúdicas e de estilo de vida dos atletas (COYLE, 2010 ; MORLEY; BAILEY, 2016).

Com isso posto, os autores reconhecem algumas limitações no instrumento elaborado por eles, mas também destacam que o mesmo é importante como modelo avaliativo formativo do ambiente, trazendo reflexões e melhoras contínuas para os gestores das instituições esportivas (MARTINDALE *et al.*, 2010).

Em 2012, Martindale *et al.* publicaram o teste de validade ecológica do questionário elaborado por eles. Foram analisadas dez instituições ou ambientes, separadas em qualidade “superior” e “inferior”, com 99 atletas, com idades entre 11 e 21 anos (MARTINDALE *et al.*, 2012).

Entre os resultados, a maior discrepância estatística entre os níveis de ambiente ficaram entre os fatores 2 e 4 (Preparação de Qualidade e Compreendendo o Atleta), mas Martindale *et al.* (2012) ressaltam uma possível falha na seleção dos contextos, pois todos eram fomentados pelos órgão governamentais nacionais, tornando os ambientes de qualidade “inferior” não tão inferior assim, “mesmo assim, os resultados demonstram que o questionário tem boa validade ecológica e, como tal, pode ser usado com mais confiança” (p. 45).

Com essa comprovação existente da validade do questionário, vários pesquisadores começaram a sua aplicação. Vamos revisar alguns trabalhos que continham o TDEQ como instrumento de pesquisa e seus resultados no próximo ponto.



#### 2.2.4 TDEQ ao redor do mundo

Embora já utilizado em outros países, como Singapura (WANG *et al.*, 2011), Coréia do Sul (LEE; KIM; CHOI, 2012), Inglaterra (MILLS *et al.*, 2014) e Suécia (IVARSSON *et al.*, 2015), o questionário intitulado *Talent Development Environment Questionnaire*, desenvolvido por Martindale *et al.* (2010), ainda não é utilizado em pesquisas brasileiras. Esse questionário objetiva simplificar a avaliação, divulgação e utilização de processos-chave que tenham sido identificados, através de pesquisas, como essenciais para a evolução de talentos (RODRIGUES, 2013). A partir da literatura, o questionário foi feito com base em quatro áreas importantes: objetivos e métodos em longo prazo, mensagens coerentes e de apoio, ênfase no insucesso no desenvolvimento inicial e desenvolvimento individualizado e contínuo (MARTINDALE *et al.*, 2005).

As áreas surgiram após uma análise vasta da literatura sobre o desenvolvimento de talento e têm o objetivo de transparecer uma visão global sobre a temática. (RODRIGUES, 2013). A evolução do questionário revelou uma estrutura de sete fatores: foco no desenvolvimento a longo prazo; preparação de qualidade; comunicação; compreensão do atleta; rede de apoio; contexto desafiador e de apoio; e fundamentos de desenvolvimento a longo prazo. Estes fatores estão divididos em 68 itens presentes no questionário (MARTINDALE *et al.*, 2012).

Por ser um modelo de avaliação que utiliza medidas de processo baseado em evidências, o questionário *Talent Development Environment Questionnaire* (TDEQ), que foi previamente testado por Martindale *et al.* (2012), teve grande resultado no potencial de auxílio para avaliação e no acompanhamento da formação do talento esportivo (MARTINDALE *et al.*, 2012). O TDEQ foi aplicado por alguns outros autores, que apontaremos nos próximos parágrafos, para compreender os modelos de ambiente e a interferência destes modelos nas aspirações, no estresse e percepção da qualidade do ambiente de treinamento destes jovens.

Wang *et al.* (2011) fizeram uma pesquisa com 374 atletas (217 meninos, 150 meninas e 7 que não identificaram seu gênero) entre 12 e 17 anos, com o objetivo de analisar como o ambiente desenvolvidor do talento impacta nos objetivos almejados e nas pretensões de vida dos jovens atletas Singapurenses. Para atingir o objetivo eles buscaram instrumentos analíticos distintos que pudessem se complementar, possibilitando a resposta à questão que levantaram. Os instrumentos utilizados foram quatro, incluindo o TDEQ: o *Basic Psychological Needs Scale*

desenvolvido por La Guardia *et al.* (2000), que busca compreender os fatores de competência, autonomia e relacionamento no nível de satisfação do ambiente de desenvolvimento do atleta; o *Achievement Goal in Sport Questionnaire* (AGSQ) desenvolvido por Wang *et al.* (2007), que mede quatro objetivos de realização no contexto esportivo; e o *Life Aspiration Inventory* (KASSER; RYAN, 1996) que avalia seis objetivos de vida para os atletas estudantes.

Com isso, os resultados do estudo de Wang *et al.* (2011) mostraram algumas perspectivas importantes de jovens atletas em um ambiente de treinamento de alto desempenho: quanto maior a autonomia, maior será a meta estabelecida por fatores do ambiente, e que a maior competência leva a maior perseguição de objetivos intrínsecos e extrínsecos, além disso concluíram que o relacionamento mais intenso é negativamente associado com uma perseguição externa do objetivo. Outros pontos relevantes do estudo são que, com grande rede de apoio, o atleta se sente motivado a elaborar intrinsecamente objetivos mais altos. Por outro lado, a falta de preparação e de compreensão sobre o atleta resultará em um penoso objetivo extrínseco. Com isso, fica clara a importância para treinadores e gestores terem em consideração fatores como o foco no desenvolvimento longínquo, rede de apoio, preparação de qualidade e compreensão dos atletas, ao projetarem um programa de desenvolvimento de talento eficaz, e principalmente com o ambiente formador do atleta podendo ser determinante para o estabelecimento de metas próprias e externas aos atletas.

Lee, Kim e Choi (2012) analisaram o impacto do TDEQ no objetivo de realização dos atletas de esporte universitários coreanos, relacionado com o *Achievement Goal in Sport Questionnaire* (AGSQ) desenvolvido por Wang *et al.* (2007), já citado anteriormente. Os resultados obtidos a partir da análise de 274 indivíduos universitários (166 homens e 108 mulheres) explicitaram diferenças entre os sexos em alguns fatores: as variáveis de desenvolvimento de longo prazo e de comunicação de atletas universitários do sexo masculino se mostraram substancialmente mais influentes do que as atletas universitárias do sexo feminino. Já a falta de compreensão das atletas era substancialmente superior que dos atletas do sexo masculino.

Em 2013, Rodrigues publicou sua dissertação, na qual examina a perspectiva de 161 atletas de futebol em Portugal, todos do sexo masculino, com intuito de investigar as diferenças entre equipes da primeira divisão nacional e

equipes distritais. Não houve dados representativos de diferenças entre as equipes de diferentes níveis no futebol português, mas foi notado que as condições de desenvolvimento podem ser semelhantes em clubes de níveis diferentes e clubes de níveis iguais podem ter condições diferentes de desenvolvimento. Outro fator apresentado é que clubes em contextos superiores focam no desenvolvimento total de seus atletas e clubes de contextos inferiores focam mais no desenvolvimento a longo prazo (RODRIGUES, 2013).

Outro estudo que tem como instrumento principal o TDEQ, desta vez elaborado por Mills *et al.* (2014), analisa a percepção dos jogadores jovens, da elite do futebol inglês, sob a qualidade do seu ambiente de desenvolvimento. O estudo foi feito com 50 jogadores entre 16 e 18 anos, inscrito nas academias da *Premier League and Championship* na Inglaterra. Os resultados indicam que os ambientes de desenvolvimento das formações de atletas são considerados de boa qualidade. Entretanto, apenas as categorias de treinamento, organização e apoio ao esporte foram consideradas fortes. As áreas psicossociais como compreensão do atleta e evoluções para subir de categoria, foram consideradas fracas, além da relação com os pais ser um ponto a ser trabalhado positivamente. Com isso podemos apontar o TDEQ como um importante instrumento de análise social para a compreensão do ambiente, como no estudo de Mills *et al.* (2014).

Ivarsson *et al.* (2015) objetivaram examinar a percepção da capacidade preditiva do ambiente de desenvolvimento de talentos sobre o bem-estar de jovens jogadores da elite de futebol sueca. O estudo contou com 195 jogadores de futebol suecos, entre 13 e 16 anos, inscritos nas academias de futebol de elite. Além de contar com o TDEQ, o estudo cruzou os dados obtidos com o *RESTQ-Sport* de (KELLMAN; KALLUS, 2001), que objetiva medir o impacto físico e mental do treinamento e do estresse no esporte de rendimento. O resultado obtido se faz na relação de que os atletas que têm a percepção do apoio em seu desenvolvimento a médio e longo prazo são menos propensos ao estresse que os outros atletas. Assim, ter um ambiente de qualidade resulta em um melhor bem-estar de seus atletas.

No ano de 2016, Wang *et al.* desenvolveram um estudo objetivando a comparação entre Singapura e Coréia, analisando a percepção do ambiente, metas, realização e sucesso percebido, entre gêneros dos dois países. Contando com 363 atletas de Singapura e 349 da Coréia, os autores utilizaram instrumentos de avaliação complementares. Além do TDEQ, foram utilizados dois questionários, o

*The 2x2 achievement goals in physical education questionnaire* (AGPEQ), desenvolvido por Wang *et al.* (2007) - que mede quatro objetivos de conquista intrínseca dos atletas -, e o *Basic Psychological Needs Scale* desenvolvido por La Guardia *et al.* (2000), utilizado para mensurar a necessidade de sucesso no ambiente desenvolvedor de talentos (WANG *et al.*, 2016). Como resultados, podemos ver que o ambiente, comprovado empiricamente, é altamente influenciado pelo sucesso e as suas metas de realização, sendo os homens focados mais no desenvolvimento a longo prazo, rede de apoio, comunicação e fundamentos de desenvolvimento a longo prazo, enquanto as mulheres obtiveram maior pontuação nas metas de autocontrole (WANG, 2016). Em termos de natureza ambiental dos dois países, não há muita diferença, mas no controle de metas e percepção do sucesso, podemos ver que os atletas coreanos se sentem em um ambiente mais competitivo, já os atletas de Singapura apresentam maior percepção de sucesso (WANG, 2016).

Costa *et al.* (2017) lançaram um estudo para analisar a diferença de ambiente em 28 clubes de natação portugueses. Estes clubes foram separados em três níveis, com base no desempenho médio do clube, e contavam com 207 atletas em desenvolvimento. Após a aplicação do TDEQ e da análise dos dados, pôde-se ver que não houve diferenças significativas no ambiente desenvolvedor do talento. Os dados diferiam apenas em três fatores, mas sem nível estatístico que comprovassem a influência do ambiente no referido contexto (COSTA *et al.*, 2017).

Outros estudos foram elaborados a partir do TDEQ, mas não utilizaram o questionário completo. Kunasegaran *et al.* (2018) trabalharam sobre os fatores do ambiente desenvolvedor de talentos na Malásia, utilizando apenas de algumas perguntas referentes ao fator foco no desenvolvimento a longo prazo, além da criação de uma categoria denominada foco no trabalho, cujos pontos como expectativa, flexibilidade e apoio foram retiradas do TDEQ.

Alguns autores como Li *et al.* (2015), Li *et al.* (2016) e Li *et al.* (2017), desenvolveram estudos sobre uma versão mais compacta do TDEQ, que considera apenas cinco fatores e é composto por 25 perguntas, mas como mencionado anteriormente, as perguntas de um dos instrumentos desta dissertação foram baseadas no questionário mais completo. Portanto, não nos aprofundaremos em artigos que utilizaram outra versão do mesmo.

### 3 MODELO (BIO)ECOLÓGICO DE COMPREENSÃO DO AMBIENTE

Para evoluir na compreensão da influência do ambiente em resultados esportivos, optamos por entender e aplicar analiticamente conceitos da psicologia desenvolvimentista. Entre vários teóricos e estudiosos do assunto, nossa escolha foi pelo russo radicado nos Estados Unidos Urie Bronfenbrenner, o qual, com sua teoria bioecológica do desenvolvimento humano, buscou entender como o ambiente pode influenciar o comportamento e desenvolvimento do sujeito.

Com formação nas áreas da psicologia e música, doutor em psicologia do desenvolvimento, Bronfenbrenner foi psicólogo do exército americano durante a Segunda Guerra. Sua influência para a vertente do desenvolvimento veio do convívio no Instituto para deficientes mentais de Nova York, local em que o pai era médico e diretor.

Sua teoria começou a se desenvolver na década de 70 com o nome de teoria ecológica do desenvolvimento humano, com a evolução, por meio de modificações, de temas como: o enfoque maior nos papéis desempenhados pelo indivíduo, os processos desenvolvimentais, o impacto do tempo e os processos proximais, culminando na teoria ecológica do desenvolvimento humano (ROSA e TUDGE, 2013).

Neste capítulo, começaremos apresentando o que o autor entende como ecologia do desenvolvimento, seus principais elementos e definições. Após, iremos explicar a evolução da teoria ecológica para a bioecológica, os pontos principais dessa evolução e o modelo de análise proposto pelo autor.

#### 3.1 MODELO ECOLÓGICO AMBIENTAL

Segundo o autor, o sujeito é o núcleo de um ambiente, que interage com o mesmo, modificando-o e influenciando-o, mas que, ao mesmo tempo sofre influência e se modifica a partir desses ambientes (BRONFENBRENNER, 1996). Outro ponto analisado é a expansão da compreensão do ambiente influenciador do indivíduo, não ficando restrito ao contexto imediato, mas sim às interconexões entre diversas esferas ambientais, como influências originadas de decisões tomadas em meios mais amplos. Por essa lógica, o indivíduo em desenvolvimento reestrutura e é

influenciado pelo ambiente, estando no centro de uma entidade dinâmica (STEFANELLO, 1999).

A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos (BRONFENBRENNER, 1996, p.18).

Assim, Bronfenbrenner (1996) ressalta a importância de estudar as relações dinâmicas entre a pessoa em desenvolvimento e os ambientes, ou contextos, em que elas estão inseridas. Pela ótica do autor, o desenvolvimento humano é gerado a partir de um conjunto de sistemas dinâmicos que interagem entre si e com o indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996).

Durante o desenvolvimento de sua tese, o autor gerou parâmetros básicos de um modelo teórico diferente dos aplicados em sua época, a partir das influências de amplo alcance que o ambiente exerce no desenvolvimento. O modelo ecológico só se aplica quando se emprega um modelo teórico que possibilite a observação, que seja metodologicamente rigoroso e que resulte em implicações importantes para as áreas das ciências sociais e das políticas públicas (BRONFENBRENNER, 1996).

Corroborando com o nosso sistema de análise de observação, Bronfenbrenner (1996) destaca a importância da análise do indivíduo ser estabelecida diretamente no ambiente natural de convívio a ser analisado, pois “existem evidências de diferenças consistentes no comportamento de crianças e adultos observadas em laboratório e nos ambientes concretos da vida” (p. 06). Assim a nossa observação *in loco* trará maior confiabilidade de análise das situações geradas nos ambientes reais dos jovens atletas, mesmo com a limitação de alguns dias apenas em cada ambiente.

Stefanello (1999) constata que a teoria levantada por Bronfenbrenner desvia dos conteúdos padrão da psicologia do desenvolvimento, relatando a importância da investigação no ambiente real de atuação desses indivíduos em desenvolvimento, para melhor compreensão científica da evolução intrapsíquica e interpessoal.

Outro ponto importante do desenvolvimento teórico de Bronfenbrenner (1996) é o avanço da análise do alcance ambiental. Nesse modelo teórico os ambientes não se separam apenas por referência e variáveis lineares, mas são

compreendidos como sistemas, englobando suas estruturas, conteúdos e interações. Desse modo, o experimento ecológico utiliza um modelo conjunto de prática e teoria, em que o importante para o desenvolvimento e comportamento “é o ambiente conforme ele é percebido, e não conforme ele poderia existir na realidade objetiva” (p. 06).

Temos consciência de que, para a elaboração da sua integração teórica, Bronfenbrenner utiliza análises elaboradas sobre o desenvolvimento infantil, mas ao analisar a teoria ecológica desenvolvimentista, o autor relata que essa teoria fornece

um esquema conceitual unificado, mas altamente diferenciado, para descrever e inter-relacionar estruturas e processos no meio ambiente imediato e mais remoto, que modelam o curso do desenvolvimento humano durante toda a vida (1996, p.11).

Assim, a análise ecológica desenvolvimentista acaba por ser um mapa teórico, para se explorar o desenvolvimento do contexto humano em todas as fases etárias. Dentre os principais conceitos na teoria ecológica do desenvolvimento humano, apresentaremos a seguir o ambiente, o desenvolvimento e os sistemas Micro, Meso, Exo e Macrossistemas, contemplando suas nuances e subitens responsáveis pela definição de cada conceito.

### 3.1.1 Ambiente Ecológico

A principal definição de ambiente na perspectiva ecológica retrata a constituição estrutural do mesmo, em que é entendido com uma série de estruturas encaixadas uma dentro da outra. Bronfenbrenner (1996) utiliza a comparação das bonecas russas, em que a menor se encaixa no interior da maior, e assim por diante.

No seu nível mais interno, ou micro, fica o que é caracterizado de ambiente imediato, constituído de pequenos grupos, com relações mais diretas, ou face a face, como a casa, um grupo de amigos, a sala de aula e, no nosso caso, a equipe de treinamento.

Elevando para o segundo nível ambiental, ou meso, o autor argumenta que cada interconexão é tão diretamente responsável pelo desenvolvimento quanto os acontecimentos que surgem em um determinado contexto. Exemplificando,



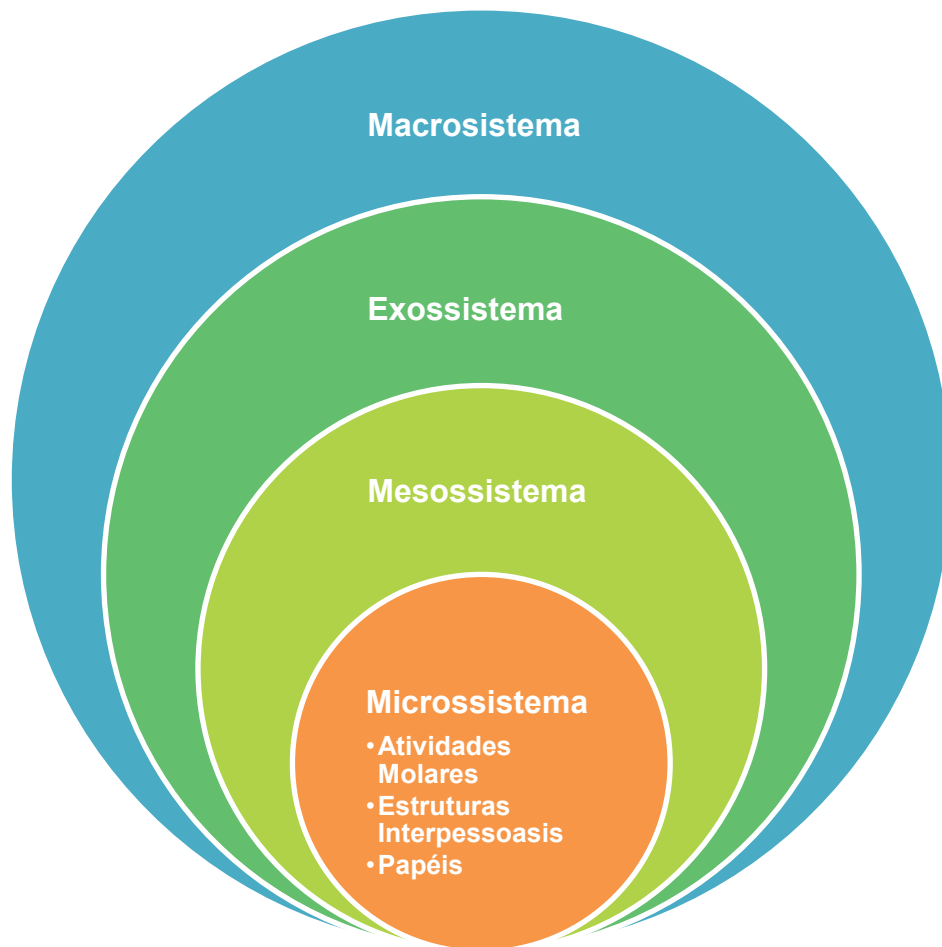
podemos estabelecer que a capacidade de cada indivíduo desenvolver uma habilidade surge tanto da maneira como essa é ensinada, quanto da integração de dois, ou mais, ambientes que ele está inserido. Assim, o desenvolvimento da habilidade de ler, está diretamente ligado à maneira que essa habilidade é ensinada, mas também depende da natureza e comunicação entre a escola e a família do indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996). Aqui, podemos estabelecer a relação entre o estímulo por parte da família do atleta sobre a continuidade do mesmo em certa modalidade esportiva.

O terceiro nível apresentado, ou exo, é o nível onde as pessoas sofrem influência direta pelos eventos que ocorrem em esferas ambientais que o indivíduo não necessariamente está presente. Como as condições de trabalho dos pais, decisões tomadas pelo corpo diretivo da escola e, aproximando ao nosso caso, mudanças diretivas na entidade esportiva a qual o adolescente pertence (BRONFENBRENNER, 1996).

O último nível, ou macro, está presente diretamente em todos os três níveis anteriores, em que a cultura ou subcultura caracterizam uma semelhança entre ambientes de certo tipo (casas, escolas, ruas e escritórios), ao passo que, em diferentes culturas, os ambientes são distintos. Como caráter de exemplo, podemos analisar que em cada sociedade, há um modelo ambiental a ser seguido, mas esse modelo não é fixo, podendo ser alterado e, logo, produzir mudanças no desenvolvimento dos seus indivíduos. Crises econômicas, mudanças de formas de governo, alternância entre as classes sociais, guerras ou a simples mudança de cidade, estado ou país, podem interferir positiva ou negativamente no desenvolvimento do indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996). Exemplificando com a realidade esportiva brasileira, a maneira da condução dos modelos de bolsas para atletas, faz com que as entidades trabalhem com foco maior nas competições que são premiadas por esse modelo de financiamento.



FIGURA 1 – O SISTEMA AMBIENTAL DA TEORIA ECOLÓGICA



Fonte: O autor, adaptado de Bronfenbrenner (1996).

A influência do contexto no indivíduo não é igual para todas as situações. Diferentes eventos se localizam e acontecem em diferentes ambientes, dessa maneira, cada ambiente pode influenciar cada indivíduo de maneira distinta (BRONFENBRENNER, 1996).

Quando se trata das diferenças entre os tipos de ambiente, Bronfenbrenner (1996) relata que é necessário verificar a estrutura de cada ambiente, assim não há a distinção por meio de referências a variáveis lineares, pois os ambientes são analisados por meio de sistemas. Dessa maneira, a capacidade desenvolvimentista de um ambiente depende diretamente das interconexões sociais entre os ambientes. Essas interconexões são expressas a partir de díades (relação entre duas pessoas), tríades, tétrades e estruturas mais amplas, preferencialmente localizadas em ambientes diversos (BRONFENBRENNER, 1996).

Como dito anteriormente, o meio ambiente ecológico de Bronfenbrenner (1996) pode ser percebido como aquele que influencia e é influenciado pelo sujeito, concebido estruturalmente como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, cada estrutura inferior está contida na seguinte. Essas estruturas são diferenciadas pelo nível de interação dos indivíduos com o ambiente, sendo definidos como microssistemas, mesossistemas, exossistemas e macrosistemas (BRONFENBRENNER, 1996).

Todos os níveis do sistema ecológicos dependem uns dos outros. Por isso, há a necessidade de uma participação conjunta entre os diferentes contextos e de uma comunicação entre eles. A capacidade de formação de um sistema depende também diretamente da existência das interconexões sociais entre esse sistema e outros (BRONFENBRENNER, 1996).

São esses sistemas que determinam o funcionamento ambiental, existindo uma correspondência entre o lugar em que se situam nesse sistema e suas características de funcionamento. A pessoa é um organismo ativo nessa estrutura, como um sistema encravado dentro de outro, se muda algum elemento fundamental para o funcionamento, todo o conjunto muda, mudando assim as características de cada sistema e do desenvolvimento da própria pessoa (BRONFENBRENNER, 1996).

Por essa importância sistematizada apresentada por Bronfenbrenner (1996), vamos detalhar os principais elementos e características de cada sistema.

### 3.1.2 Microssistema

Como vimos, o ambiente na sua concepção ecológica é muito mais que a situação imediata da relação de objetos ou interpessoal direta. As conexões estabelecidas entre outras pessoas que compõem o ambiente, a natureza relacional dessas conexões e a maneira que as mesmas podem influenciar direta ou indiretamente os indivíduos em desenvolvimento, devem ser altamente consideradas, esta rede intrincada de conexões presentes no ambiente imediato, é conceituada como Microssistema (BRONFENBRENNER, 1996; LERNER, 2012).

Em outras palavras, “um microssistema é um padrão de atividades, papéis, e relações interpessoais experienciados<sup>1</sup> pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos” (BRONFENBRENNER, 1996, p.18).

O ambiente é o local em que há a facilidade de interação face a face, os fatores de atividade, papel e relação interpessoal são os blocos construtores, ou os elementos do microssistema (BRONFENBRENNER, 1996).

### 3.1.2.1 Atividades Molares e a Natureza

Para compreender os elementos principais do microssistema, tenta-se explicar as atividades molares, pois elas “constituem a manifestação principal e mais imediata tanto do desenvolvimento do indivíduo, quanto das forças ambientais mais poderosas que instigam e influenciam o desenvolvimento – as ações das outras pessoas” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

Assim, as atividades molares indicam o grau e natureza do crescimento psicológico, se constituindo no principal meio de influência direta do ambiente sobre o indivíduo em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996). Há também a diferenciação entre comportamento e atividade molar, pois as atividades molares são sempre formas comportamento, mas o inverso nem sempre é verídico, pois nem todos os comportamentos são significativos como expressão ou defluência do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

As atividades podem ser compreendidas como diversas formas de comportamento, mas as atividades molares não são gerais, como todos os modelos de atitude, já que não são todas que influem no desenvolvimento e nem são resultados do mesmo (STEFANELLO, 1999).

Ainda, há comportamentos denominados de moleculares, que são tão breves que sua importância é mínima, já alguns perduram por mais tempo, mas não expressam um significado importante para os participantes do ambiente

---

<sup>1</sup> Sobre o termo experienciado, Bronfenbrenner (1996) aponta que não só a partir das propriedades objetivas do ambiente, que se indiciam as características cientificamente relevantes do mesmo, a maneira como a pessoa percebe tais propriedades, são de suma importância para caracterizar um ambiente. Assim se mostra a preferência do autor pela visão fenomenológica, pois os mais importantes aspectos do meio ambiente, que influenciam na formação do crescimento psicológico são os que têm certos significados para o indivíduo em uma determinada situação (BRONFENBRENNER, 1996).

(BRONFENBRENNER, 1996). Então, as atividades molares são constituídas de persistência temporal e importância significativa no campo fenomenológico dos indivíduos do ambiente (STEFANELLO, 1999).

Na definição de Bronfenbrenner (1996), “uma atividade molar é um comportamento continuado que possui um momento próprio e é percebido como tendo significado ou intenção pelos participantes do ambiente” (p. 37).

Nessa definição, os termos molar e continuado são para dar caráter excedente ao evento momentâneo, sendo processos contínuos, transmissores, aquém de um simples ato (os atos são puramente moleculares e são instantâneos, como um sorriso, um aceno e uma breve conversa de uma pergunta e uma resposta). As atividades molares são mais duradouras, como ler um livro, manter um longo diálogo ao telefone, construir uma torre com cubos e preparar uma refeição (BRONFENBRENNER, 1996). Conforme há a evolução do humano em desenvolvimento, ele consegue realizar mais de uma atividade molar ao mesmo tempo, como cuidar dos filhos e cozinhar, demandando uma duplicidade na atenção dirigida a atividade (BRONFENBRENNER, 1996).

Outro ponto importante das atividades molares, que Bronfenbrenner (1996) desenvolveu através das teorias de Lewin (1935), Ovsiankina (1928) e Birenbaum (1930), é a caracterização de um momento próprio (quantidade de movimento, impulso), um sistema de tensão persistido ao longo do tempo, em que há certa resistência de interrupção até a finalização da atividade, que em grande parte dos casos, derivam da intenção de realizar tal atividade. Nas atividades como dormir, não se percebe a intenção na forma de um objetivo consciente, mas existe a intenção na ausência (se o indivíduo não dormir o suficiente, sente sono), assim, o objetivo, mesmo caracterizado pela ausência, é fundamental na definição da atividade.

Então, as atividades variam no nível e complexidade das intenções que as inspiram, essas variações são caracterizadas por domínios subjetivos e domínios da estrutura do objeto. O primeiro retratará a perspectiva temporal, que é a maneira que o executante percebe a atividade apenas como momentânea, ou como um fragmento temporal, dentro de um processo cronológico mais amplo, englobando o passado e o futuro (BRONFENBRENNER, 1996; FOLLE *et al.*, 2017). O segundo domínio é o da estrutura de objetivo, sendo ele direto (subir em uma escada para pegar um livro na prateleira mais alta), ou como uma sequência de etapas pré-

planejadas, focando em atingir um objetivo mais amplo (treinamento de certos movimentos que vão permitir um melhor desempenho esportivo, ou guardar dinheiro, pensando em comprar algum bem) (BRONFENBRENNER, 1996).

Uma dimensão de variação em complexidade adicional as duas apresentadas anteriormente é a variação da “extensão em que invocam objetivos, pessoas e eventos não concretamente presentes no ambiente imediato” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 38). Essa dimensão se refere a eventos, acontecidos em outros ambientes, ou a outros momentos, refletindo uma amplificação do mundo fenomenológico para além da situação imediata, através de conversas, histórias e representação icônica, transmitidas por diversos indivíduos e até mesmo pelos meios de comunicação. Estimulando a capacidade de elaboração de um “mesossistema mental” (p. 39), em que o indivíduo em desenvolvimento estabelece uma relação entre diferentes ambientes (BRONFENBRENNER, 1996).

Mesmo quando as atividades de uma pessoa estão restritas às experiências no e do ambiente imediato, elas podem assumir uma ordem mais elevada de complexidade através da introdução de um outro elemento do microssistema, as *relações com outras pessoas*. Embora muitas atividades molares possam ser executadas solitariamente, algumas necessariamente envolvem interações com outras pessoas (BRONFENBRENNER, 1996, p. 39).

Assim, o fato do indivíduo constituir ligações interpessoais complexas, por conta própria, demonstra que, conforme há a expansão do mundo fenomenológico do indivíduo em desenvolvimento, ela passa a participar ativamente do ambiente e será capaz de modificar e ampliar sua disposição e natureza (BRONFENBRENNER, 1996). Deste modo, pode-se concluir que as atividades desenvolvidas pelos indivíduos têm caráter elementar na formação do mesmo, mas as atividades realizadas por outras pessoas presentes no ambiente também fazem parte do campo psicológico do indivíduo, tanto por envolver esse indivíduo em atividades, quanto por atrair sua atenção (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Logo se nota a importância de estudar as relações entre as pessoas constituintes do ambiente, a maneira que essas relações podem ser compostas e suas influências sobre os indivíduos em desenvolvimento.

### 3.1.2.2 Estruturas Interpessoais

Antes de tentar entender a maneira que as relações interpessoais afetam o ambiente e o desenvolvimento humano, é necessário entender como essas relações se estruturam. Para tal, Bronfenbrenner (1996) relata que, sempre que há uma relação direcionada aos participantes, se estabelece um mínimo necessário definidor para a existência de uma díade.

Assim, a díade e seus variantes passam a ser os conceitos-chave para o entendimento das relações interpessoais, sendo a díade estabelecida sempre por duas pessoas que “prestam atenção nas atividades uma da outra ou que delas participam” (p. 46).

O modelo diádico de análise é importante para o desenvolvimento, pois estabelece um âmbito crítico para o desenvolvimento e serve como apoio principal da constituição do microssistema, sendo a primeira de várias formações interpessoais mais amplas ( $N + 2$ ), tríades, tétrades e assim segue (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999). Essa relação didiádica se estabelece ao vermos o atleta e seu treinador trabalhando sobre determinada habilidade. Quando existem dois atletas e um treinador, que passa instruções diretas e relativas aos dois, podemos ver a formação de uma tríade. Quando o treinador passa alguma orientação para todo um grupo de prova, se estende esse modelo diádico evoluindo para tétrade em diante.

Potencialmente falando, a díade pode estimular o crescimento psicológico a partir de três formas de funcionamento distintas: a observacional, a de atividade de atividade conjunta e a primária (BRONFENBRENNER, 1996).

A primeira forma diádica, a observacional, é estabelecida quando um indivíduo presta atenção aplicada e continuada à atividade que o outro realiza, e esse segundo indivíduo reconhece a disposição demonstrada pelo primeiro. (BRONFENBRENNER, 1996).

Esse tipo de díade, obviamente satisfaz as condições mínimas necessárias para a aprendizagem observacional, mas estipula uma exigência interpessoal adicional: a atividade da outra pessoa não só deve ser um foco de atenção, como aquela pessoa também precisa dar alguma resposta aparente à atenção sendo demonstrada (BRONFENBRENNER, 1996, p. 46).

Como exemplo de díade observacional, podemos ver a observação de um indivíduo que está cozinhando e comentando com o observador alguns fatores

fundamentais da culinária, ou quando um indivíduo observa com atenção os movimentos de marcha atlética de um colega, enquanto lhe explica alguns pontos fortes que desenvolveu para melhorar o desempenho (BRONFENBRENNER, 1996). Nota-se sempre que a realização da atividade é dada pelo outro indivíduo, mas que pode facilmente passar para o outro nível de díade (STEFANELLO, 1999).

A díade de atividade conjunta é a segunda forma diádica, que é aquela a qual os dois indivíduos participantes percebem realizar determinada atividade conjunta, mas não necessariamente a mesma atividade; as atividades realizadas por cada participante podem ser um pouco diferente, mas se complementam, sendo parte de um padrão integrado (BRONFENBRENNER, 1996).

Uma díade de atividade conjunta apresenta condições especialmente favoráveis não só para a aprendizagem no curso da atividade comum, mas também para uma crescente motivação para buscar e complementar a atividade quando os participantes não estiverem mais juntos (BRONFENBRENNER, 1996, p. 47).

Exemplificando a atividade conjunta, podemos ver o cozinhar de uma mãe que mostra os ingredientes do prato ao seu filho, que diz o nome dos mesmos, ou enquanto um atleta realiza um movimento lentamente, e o treinador explica e corrige possíveis erros de execução que esse atleta realiza. A díade de atividade conjunta tem seu poder desenvolvimental derivado do fato da mesma se tornar mais intensa, apresentando, em grau variado, algumas propriedades de todas as díades: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva, as quais são pontos fundamentais das relações interpessoais (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Em todas as atividades conjuntas, o que um indivíduo faz influencia o outro, sendo assim, as atividades devem ser coordenadas, favorecendo a aquisição de habilidades de interação e estimulando a evolução do conceito de interdependência, fundamental para o desenvolvimento cognitivo (BRONFENBRENNER, 1996).

A reciprocidade, ou o feedback mútuo, produz um momento próprio de motivação dos participantes, não só na continuação da atividade, mas também a ingressarem em padrões interativos mais complexos, resultando “na aceleração do ritmo e aumento da complexidade dos processos de atividade” (BRONFENBRENNER, 1996, p.47).

Outro fator determinante da reciprocidade é a transferência do momento para outros lugares ou momentos, ou seja, há uma tendência de o indivíduo voltar a realizar determinada atividade com o primeiro executante, ou em outros ambientes, com outros indivíduos ou até mesmo sozinho, produzindo efeitos desenvolvimentais poderosos (BRONFENBRENNER, 1996).

Em uma díade recíproca, em que os participantes tenham o mesmo nível hierárquico, um dos indivíduos pode ser mais influente que o outro, e essa relação de dominância de um indivíduo sobre outro se denomina equilíbrio de poder (BRONFENBRENNER, 1996). Essa relação de dominância é de fundamental importância desenvolvimental, pois os indivíduos aprendem a contextualizar e lidar com relações em diferentes níveis. Essa aprendizagem, sendo fundamental, auxilia o desenvolvimento social e cognitivo, já que as relações de poder podem representar os fenômenos físicos e sociais em diversos ambientes (BRONFENBRENNER, 1996).

Mais um ponto significativo é o evidenciamento de que, quando o poder vai se transferindo, relativamente, para o indivíduo em desenvolvimento, nota-se uma situação considerada ótima para o desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

As relações afetivas são caracterizadas pelos sentimentos desenvolvidos em relação ao outro, podendo variar como sentimentos “positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos” (p. 48), sendo desenvolvidas com mais facilidade nas atividades conjuntas. Quanto mais positivas e recíprocas forem, maior é a tendência da ocorrência de processos desenvolvimentais (BRONFENBRENNER, 1996).

A partir das relações afetivas, podemos entender a outra forma funcional das díades. Na díade primária, considerada aquela que, mesmo não estando juntos, fenomenologicamente, os indivíduos ainda pensam, têm fortes sentimentos e influenciam o comportamento do outro (BRONFENBRENNER, 1996).

Considera-se que estas díades exercem uma poderosa influência na motivação para a aprendizagem e na orientação do curso do desenvolvimento, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa. Assim, é mais provável que uma criança adquira habilidades, conhecimentos e valores de uma pessoa com a qual estabeleceu uma díade primária, do que de uma outra pessoa que só existe para a criança quando ambas estão concretamente presentes no mesmo ambiente (BRONFENBRENNER, 1996, p.48).



Com o objetivo de exemplificar, podemos entender dois amigos que sentem falta um do outro quando estão separados, um atleta na hora da competição lembrando todas as instruções passadas pelo seu treinador, ou um casal, em que os membros regulam suas atitudes perante a aprovação ou desaprovação da outra parte (BRONFENBRENNER, 1996).

Bronfenbrenner (1996) defende que as formas de díades podem acontecer tanto separadamente, quanto conjuntamente, e nas díades em que se estabelece mais que uma forma é onde acontece um impacto desenvolvimental mais forte. O autor levantou uma série de hipóteses que descrevem o impacto das propriedades e dos princípios diádicos, entre elas, nos basearemos na hipótese 7.

#### Hipótese 7

A aprendizagem e o desenvolvimento são facilitados pela participação da pessoa desenvolvendo em padrões progressivamente mais complexos de atividade recíproca com alguém a que a pessoa desenvolveu um apego emocional sólido e duradouro, e quando o equilíbrio do poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996, p. 49)

Essa escolha é justificada, pois Bronfenbrenner (1996) afirma que ela pode ser definida como a condição ótima para a aprendizagem e o desenvolvimento, a partir da ótica diádica, atribuindo a essa condição, que demonstra todos esses fundamentos, como díades desenvolvimentais.

Então, seguindo uma série de estudos prévios, pode-se perceber que na condição da díade desenvolvimental, quando um indivíduo se desenvolve, há um alto grau de probabilidade que o segundo também chegue a um desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Bronfenbrenner (1996) também faz uma discussão das mudanças ocorridas dentro do microssistema, que tanto as mudanças mais duradouras, quanto as temporárias, podem ocasionar impactos de segunda ordem. Quando uma pessoa entra ou sai da sala, o comportamento dos permanentes pode mudar, ou quando há uma separação dos pais, as atitudes dos filhos podem se modificar (BRONFENBRENNER, 1996).

Esses sistemas com números variados de pessoas ampliam o sistema  $N + 2$ , mostrando que esse padrão sequencial pode ser estabelecido com uma série de sistemas  $N + 2$ , formando o que o autor define como rede social (BRONFENBRENNER, 1996).

No contexto esportivo, essas estruturas se mostram fundamentais para o desenvolvimento dos talentos, principalmente ao se perceber as díades observacionais e as atividades conjuntas como exercendo influência no desenvolvimento (FOLLE *et al.*, 2017).

Assim, as causas das mudanças das relações interpessoais podem exibir diferentes papéis que um indivíduo pode exercer em um ambiente, revelando outro elemento fundamental do microsistema, que será exposto a seguir.

### 3.1.2.3 Papéis

A despeito dos papéis desempenhados por uma pessoa em determinado ambiente, pode-se prever que os papéis vão influenciar diretamente nas atividades e relacionamentos em que estão inseridas, alterando o desenvolvimento desse indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996).

No caminho de tentar definir o que é papel, Bronfenbrenner (1996) relata que pode ser algo que incorpora as expectativas com relação às atitudes de agir em relação aos demais indivíduos, mas também como os outros criam expectativas em relação às atividades daquela pessoa (enquanto um treinador explica determinado movimento, a expectativa é de que o atleta esteja com foco na explicação, prestando atenção em tudo) (STEFANELLO, 1999). Assim, o autor define papel como “uma série de atividades e relações esperada de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa” (p. 68).

Os papéis geralmente são definidos por estereótipos presentes em várias posições sociais, hierarquias, idade, sexo, parentesco, classe social, nível esportivo, etnicidade, nível de trabalho, religião, apelidos e em muitas outras classificações que podem ser usadas para designar os papéis (BRONFENBRENNER, 1996). Segundo o autor, a resposta para a pergunta “Quem é essa pessoa?” e o resultado seguinte, dado por alguém que conhece o ambiente social e o papel que aquela pessoa exerce, é o rótulo de papel que essa pessoa tem.

As expectativas de papéis associadas a cada posição na sociedade referem-se a como deverá atuar a pessoa que ocupa uma determinada posição e os demais com respeito a ela. Estas expectativas podem, então, influenciar o modo como uma pessoa se comporta em uma dada situação, as atividades nas quais ela participa e as relações que se estabelecem entre essa pessoa e os outros que estão presentes no ambiente (STEFANELLO, 1999, p. 17).

No mesmo caminho do papel social vêm as expectativas de papel, que nada mais são que as atitudes esperadas para o determinado status adquirido daquela pessoa, e estas expectativas podem derivar tanto da própria pessoa, quanto dos que a rodeiam (BRONFENBRENNER, 1996).

Isso tem influência não apenas no âmbito do conteúdo das atividades, mas também no grau das relações interpessoais diádicas expostas anteriormente (grau de reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva) (BRONFENBRENNER, 1996). Esse vínculo pode ser medido quando comparamos a conexão de significância dos pais e dos treinadores com a pessoa em desenvolvimento. Nesse exemplo, tanto os pais quanto os treinadores exercem um papel de influência nos três graus, mas a associação com os pais tende a ser mais forte, pois a reciprocidade e a relação afetiva são significativamente mais forte quando comparadas ao vínculo do adolescente com o treinador. Isso se deve ao fato de a relação com os pais ser a primeira relação que se estabelece na vida (BRONFENBRENNER, 1996).

Está claro que o conceito de papel envolve uma integração dos elementos de atividade e relação em termos de expectativas societárias. Uma vez que essas expectativas são definidas no nível da subcultura como um todo, o papel, que funciona como um elemento do microssistema, na verdade tem suas raízes no macrossistema da ordem mais elevada e em suas estruturas institucionais e ideologia associadas (BRONFENBRENNER, 1996, p.69).

Essa relação que os papéis fazem entre os microssistemas e os macrossistemas é o que lhes assegura a capacidade de influenciar o comportamento, as relações pessoais estabelecidas e as atividades de cada indivíduo em determinadas situações ambientais (BRONFENBRENNER, 1996).

Logo, os papéis alteram o tratamento, as ações, as atividades, os pensamentos e sentimentos da pessoa em desenvolvimento e também das outras que a circundam (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Em cada microssistema se estabelecem atividades específicas, interrelações pessoais e papéis: em casa a criança tem o papel do filho e pode ter o papel do irmão, que são diferentes do papel do aluno, do amigo e do atleta. O papel da pessoa que se interrelaciona com a criança também é diferente em diferentes microssistemas (BRONFENBRENNER, 1996).

Quando falamos de alterações no mesmo ambiente, podemos citar a perda ou ganho de status esportivo desencadeado por uma vitória ou derrota, a chegada de um irmão, a separação dos pais, ou a demissão de um emprego, como exemplos de mudanças de papéis (BRONFENBRENNER, 1996).

Segundo Bronfenbrenner (1996), as alterações de papéis são fundamentais no desenvolvimento humano. Assim, “ocorre uma transição ecológica sempre que a posição da pessoa no meio ambiente ecológico é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente, ou ambos” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 22). Esse fenômeno pode ser um produto do desenvolvimento humano e, ao mesmo tempo, pode desencadear uma mudança desenvolvimental (BRONFENBRENNER, 1996).

Esses papéis estão claramente reforçados na hierarquia quando pensamos no contexto esportivo. A pesquisa de Folle *et al.* (2017) relata que, pela visão dos atletas, eles são percebidos como profissionais, mesmo estando em desenvolvimento. Já da perspectiva dos treinadores, pode-se perceber que são vistos como superiores exigentes, educadores e, às vezes, exercendo o papel de pais (FOLLE *et al.*, 2017).

Logo, mesmo representados de forma separada, podemos ver que os constituintes do microssistema agem de forma integrada e interdependente, caracterizando o contexto social denominado microssistema (STEFANELLO, 1999).

### 3.1.3 Mesossistema

Bronfenbrenner (1996) define mesossistema como interrelações entre dois ou mais microssistemas, nos quais o indivíduo está ativo e participante. Logo, os principais conceitos presentes na estrutura dos microssistemas (atividades, papéis e estruturas interpessoais) são utilizados pelo autor para estabelecer as relações do mesossistemas (STEFANELLO, 1999).

A principal diferença entre esses dois tipos sistemáticos é que, no micro, “as díades e o sistemas N+2, as transações de papel e as atividades molares todos ocorrem dentro de um ambiente” (p.161), enquanto no mesossistema, todos esses recursos acontecem entre os ambientes, transitando entre suas fronteiras.

Pensando nas interconexões entre ambientes Bronfenbrenner (1996) propôs quatro tipos: participação multiambiente, ligação indireta, comunicação interambiente e o conhecimento interambiente.

A participação multiambiente se desenvolve quando um indivíduo participa de atividades em dois ou mais ambientes. É considerada a forma mais básica de interconexão ambiental, formada por uma rede social direta entre os contextos que o indivíduo está participando, principalmente no ingresso a um novo ambiente, exercendo também a transição ecológica debatida anteriormente, mas dessa vez, uma transição entre ambientes (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Nesse tipo de participação há também o conceito de vínculo. Quando o próprio indivíduo em desenvolvimento está participando de mais de um ambiente do mesossistema, ele é um vínculo primário, já quando há outras pessoas que participam dos mesmos ambientes, esse vínculo é chamado de suplementar (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999). No primeiro modelo de vínculo, podemos imaginar o ingresso de um atleta em uma equipe nova, onde o próprio desenvolvimento está atuando no ambiente escolar, familiar, religioso e esportivo. Na segunda concepção de vínculo, podemos imaginar os pais de um atleta indo às competições e treinamentos, auxiliando no estímulo e motivação do mesmo, sendo assim, eles interagem nos dois ambientes do mesossistema desse atleta.

O segundo tipo, a ligação indireta, se institui quando há a participação ativa do desenvolvimento, mas um segundo indivíduo não participa diretamente de ambos os ambientes analisados, mas mesmo assim há uma conexão entre eles, por meio de outra pessoa (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

Nesse caso, os participantes dos dois ambientes não estão se encontrando mais face a face, de modo que falamos sobre eles como membros de uma rede de segunda ordem entre os ambientes. Essas conexões de segunda ordem também podem ser mais remotas envolvendo dois ou mais vínculos intermediários na corrente da rede. (BRONFENBRENNER, 1996, p.162).

Como exemplo, podemos imaginar uma reunião entre um treinador com os pais, passando as evoluções e os objetivos do seu atleta/filho em seus treinamentos não acompanhados pelos pais.

O terceiro tipo, as comunicações interambientes, é estabelecido a partir de mensagens repassadas entre os ambientes, intencionando transmitir informações específicas para os indivíduos dos ambientes (BRONFENBRENNER, 1996; STEFANELLO, 1999).

A comunicação pode ocorrer de varias maneiras: diretamente, através da interação face a face, de conversas telefônicas, de correspondências ou outras mensagens escritas, de notícias ou anúncios, ou indiretamente, através das correntes na rede social. A comunicação pode ser unilateral ou em ambas as direções (BRONFENBRENNER, 1996, p.162).

Exemplificando esse modelo de comunicação, podemos imaginar um bilhete, transmitido do treinador para os pais, avisando de uma próxima competição ou viagem da qual o atleta deverá participar.

O último tipo, o conhecimento interambiente, é referido às experiências ou informações passadas de um ambiente para o outro. “Esse conhecimento pode ser obtido através da comunicação interambiente ou de fontes externas aos ambientes específicos envolvidos, por exemplo, de livros da biblioteca” (BRONFENBRENNER, 1996, p.162).

Assim, podemos ver que há diversas maneiras de interações entre os ambientes e as pessoas presentes nestes, sendo que uma não exclui a outra. Podemos ver todos os tipos de interconexão se analisarmos um mesossistema família e equipe esportiva, logo, pode ser que cada integrante do ambiente familiar se conecte de maneira diferente com o ambiente esportivo.

O principal vínculo direto entre os ambientes é o primeiro a constituir o mesossistema, ou seja, a entrada do indivíduo em desenvolvimento em um novo ambiente, essa transição ambiental, pode ser feita de várias maneiras: de maneira solitária (o indivíduo se insere sozinho em um novo microssistema), ou dual (quando uma pessoa de um microssistema insere o indivíduo em desenvolvimento em outro microssistema) (BRONFENBRENNER, 1996). O autor defende que, em um mesossistema que os vínculos são indiretos (excluindo o participante ativo, que está presente nos dois microssistemas), não havendo nenhum outro tipo de ligação, é definido como mesossistema fragilmente vinculado (BRONFENBRENNER, 1996).

Bronfenbrenner (1996) relata essa separação, pois acredita que elas tem “significado na maneira pela qual a pessoa desenvolve é capaz de funcionar em novos ambientes” (p. 162). Se há uma inserção da pessoa em desenvolvimento no ambiente, por meio de outra pessoa presente em outro ambiente, forma-se uma tríade, em que “a pessoa pode servir como uma fonte de segurança, ser um modelo de interação social, reforçar a iniciativa da pessoa desenvolve e assim por diante” (p.162).

Mas essas influências do intermediário dependem também da sua relação com o indivíduo em desenvolvimento e da força das díades instituídas no novo microsistema, podendo ser observacional (os pais levam e assistem ao treinamento sem interferir em nada nem antes nem durante e nem após), de atividade conjunta (os pais e os treinadores estabelecem um diálogo) ou uma díade primária (os pais e os treinadores ficam amigos) (BRONFENBRENNER, 1996).

Com uma série de hipóteses, o autor relata que a presença de um indivíduo em desenvolvimento em diversos ambientes diferentes, “em certas condições” (p.163), pode ser a causa de um grande desenvolvimento desse indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996). Desse modo, a adaptação em diversos ambientes, com suas estruturas interpessoais, atividades e papéis, aumenta a competência cognitiva e suas habilidades sociais (BRONFENBRENNER, 1996).

Outro modo de interação entre microsistemas defendidos por Bronfenbrenner (1996) é a díade transcontextual, em que há uma migração de duas pessoas presentes em um ambiente para outro, logo, há uma evolução desenvolvimental das duas, fortalecendo muito mais essa díade, transformando estruturas interpessoais frágeis em díades primárias (BRONFENBRENNER, 1996). Como exemplo, podemos imaginar dois colegas de classe, que não têm uma relação muito próxima, mas ao ingressarem em uma equipe esportiva, acabam interagindo muito mais.

Esta possibilidade se baseia na suposição de que quando uma variedade de atividades conjuntas é executada em várias situações, mas no contexto de um relacionamento interpessoal duradouro, este relacionamento tanto encoraja o desenvolvimento de níveis mais elevados de habilidade quanto tende a gerar níveis de motivação especialmente sólidos e persistentes (BRONFENBRENNER, 1996, p. 164).

Dessa maneira, fica perceptível a importância da interação interpessoal em mais de um ambiente para o fortalecimento dessa relação, principalmente em ambientes nos quais os participantes desenvolvem atividades e desempenham papéis (STEFANELLO, 1999). Mas há outro tipo de interação ambiental, delimitada pela ausência do indivíduo em desenvolvimento, mas que pode influenciar diretamente o mesmo, assim veremos o exossistema.



### 3.1.4 Exossistema

As estruturas presentes no exossistema são muito parecidas com as do mesossistema, mas não há a participação dos indivíduos em desenvolvimento nos dois ou mais ambientes (LERNER, 2012). Assim, Bronfenbrenner (1996) define exossistema “como consistindo em um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, onde ocorrem eventos que afetam ou são afetados por aquilo que acontece naquele ambiente” (p. 182).

Para a análise de tal sistema, Bronfenbrenner (1996) delimita a necessidade de estabelecer uma sequência causal de duas etapas. A primeira conecta os fatos ocorridos no ambiente externo com o microsistema que o indivíduo em desenvolvimento está inserido. Já a segunda é a ligação entre os processos do microsistema e as evoluções de desenvolvimento de uma pessoa dentro de um determinado ambiente (BRONFENBRENNER, 1996).

Um exemplo claro de exossistema é a influência do ambiente de trabalho dos pais no ambiente familiar. Quando um pai recebe um aumento, ou é demitido, há uma influência direta no ambiente familiar, mas o indivíduo em desenvolvimento, participa ativamente apenas do ambiente familiar (BRONFENBRENNER, 1996).

Essa influência pode se desenvolver no caminho inverso também, quando o microsistema influencia o ambiente no qual o indivíduo em desenvolvimento não desenvolve atividades diretas (STEFANELLO, 1999). Um exemplo pode ser a escolha de um emprego pelos pais, levando em consideração os gastos e o estilo de vida da família.

Outro exemplo de influência de um ambiente externo no microsistema do indivíduo é a mídia, exercendo influência direta nesse indivíduo ou nas outras pessoas que compõem esse sistema (efeito de segunda ordem), transitando entre as fronteiras ecológicas, caracterizando um exossistema (BRONFENBRENNER, 1996).

As redes de primeira e segunda ordem são muito importantes na análise do exossistema, pois conectam os microsistemas do indivíduo com os ambientes de poder em que as outras pessoas desse microsistema estão inseridas, e quanto mais remotas as conexões, mais reduzidas são as chances do exossistema auxiliar no desenvolvimento do indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996).



Há que se considerar que estruturas mais amplas de ideologia e organização social de uma cultura delimitam diretamente os modelos principais em que os sistemas ecológicos são desenvolvidos. Desse modo, em uma determinada cultura, os micro, meso e exossistemas tendem a funcionar de maneira que se espelham em um padrão principal, esse padrão de funcionamento é o que podemos chamar de macrossistema (BRONFENBRENNER, 1996; LERNER, 2012).

### 3.1.5 Macrossistema

O Macrossistema pode ser a organização presente em todos os níveis ecológicos de uma cultura ou subcultura, juntamente como as ideologias e crenças dessa organização. Logo, cada cultura ou subcultura têm sua forma de estruturar os micro, meso e exossistemas, mas podem ser parecidas em vários aspectos (BRONFENBRENNER, 1996).

Os tipos de ambiente que contém os tipos de ambiente em que as pessoas entram nos sucessivos estágio de suas vidas, o conteúdo e organização das atividades molares, papéis e relações encontradas em cada tipo de ambiente, e a extensão e natureza das conexões existentes entre os ambientes no quais entra a pessoa em desenvolvimento ou que afetam sua vida (BRONFENBRENNER, 1996, p.197).

Esses aspectos podem apresentar variância entre certas culturas, mas geralmente apresentam algumas semelhanças quando analisamos dentro de uma mesma cultura ou subcultura (BRONFENBRENNER, 1996). Podemos pensar no modelo brasileiro de escolas, hospitais, casas, parques, praças e equipes esportivas: todos eles podem apresentar semelhanças nesse contexto, mas certamente apresentam diferenças dos modelos norte-americanos ou europeus.

Assim, fica clara a influência das culturas sobre os padrões ambientais. Modelos de atividades molares, papéis desempenhados e relações interpessoais, podem mudar em determinados contextos, já que são fatores fundamentais na constituição da cultura, uma vez que esses padrões de organização e comportamento são mantidos pelos próprios membros das culturas (BRONFENBRENNER, 1996).

Pensando na perspectiva dos formadores do macrossistema, as políticas públicas ajudam a determinar características próprias dos níveis sistemáticos

ambientais inferiores (micro, exo e macro), influenciando no cotidiano da vida de sua população e governando o sentido da conduta e do desenvolvimento dessa mesma população (BRONFENBRENNER, 1996).

### 3.1.6 Desenvolvimento Humano

Bronfenbrenner (1996) analisa o desenvolvimento humano superando as perspectivas psicológicas tradicionais da motivação, aprendizagem e pensamentos. Ele foca no conteúdo, exemplificado como “o que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento” (p. 09) e como ocorre a mudança desse conhecimento em função da exposição e interação do indivíduo com o contexto.

A análise do desenvolvimento ecológico foi elaborada a partir da junção e da evolução das teorias de Lewin (1935) e Piaget (1954), em que o primeiro se vale das concepções de que o ambiente é uma série territórios topológicos inseridos dentro um dentro do outro, estabelecidos por uma interconexão e isomorfismo da estrutura do indivíduo, com a situação em que se encontra. Já Piaget serviu de base para concepção de mundo próprio do indivíduo, desenvolvido através da criação e imaginação, refletindo no seu crescimento psicológico, esse mundo fenomenológico é estabelecido através de uma elaboração da realidade, transpassando uma mera reprodução da mesma. Com o passar dos anos, o indivíduo é forçado a remodelar a realidade com as demandas e aspirações humanas, representando a expressão máxima do desenvolvimento, a partir da perspectiva ecológica (BRONFENBRENNER, 1996).

O desenvolvimento humano é o processo através do qual a pessoa desenvolve uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que recriam suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior forma e conteúdo (BRONFENBRENNER, 1996, p.23).

Assim, para Bronfenbrenner (1996), o fenômeno do desenvolvimento humano só ocorre quando há uma mudança nas características pessoais, servindo para reorganizar as características da pessoa. Essas reorganizações perduram ao longo do espaço e do tempo, ocorrendo tanto no domínio da percepção quanto no campo das ações, abrangendo os níveis ambientais ecológicos.

Para se analisar a perspectiva perceptual do indivíduo em desenvolvimento, deve-se pensar em como a visão de mundo abrange além da esfera de contato imediato, percebendo as relações entre os diferentes contextos ambientais em que ele está inserido (BRONFENBRENNER, 1996). No domínio da ação, vemos a mudança do emprego de estratégias para superar dificuldades, existentes em todos os níveis do sistema ecológico, efetivamente (BRONFENBRENNER, 1996).

Resumidamente falando, o desenvolvimento pode ser entendido como a construção desenvolvvente do indivíduo inserido em um meio ambiente, seu relacionamento com esse ambiente e a sucessiva capacidade do indivíduo perceber, conservar e alterar as propriedades ambientais em cada sistema ecológico (BRONFENBRENNER, 1996).

### 3.2 MODELO BIOECOLÓGICO DE DESENVOLVIMENTO

Não se pode negar a grande contribuição do sistema ecológico na análise do desenvolvimento humano, mas Bronfenbrenner sentiu a incomplexidade de sua teoria ao não incluir a estrutura e o funcionamento do indivíduo no seu sistema de níveis, levando em consideração as funções biológicas, psicológicas e comportamentais (LERNER, 2012).

Assim o trabalho de integração entre o modelo ecológico e os aspectos pessoais biológicos resultou no modelo bioecológico de desenvolvimento humano, baseado no modelo “PPCT” (Processos Proximais, Pessoa, Contexto e Tempo), que influenciam diretamente e simultaneamente o desenvolvimento humano (LERNER, 2012; ROSA; TUDGE, 2013; ROTHER, 2014; STEFANELLO, 1999).

#### 3.2.1 Processos Proximais

Como dito anteriormente, a evolução da teoria bioecológica está fortemente presente nas características biológicas dos indivíduos em desenvolvimento, contudo não limita apenas às características genéticas a responsabilidade do desenvolvimento, mas também as características ambientais, que relacionadas com a hereditariedade, são determinantes para o processo desenvolvimentista (STEFANELLO, 1999).

Segundo Bronfenbrenner e Ceci (1994), o modelo bioecológico tem a possibilidade da avaliação dos chamados processos proximais; serve como estrutura conceitual que analisa a variação da transferência genética como uma relação entre os processos proximais e as características ambientais em que ocorrem; o modelo trata a herdabilidade como uma função resultante em desenvolvimento; o modelo utiliza a variação da herdabilidade como funcionamento do desenvolvimento levando em consideração as características genéticas de cada indivíduo; estabelece não só a contribuição da hereditariedade no desenvolvimento, mas também o potencial não desenvolvido de cada indivíduo.

Logo, as influências externas acabam por se tornar internas, por meio dos estímulos oriundos do contexto, mas como esse indivíduo também influencia o ambiente, as características internas passam a transformar o externo (STEFANELLO, 1999). Esse desenvolvimento duplo prova que o potencial genético, não é passivo, mas ativo, que contém características de atenção, ação e resposta (BRONFENBRENNER; CECI, 1994).

Mas essa transformação de genótipos em fenótipos não ocorre de maneira simples, fácil e rápida, são necessárias algumas ferramentas conectoras do interior com o exterior, estimulando o potencial humano. Estas ferramentas ou mecanismos são os denominados processos proximais, caracterizados como processos de duas vias, ocorrendo ao longo do tempo, não de forma instantânea (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; STEFANELLO, 1999).

Especialmente em suas fases iniciais e, em grande medida, ao longo da vida, o desenvolvimento humano ocorre através de processos de interação reciprocidade progressivamente mais complexa entre um organismo humano biopsicológico ativo e em evolução e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato. Para ser eficaz, a interação deve ocorrer em uma base bastante regular durante longos períodos de tempo. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato são referidas daqui em diante como processos proximais. Exemplos de padrões duradouros desses processos são encontrados em atividades de pais e filhos, jogos em grupo ou solitários, leitura, aprendizado de novas habilidades, resolução de problemas, execução de tarefas complexas e aquisição de novos conhecimentos e técnicas (BRONFENBRENNER; CECI, 1994, p.572).

Os processos proximais são os mecanismos utilizados para potencializar o funcionamento psicológico pelos potenciais genéticos humanos, ocorrendo em um determinado ambiente ao longo do tempo (BRONFENBRENNER; CECI, 1994;

BRONFENBRENNER e MORIS, 1998). Como são concebidos como motores fundamentais para o desenvolvimento, os processos fundamentais são alimentados por algumas forças dinâmicas (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; STEFANELLO, 1999).

Assim, os processos proximais são os mecanismos de estímulo do potencial genético, objetivando o desenvolvimento psicológico efetivo, diferenciados pelas características da pessoa (biologicamente baseadas), pelo ambiente (desde os mais proximais até os mais distantes), pela natureza dos objetivos de desenvolvimento e pela longa duração (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).

Ao se analisar as relações entre interações e os ambientes, podemos perceber que as interações podem ser analisadas como processos e os ambientes como os locais onde esses processos correm (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999). Podemos entender, assim, a relação duradoura entre dois colegas de equipe, como um processo, já o comportamento de outras pessoas com relação a essa interação pode ser considerado como ambiente. No modelo bioecológico, há também a diferenciação entre o ambiente mais imediato (sala de aula, igreja, família, equipe de treinamento) e os ambientes mais amplos que inserem o imediato (escola, religião, classe social e cultura) (BRONFENBRENNER; CECI, 1994; STEFANELLO, 1999).

Para que esses processos estimulem o desenvolvimento, com efetividade, é necessário que as atividades aconteçam regularmente, durante um longo período de tempo, ininterruptamente e evoluindo no seu nível de complexidade (STEFANELLO, 1999; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

A multidirecionalidade dessas atividades é um dos fatores primordiais para o desenvolvimento através dos processos proximais, pois envolvem a troca de energia entre o indivíduo e seu ambiente, se desenvolvendo pela interiorização das características ambientais e estimulando as pessoas, objetos e símbolos, componentes desses ambientes (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000; STEFANELLO, 1999).

A influência que a criança tem com relação ao ambiente vai mudando no decorrer do tempo. Primeiramente, seu potencial de intervenção nos anos iniciais estão limitados as suas expressões emocionais, mas os pais têm um potencial maior de mudar o ambiente, por meio da inserção em atividades e da interação com novas

peças, objetos e símbolos (STEFANELLO, 1999; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998). Quando falamos de pessoas em desenvolvimento com idades mais avançadas, a interação entre pessoas passa a ser natural, os relacionamentos entre indivíduos formam uma base regular de interação temporal, que correspondem a processos proximais (STEFANELLO, 1999; BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Ao se falar dos processos e seus resultados, podemos separá-los em dois tipos. O primeiro é da competência, que segundo Bronfenbrenner e Moris (1998), é a aquisição e desenvolvimento de habilidades, conhecimentos ou a capacidade de direcionamento do comportamento em diversas ocasiões de desenvolvimento, ocorrendo muitas vezes em apenas um domínio ou em uma combinação de esferas de atividades (intelectual, físico, artístico, motivacional, socioemocional).

Já a disfunção (segundo tipo de resultado) é vista pela dificuldade de controlar o comportamento e de integrá-lo a situações e domínios do desenvolvimento diferentes (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Assim, podemos imaginar o que faz a diferenciação no processo proximal para resultados distintos. Em ambientes desorganizados e desfavoráveis, há uma recorrência maior de disfunções, já em ambientes organizados e favoráveis, as disfunções ocorrem com menor intensidade e frequência, caracterizando a importância do contexto, com seus componentes, na relação dos processos proximais e o desenvolvimento (STEFANELLO, 1999).

Bronfenbrenner e Evans (2000) defendem que a exposição também é um fator de extrema relevância na interferência dos processos proximais no desenvolvimento. Para os autores, exposição é a “extensão do contato mantido entre a pessoa em desenvolvimento e os processos proximais em que essa pessoa se envolve” (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p.118).

Assim, a exposição sofre variação de acordo com cinco dimensões: duração (baseado em quanto tempo é o período de exposição), frequência (a periodicidade das sessões), interrupção (é a frequência das interrupções durante a exposição), momento da interação (ao dar resposta aos estímulos gerados pelos indivíduos em desenvolvimento, pode-se auxiliar ou perturbar o desenvolvimento do comportamento auto-regulador) e intensidade (é a força da exposição). Logo, quando a exposição aos processos proximais acaba sendo breve, com baixa frequência, altamente interrompida, com respostas em momentos errados e baixa

força, há uma alta probabilidade que os resultados sejam danosos para o desenvolvimento (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

A forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais que afetam o desenvolvimento variam sistematicamente como uma função conjunta das características da pessoa em desenvolvimento, do ambiente - tanto imediato quanto mais remoto - em que os processos estão ocorrendo, e as continuidades e mudanças sociais que ocorrem ao longo do tempo durante o curso da vida, e o período histórico durante o qual a pessoa viveu; e, claro, a natureza dos resultados de desenvolvimento em consideração (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p.118).

Dessa maneira, os autores expressam que essas dimensões afetam diretamente o desenvolvimento humano, mas, aliadas aos processos proximais e sua força, as características da pessoa em desenvolvimento são fatores fundamentais para que esse ocorra.

### 3.2.2 Características das Pessoas

Após o reconhecimento da existência de lacunas do modelo ecológico, as características pessoais biopsicológicas são integradas com finalidade de articular, integrar e reforçar os componentes do modelo “PPCT”, além de influenciar os processos proximais, produzindo diretamente o desenvolvimento (STEFANELLO, 1999; COPETTI; KREBS, 2004).

Quando falamos das características pessoais, existem três tipos de propriedades (disposições, recursos e demandas) que Bronfenbrenner e Morris (1998) consideram os mais fortes moldadores de desenvolvimento humano, pela propensão de influenciar o sentido e a força dos processos proximais. Disposições, o primeiro dos tipos, que têm a possibilidade de ativação dos processos proximais em uma esfera peculiar do desenvolvimento, sustentando ou inibindo a operação desenvolvimentista (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; ).

Como as disposições comportamentais têm o poder de interferir positiva ou negativamente nos processos proximais, servindo de ativador ou inibidor dos mesmos, cada propensão tem sua característica, sendo dividida em desenvolvimentistas generativas e desenvolvimentistas inibidoras (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).



As disposições desenvolvimentistas generativas são apresentadas com caráter positivo, exemplificadas por meio de qualidades ativas como curiosidade, engajamento, respostas positivas e prontidão (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999). Já as disposições desenvolvimentistas inibidoras, são as que representam a dificuldade ou descontrole emocional e comportamental do indivíduo, exemplificadas por meio de características dificultadoras do engajamento em processos duradouros, como irresponsabilidade, impulsividade, violência, insegurança, distração, entre outras (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).

O segundo tipo de características pessoais apontados por Bronfenbrenner e Moris (1998) são os recursos bioecológicos desenvolvimentistas, caracterizados pela capacidade, conhecimento, habilidade e experiência fundamental para o andamento dos processos proximais. Diferentemente do primeiro item, não são eletivos, mas sim dotes ou deficiências influentes no engajamento efetivo nos processos proximais (STEFANELLO, 1999).

As deficiências representam as condições que limitam ou inibem a integridade funcional do organismo, tais como: defeitos genéticos, baixo peso no nascimento, deficiência física, indisposição severa e persistente, ou dano da função cerebral causado por processos acidentais ou degenerativos. Por outro lado, os dotes desenvolvimentistas tomam a forma de capacidades, conhecimentos, habilidades e experiências que, pelo fato de evoluírem através do curso de vida, ampliam os domínios nos quais os processos proximais podem fazer o seu trabalho construtivo, tornando-se, então, numa outra fonte de padrões de interação progressivamente mais complexos e constituindo-se numa propriedade definidora dos processos proximais (STEFANELLO, 1999, p.35).

Logo, os recursos podem ser entendidos pelos atributos biopsicossociais disponíveis para o engajamento de sucesso em um processo proximal (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; COPETTI; KREBS, 2004).

Já as demandas, terceiro tipo de características pessoais, são estabelecidas pelos atributos estimuladores de respostas do ambiente ou de outras pessoas, que favorecem ou inibem os processos proximais: aparência física, status emocional, nível de hiperatividade e outras características podem ser responsáveis por estímulos positivos e negativos do ambiente e das pessoas (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999; COPETTI; KREBS, 2004).

Bronfenbrenner (2011) analisa que idade, gênero e etnia podem ser fatores pessoais determinantes no papel desempenhado pelo indivíduo em formação, por



estarem presentes no âmbito do contexto, afetam diretamente os processos desenvolvimentistas.

O mesmo autor (2011) também defende que os indivíduos podem influenciar os contextos de maneiras distintas. A maneira passiva é quando não há a intenção direta, mas apenas por estar em um ambiente, há uma mudança comportamental de seus outros integrantes. O indivíduo também pode influenciar de maneira ativa, quando participa ativamente do ambiente, mas não tem intenção deliberada de mudar o contexto, apenas elabora suas atividades sem esperar resultados de mudanças ambientais (BRONFENBRENNER, 2011). A terceira e última maneira de influência é a ainda mais ativa, em que o indivíduo tem intenção total de modificar o ambiente ao qual pertence (BRONFENBRENNER, 2011).

Logo, fica clara a relação das características pessoais com os processos proximais que acontecem em determinados contextos, que passam a ser modificados em alguns pontos do exposto na teoria ecológica.

### 3.2.3 Contexto

Entre todos os conceitos apresentados na teoria ecológica, podemos perceber a real interferência do ambiente no desenvolvimento humano. Dessa maneira, ao avançar com a teoria bioecológica, Bronfenbrenner e Moris (1998) apresentam um conceito ampliado de microssistema, agregando pontos como os três tipos de características pessoais, além das características das outras pessoas de contato mais imediato com o indivíduo em desenvolvimento, juntamente com o entrelaçamento entre o micro e macrossistema.

Um microssistema é um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experimentados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente face a face com aspectos físicos, sociais e simbólicos particulares que convidam, permitem ou inibem o engajamento sustentado em atividades e interações progressivamente mais complexas no ambiente imediato (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998, p. 1013).

Assim o microssistema passa a ter seu conceito agregado com os aspectos pessoais e as interferências dos processos proximais em seu conceito. Mas ainda há a manutenção dos conceitos componentes do ambiente apresentados na teoria ecológica, além da continuidade da percepção de sistemas contidos dentro um do

outro (como as bonecas russas), logo, não voltaremos ao debate nesta sessão sobre os conceitos dos meso, exo e macrossistemas e suas influências no desenvolvimento humano.

Partindo da reformulação do conceito de microssistema, o tempo ganha caráter fundamental na teoria, pois transpassa o contexto, estabelecendo duração dos processos proximais em diversos níveis (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

### 3.2.4 Tempo

Sendo um dos acréscimos da teoria bioecológica e servindo também como um de seus definidores, o tempo se estabelece em três níveis do sistema ecológico, tendo papel importante nos três níveis sucessivos: o microtempo, o mesotempo e o macrotempo (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).

O microtempo trata das continuidades e rupturas em eventos contínuos de processos proximais (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998). Em outras palavras, como o resultado dos processos proximais está diretamente relacionado com uma base temporal regular, pode-se entender que, em microambientes em que os processos são constantemente interrompidos, se tornando instáveis, esses processos podem acabar não gerando o desenvolvimento esperado (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).

O mesotempo trata da periodicidade dos microtempos em intervalos maiores, frequência de acontecimento em dias, semanas e meses (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998). Ao estarem nos mesossistemas, as rupturas e continuidades dos microtempos podem servir de estímulo ou comprometer severamente os desenvolvimento do indivíduo (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998; STEFANELLO, 1999).

A última esfera temporal é o macrotempo, e assim como o macrossistema, traz uma expectativa mais ampla de âmbito social, em como as mudanças dos processos podem ocorrer durante o ciclo vital do indivíduo (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Assim, Bronfenbrenner e Moris (1998) apresentam que o tempo serve de parâmetro para avaliar o desenvolvimento dos indivíduos e de uma sociedade, de maneira contínua ou interruptamente, em todos os níveis sistemáticos da teoria bioecológica.

Após a compreensão da transição da teoria ecológica para a bioecológica e seus principais conceitos, analisaremos os dados obtidos a partir dos fatores levantados por Martindale *et al.* (2012) e a discussão será feita da maneira como cada fator pode estar presente no modelo bioecológico de Bronfenbrenner, com intuito de analisar e discutir o ambiente esportivo formador de atletas de atletismo brasileiro.

## 4 METODOLOGIA

Como ponto determinante na condução desse trabalho, houve mudança direta no desenvolvimento do trabalho, há uma versão em português de Portugal do questionário, que seria aplicada nesse trabalho, com pequenas variações linguísticas. Mas ao solicitar a validação ao professor que o aplica em Portugal, percebemos que o mesmo não havia sido validado para tal idioma. Assim foi decidida a alteração do questionário para entrevista, em que no modelo de entrevista dos atletas, cada fator resultou em uma, duas, ou três perguntas abertas, variando pelo número de questões do questionário correspondentes a cada fator. Já no modelo de entrevista para os gestores, cada fator resultou em uma ou duas perguntas abertas, variando, também, pelo número de perguntas existentes no questionário.

O presente estudo caracteriza-se como um estudo qualitativo descritivo e de campo. Marconi e Lakatos (2003) caracterizam que os estudos descritivos

[...] consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem (p.187).

Desta maneira, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de três instrumentos complementares: por meio de entrevistas com esportistas do atletismo, por entrevistas com gestores esportivos das instituições e por meio de observações diretas intensivas não participante. Nesse sentido, Thomas, Nelson e Silverman (2012) mencionam que a observação tanto pode atuar como instrumento principal ou de modo complementar a outro instrumento, sendo que a grande tônica é observar o comportamento dos indivíduos, analisando, de forma quantitativa ou qualitativa, algum fenômeno que se busca investigar, levando em conta que a presença do observador pode influenciar involuntariamente o comportamento do objeto.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos

observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.191).

Para este estudo, foi feita uma observação direta intensiva não-participante, em que o observador tem contato com o grupo a ser observado, mas não se integra ao mesmo. Nesse modelo, o observador é um espectador, que compreende os fenômenos que estão ocorrendo, mas não tem influência direta sobre a ocasião (MARCONI; LAKATOS, 2003).

#### 4.1 INSTRUMENTOS

##### 4.1.1 Entrevistas com Atletas

Além das observações, os dados também foram coletados por meio de entrevistas elaboradas a partir dos sete fatores do *Talent Development Environment Questionnaire*. Elaborado por Martindale *et al.* (2010) e estendido por Martindale *et al.* (2012), o TDEQ é um questionário primeiramente constituído por 59 perguntas, que, após uma reformulação, passou a contar com 68 questões, subdivididas em sete fatores de análise, quais sejam: “foco no desenvolvimento a longo prazo”, “preparação de qualidade”, “comunicação”, “compreensão do atleta”, “rede de apoio”, “ambiente desafiador e de apoio” e “fundamentos de desenvolvimento a longo prazo”. Ele objetiva analisar o ambiente formador do talento esportivo.

Para melhor compreensão, podemos definir os fatores segundo Martindale *et al.* (2012):

- Preparação de qualidade: examina a medida em que orientações e oportunidades claras são estabelecidas a fim de fornecer e otimizar uma prática de qualidade por meio da formação, recuperação e concorrência.
- Compreensão do atleta: analisa como o treinador entende o atleta em nível geral e como evolui o relacionamento profissional entre os mesmos.
- Foco no desenvolvimento a longo prazo: objetiva explorar o grau em que as atividades e as oportunidades de desenvolvimento foram projetadas para auxiliar o futuro esportivo.
- Comunicação: demonstra a medida da clareza e da efetividade da comunicação com o treinador em ambientes formais e informais.

- Rede de apoio: relacionada com a oferta de uma rede de apoio preparada para apoiar, desenvolver e ajudar o atleta em todos os pontos de desenvolvimento;
- Ambiente desafiador e de apoio: explora a medida em que o atleta é desafiado intrinsecamente e extrinsecamente.
- Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo: mostra como se desenvolvem as oportunidades contínuas, o apoio familiar, a autonomia e o cuidado com a especialização precoce.

Com base nos fatores indicados pelo TDEQ, pode-se constatar que esse instrumento, com sua consistência interna, avalia de modo confiável algumas das principais características ambientais úteis para um melhor desenvolvimento esportivo. Sendo assim, o questionário pode ser considerado uma ferramenta de excelente confiabilidade em estudos que buscam analisar o desenvolvimento do talento esportivo (MILLS *et al.*, 2014).

As perguntas originais do questionário estão no idioma inglês e foram traduzidas para o português de Portugal, tendo sido utilizadas em estudos científicos daquele país (RODRIGUES, 2013). A partir desse questionário, utilizamos a tradução livre e adaptamo-lo para entrevistas semiestruturadas, sendo que os fatores acima citados foram transformados em perguntas abertas. Foco no desenvolvimento a longo prazo englobou três perguntas; Preparação de qualidade, Rede de apoio, Ambiente desafiador e de apoio e Fundamentos de desenvolvimento a longo prazo foram contemplados por duas perguntas; Comunicação e Compreensão do atleta correspondem a uma pergunta. O objetivo da aplicação do questionário foi entender de maneira qualitativa as opiniões expressadas pelos entrevistados.

#### 4.1.2 Entrevistas com Gestores

Com foco de entender a posição da entidade sobre o ambiente esportivo, desenvolvemos uma entrevista semiestruturada com os gestores das entidades selecionadas. Nesse tipo de entrevista o pesquisador tem a total liberdade de direcionar a pesquisa a partir dos pontos que o mesmo considera importante para a mesma (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Os temas presentes nas entrevistas foram os mesmos do questionário de Martindale *et al.* (2012), “preparação de qualidade” estabelecida em duas perguntas;

“compreensão do atleta” estabelecida em uma pergunta; “foco no desenvolvimento a longo prazo”, correspondeu a duas perguntas; “comunicação”, presente em uma pergunta; “rede de apoio”, presente em uma pergunta; “ambiente desafiador e de apoio” estabelecido em duas perguntas; “fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” correspondente a duas perguntas.

#### 4.1.3 Roteiro de Observação e Fotos

O roteiro de observação foi fundamental para diferenciar os fatores apresentados em cada equipe. Focando na interpretação das ações, ambientes e relação com os formadores, o roteiro de observação se atentou em descrever desde a estrutura física e humana encontradas nas equipes, até os sete fatores do *Talent Development Environment Questionnaire* (MARTINDALE *et al.*, 2010), confrontando ou reforçando as principais características relatadas pelos atletas. Assim quando se percebia alguma ação, reação ou estímulo relacionado com um ou mais fatores, era realizado o apontamento deste fato. As fotos foram tiradas durante as observações e foram de extrema importância para ilustrar as diferenças estruturais apresentadas pela equipe.

#### 4.2 População e Amostra

A população para o trabalho foi definida a partir dos resultados dos anos de 2015, 2016 e 2017 em competições interclubes sub-18 e sub-20 realizadas pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt)<sup>2</sup>. Côté (1999) afirma que, somente após os 15 anos de idade é que os jovens são direcionados a buscar o nível de excelência em apenas uma atividade. Assim, as idades de 18 e 20 anos são contempladas como idades em que a especialização já está em processo de evolução durante grande período de tempo.

---

<sup>2</sup> Campeonatos Brasileiros Caixa de Atletismo de Menores Interclubes, realizados de 18 a 20 de Setembro de 2015 em São Bernardo do Campo – SP.

Campeonatos Brasileiros Caixa de Atletismo Sub-18 Interclubes, realizados de 27 a 29 de maio de 2016 em São Bernardo do Campo – SP.

Campeonatos Brasileiros CAIXA de Atletismo Sub-18, realizados de 23 a 25 de Junho de 2017 em Bragança Paulista – SP.

Campeonatos Brasileiros CAIXA de Atletismo de Juvenis Interclubes, realizados de 24 a 26 de abril de 2015 em São Bernardo do Campo – SP.

Campeonatos Brasileiros Caixa de Atletismo Sub-20 Interclubes, realizados de 15 a 17 de abril de 2016, São Bernardo do Campo – SP.

Campeonatos Brasileiros CAIXA de Atletismo Sub-20, realizados de 07 a 09 de abril de 2017 em São Bernardo do Campo – SP.

Para a seleção dos clubes e de seus atletas, foi elaborada uma tabela com o somatório dos clubes nas seis competições acima citadas. Com um total de 173 clubes participantes em ao menos uma das competições anuais, foi estabelecido um limite de corte. Selecionamos os 35 primeiros clubes do somatório total, presentes na Tabela1:

TABELA 1 – RESULTADO DA SOMA TOTAL DAS PONTUAÇÕES OBTIDAS NAS TRÊS COMPETIÇÕES

POSICÃO	EQUIPE	PONTUAÇÃO
1	A.D. Centro Olímpico	1283,5
2	ORCAMPI	1095
3	IEMA/São Bernardo/CAIXA	840
4	EMFCA	782
5	IEMA	778
6	SESI - SP	603
7	ASA - Sorriso	597
8	FECAM	466
9	CRVG	358,5
10	SOGIPA	351,8
11	CRIA LAVRAS	314,8
12	Corville	297
13	CASO	288
14	FCTE	277
15	APCEF/MG	262,5
16	ASEMPAR/Paranavaí	248,5
17	GR BARUERI	244
18	UFJF	223
19	AGUIAS GUARIBA	209
20	BARRA DO GARÇAS	205
21	E.C. Pinheiros	202
22	ABDA ATLETISMO	201
23	INST. EDSON LUCIANO RIBEIRO	199
24	P M Colombo	197
25	IPEC	196
26	UCA	191
27	AABLU	189
28	GUARULHOS	175
29	ASSEM	168
30	Mangueira do Futuro	167
31	ASA-SERTÃOZINHO	163,5
32	Projeto Atletismo Campeão	153,5
33	Brasil Foods/ILF	152
34	Cantao Atletismo	148
35	Curitiba SMELJ	146,5

Elaborado pelo autor (Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2015a e 2015b; 2016a e 2016b; 2017a e 2017b).



Assim, a classificação foi realizada pelo critério de resultados obtidos. Para melhor classificar, foi analisado o resultado final geral de cada competição, que depois foram somadas para computar a pontuação total. As equipes que por ventura não participaram de uma das competições foram caracterizadas com a pontuação zero.

Após obter a pontuação de cada competição, foram somados os resultados totais das equipes nas três competições, resultando em um total de 173 equipes que fizeram ao mínimo 1 ponto em alguma das competições<sup>3</sup>. A partir da pontuação total, foram selecionadas as 25 equipes com maior pontuação geral nos campeonatos.

Ao analisar a tabela separamos as equipes com nível de qualidade primária do 1º ao 5º lugar - equipes com nível de qualidade secundária - do 6º ao 19º, - e as equipes com nível terciário - do 20º ao 35º lugar - no somatório da pontuação geral. A partir dessa classificação, para este estudo selecionamos as equipes ORCAMPI e EMFCA, como as equipes de qualidade primária, a equipe FECAM como equipe de qualidade secundária, e as equipes PM Colombo e Curitiba SMELJ foram selecionadas como equipes de qualidade terciária. Todas as equipes selecionadas estão localizadas nas regiões Sudeste e Sul: a equipe ORCAMPI em Campinas – SP; a EMFCA no Rio de Janeiro – RJ; a FECAM em Campo Mourão – PR; a P M Colombo na cidade de Colombo – PR; e a Curitiba SMELJ localizada na cidade de Curitiba – PR. Para este estudo foram entrevistados homens e mulheres praticantes de atletismo nas categorias sub-18 e sub-20.

Com a população de jovens que se enquadram nas categorias analisadas, tivemos um total de 19 atletas homens e mulheres participantes, que compuseram a amostra deste trabalho. Os atletas foram escolhidos aleatoriamente dentro de cada entidade, sendo assim divididos: quatro atletas das equipes EMFCA, FECAM, PM de Colombo e SMELJ de Curitiba e três<sup>4</sup> da equipe ORCAMPI.

Com a seleção das equipes já estabelecida, entrevistamos um gestor de cada equipe. Entende-se por gestor os presidentes de equipe, vice-presidente, supervisor técnico, coordenador, gerente esportivo ou secretário municipal de

---

<sup>3</sup> Certas equipes participaram e pontuaram nas 3 competições, outras em 2 e algumas em apenas 1.

<sup>4</sup> Por alguns atletas estarem em período de férias e por outros estarem em competições internacionais, não houve a possibilidade de entrevistar 4 atletas da equipe ORCAMPI.

esporte. Em todas as equipes entrevistadas, foi percebido uma participação ativa dos treinadores como gestores, e assim se estabeleceu a amostra desta pesquisa, composta por 19 atletas e 5 gestores, totalizando 24 entrevistas.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS

Antes da coleta de dados, foi aplicado um estudo piloto para esta dissertação, objetivando a fiabilidade dos instrumentos desta pesquisa. É importante ressaltar que, como o questionário TDEQ está em português de Portugal e não há uma validação da tradução, elaboramos versões adaptadas das perguntas das entrevistas a partir do mesmo. O roteiro da entrevista dos atletas foi aplicado em quatro atletas de outro esporte, contemplados na faixa-etária selecionada, tendo se mostrado satisfatório aos objetivos da dissertação. O esboço de uma entrevista também foi aplicado com dois gestores e os entrevistados não relataram nenhuma queixa sobre as perguntas feitas. O roteiro de observação proposto foi preenchido em três observações, duas em dias de treinamento e uma em dia de competição, comprovando a facilidade de preenchimento e servindo de grande valor para o auxílio da compreensão do ambiente do clube por parte do observador. É importante ressaltar que o mesmo foi aplicado em uma equipe esportiva de outro esporte, mas preenchendo o requisito de serem atletas em formação.

Após a identificação e seleção das entidades esportivas, da amostra que responderia as entrevistas e das pequenas adequações para as perguntas, se estabeleceu o primeiro contato com as entidades, por meio de e-mail de apresentação e telefonemas, detalhando a natureza e o propósito deste estudo. As cinco instituições mencionadas responderam consentindo a participação nesse estudo. Com esse contato assentado, conseguiu-se a liberação dos gestores e dos atletas para a participação. Após a qualificação, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisas da Universidade Federal do Paraná (CAAE nº 88770618.4.0000.0102, parecer nº 2.748.001).

Assim, com a permissão da banca qualificadora, do comitê de ética, dos gestores dos clubes e dos atletas participantes, foram organizados dias e horários para coleta dos dados.

A coleta de dados foi realizada de junho a setembro de 2018, primeiramente com a apresentação presencial à entidade esportiva. O observador ficou no mínimo cinco dias e no máximo sete dias em cada local de análise.

Os primeiros dias foram destinados às observações estruturadas e às entrevistas, que serviram também para apresentação pessoal e assinatura do consentimento de participação do estudo. As observações iniciaram uma hora antes dos treinamentos e tiveram a duração de até uma hora após término dos treinamentos. Essas informações foram registradas no roteiro de observação, que permitiu a consulta posterior dos arquivos nele contidos.

Para a entrevista, foi agendado um horário com o gestor participante, os dias ficaram sujeito à disponibilidade de horário dos gestores. Os dias restantes serviram para a aplicação das entrevistas com os atletas. De princípio se expôs as perguntas e explicou-se seus principais pontos, objetivando esclarecer as dúvidas.

O pesquisador deixou claro que qualquer participante poderia se retirar do estudo a qualquer momento, sem causas penosas para o mesmo, logo todos os participantes assinaram o termo de consentimento para a utilização dos dados obtidos. Para os participantes menores de 18 anos foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais e/ou Responsável Legal.

Após a coleta dos dados, as categorias de análise surgidas nas observações, entrevistas e questionários foram detalhadas, buscando, com o referencial teórico, a base necessária para estabelecer discussões diretas e fundamentadas.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS

As análises das entrevistas e das observações se deram a partir das referências bibliográficas e teóricas apresentadas no estudo. As entrevistas foram transcritas na íntegra e organizadas por temáticas de acordo com o roteiro de entrevista que é baseado no questionário. Foi utilizado software NVivo - QSR International versão 12, para categorizar as entrevistas transcritas. Com essa ferramenta também geramos as nuvens de palavras, selecionando as 100 palavras com no mínimo quatro letras mais presentes na entrevistas de cada fator.

Como a composição de análise se baseia nos sete fatores de Martindale *et al.* (2010), o NVivo serviu de auxílio para enquadrar o discurso dos atletas e dos gestores em cada fator e, posteriormente, gerar as nuvens de palavras presentes no capítulo cinco deste trabalho.

#### 4.5 REFERENCIAL TEÓRICO.

Foi utilizada como referencial teórico deste trabalho a teoria desenvolvida pelo psicólogo russo radicado nos Estados Unidos da América Urie Bronfenbrenner, que em sua proposta buscou analisar como o ambiente, em suas diversas camadas, pode ser decisivo no desenvolvimento humano. Este modelo de análise se alia perfeitamente aos fatores presentes no instrumento elaborado por Martindale *et al.* (2012), por evidenciar a pesquisa ambiental *in loco*, levar em consideração as características pessoais, as relações interpessoais, o tempo e as interações ambientais.

O paradigma utilizado será o de PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo). Há a exclusão do modelo de processo, pois não foi feita uma análise histórica e biográfica dos participantes, para proceder com todos os processos de interiorização dos estímulos do ambiente. Deste modo o modelo de análise será (PCT), dentro do qual as Pessoas são os gestores e atletas e o Tempo caracterizado pelos meses de maio a agosto de 2018.

Os Contextos foram divididos em três maneiras distintas, o contexto Paranaense (com as equipes FECAM, PM de Colombo e SMELJ Curitiba), o contexto Paulista (ORCAMPI) e o contexto Fluminense (EMFCA). Essa divisão se deu de maneira regional, mas também pelas características comuns das equipes.

Dentro da teoria de Bronfenbrenner (1996; 2012), a matriz de análise será dividida em duas partes, Propriedades da Pessoa (disposições que ativam ou inibem o desenvolvimento por base dos recursos e demandas) e Parâmetros do Contexto (Micro/Meso/Exo/Macro/Cronotempo). Utilizadas para nortear os resultados e discussões, considerando a visão holística do TDEQ e a teoria Bioecológica, dessa maneira os fatores serão distribuídos da seguinte forma:

TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DOS FATORES NAS MATRIZ DE ANÁLISE.

Matriz	Fatores TDEQ
Propriedades da Pessoa	Preparação de Qualidade
	Compreensão do Atleta
Parâmetros do Contexto	Foco no Desenvolvimento a Longo Prazo
	Comunicação
	Rede de Apoio
	Ambiente Desafiador e de Apoio
	Fundamentos de Desenvolvimento a Longo Prazo

FONTE: ADAPTADO DE BRONFENBRENNER (2012) E MARTINDALE *et al* (2012).

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir das entrevistas elaboradas para os atletas e gestores, sobre os fatores desenvolvidos por Martindale *et al.* (2010; 2012), podemos ter a noção da constituição de cada ambiente analisado, assim, este capítulo se destaca por conter os dados obtidos por meio das entrevistas e das observações e por discuti-los.

Como foi definido anteriormente, o questionário desenvolvido por Martindale *et al.* (2010) objetiva analisar o ambiente desenvolvedor do talento esportivo, baseado em sete fatores, que serão os guias para as nossas análise:

- preparação de qualidade.
- compreensão do atleta.
- foco no desenvolvimento a longo prazo.
- comunicação.
- rede de apoio.
- ambiente desafiador e de apoio.
- fundamentos de desenvolvimento a longo prazo.

Juntamente com as análises dos fatores do TDEQ, utilizaremos da teoria bioecológica de Bronfenbrenner para debater e discutir o ambiente presente em cada equipe. Para tal, como visto no capítulo anterior, cada equipe pode se enquadrar como um microssistema, estabelecido como o ambiente de contato imediato, constituído de um padrão de atividades, relações interpessoais e papéis sociais, levando em conta os aspectos físicos, simbólicos e sociais, que podem permitir ou inibir o envolvimento em atividades e interações, por parte da pessoa de desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; STEFANELLO, 1999). Assim, cada equipe abarca essa definição, por ser um ambiente próximo do atleta, em que atividades de desenvolvimento, relações e papéis ocorrem, como veremos a seguir, no discurso dos atletas e dos gestores de cada equipe.

Desta maneira, analisaremos separadamente cada um dos fatores do *Talent Development Environment Questionnaire*, mostrando semelhanças e diferenças aparecidas entre os microssistemas. Divididos em dois grandes grupos que contemplem suas especificidades e generalidades (Propriedades da Pessoa e Parâmetros do Contexto), cada fator será analisado por meio dos conceitos da teoria

Bioecológica de Bronfenbrenner, nos auxiliando no entendimento de como as características da pessoa, o contexto e o tempo ocorrem nos microssistemas das equipes.

Para facilitar a compreensão, a Tabela 2 mostra como foi estabelecida a divisão entre os atletas, as equipe e gestores.

TABELA 3: DISTRIBUIÇÃO DOS ATLETAS E GESTORES PELAS EQUIPES E OS CONTEXTOS ENTREVISTADOS.

CONTEXTOS REGIONAIS	EQUIPE	CIDADE	ATLETAS	GESTOR
PAULISTA	ORCAMPI	Campinas	Atleta 1	Gestor 1
			Atleta 2	
			Atleta 3	
FLUMINENSE	EMFCA	Rio de Janeiro	Atleta 4	Gestora 2
			Atleta 5	
			Atleta 6	
			Atleta 7	
PARANAENSE	FECAM	Campo Mourão	Atleta 8	Gestor 3
			Atleta 9	
			Atleta 10	
			Atleta 11	
	PM Colombo	Colombo	Atleta 12	Gestor 4
			Atleta 13	
			Atleta 14	
			Atleta 15	
	Curitiba SMELJ	Curitiba	Atleta 16	Gestor 5
			Atleta 17	
			Atleta 18	
			Atleta 19	

FONTE: O AUTOR, 2018.

Desse modo, percebe-se a divisão entre os atletas e gestores de cada equipe, totalizando 19 atletas entrevistados e 5 gestores. A tabela discrimina a nomenclatura que será utilizada na apresentação e na discussão dos dados. O estabelecimento da ordem para a apresentação foi feita de maneira a contemplar as colocações definidas na Tabela 1, presente nos procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

Conforme estabelecido anteriormente, os fatores são postos da maneira que Martindale *et al.* (2010; 2012) os apresentam em seus trabalhos. Assim iniciaremos, com o grupo dos fatores que se enquadram como “propriedades da pessoa”.

## 5.1 PROPRIEDADES DA PESSOA

Como visto no capítulo anterior, as características da pessoa englobam atributos psicológicos, biológicos, personalidade e herança genética, que influem diretamente nos ambientes imediatos que esses indivíduos estão inseridos (COPETTI; KREBS, 2004). Dessa maneira, recursos (habilidades e capacidades corporais) e demandas (aparência física e status emocional) influem de maneira direta no desenvolvimento do atleta (COPETTI; KREBS, 2004).

Ao se entender as características e conformidades às quais Martindale *et al.* (2010) se propunham analisar ao elaborar os fatores de seu questionário, podemos constatar que os fatores “preparação de qualidade” e “compreensão do atleta” se enquadram na categoria de análise por contemplarem os recursos e demandas que cada microssistema oferece, além de analisarem o atleta holisticamente, de maneira completa, tirando proveito de forma otimizada das suas características para o seu desenvolvimento.

### 5.1.1 Preparação e Qualidade.

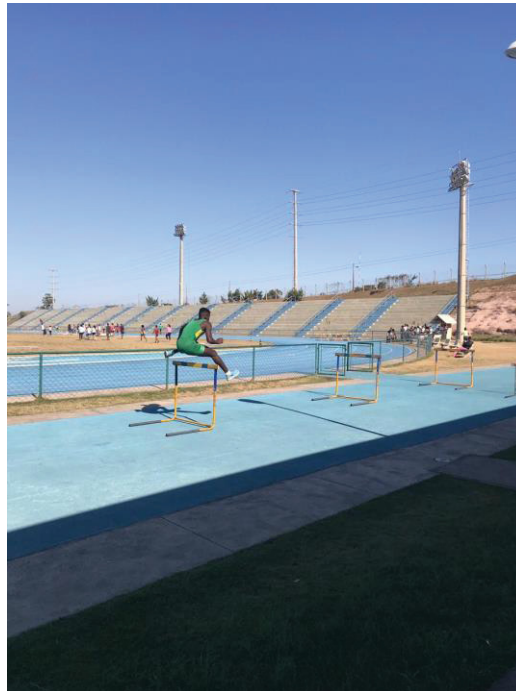
Esse fator do questionário *Talent Development Environment Questionnaire* relata sobre as perspectivas de desenvolvimento por meio das definições de metas, estrutura de qualidade, oportunidades de repetição e feedback (MARTINDALE *et al.*, 2010). Esse é um ponto crucial para os microssistemas analisados, pois, entre outras coisas, debate sobre a estrutura física e humana das equipes. Sob a ótica da teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, podemos aproximar esse fator, com uma análise direta dos objetos, características das pessoas e a tomada de decisões dentro desse microssistema.







FIGURA 3 – ÁREA DE TREINAMENTO COM BARREIRA DA EQUIPE ORCAMPI



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Como uma forma de diferenciação dessa equipe, a estrutura se destaca, pois há todo o fornecimento de material por parte da equipe.

FIGURA 4 – ÁREA DE SALTO EM ALTURA DA EQUIPE ORCAMPI



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

E, mesmo assim, há um déficit estrutural ao vermos os colchões das áreas de salto em altura e com vara, que por ficarem ao relento, acabam se deteriorando com maior rapidez. Nota-se, contudo, que eles existem em grande quantidade.

FIGURA 5 – PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE ORCAMPI



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Com relação à pista, que foi montada e está situada em um terreno da prefeitura, os materiais e a manutenção ficam por conta da equipe, que por meio de seus patrocínios mantém toda a estrutura física e humana.

FIGURA 6 – GAIOLA PARA LANÇAMENTOS DA EQUIPE ORCAMPI



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

A gaiola de lançamento surge como ponto diferencial, pois está presente e pode ser utilizada livremente apenas nessa equipe, dentre as demais pesquisadas.

FIGURA 7 – ACADEMIA DA EQUIPE ORCAMPI



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

A academia, ainda que sem as condições ideais, é satisfatória, e foi muito utilizada durante os dias de observações.

Ao questionar os atletas sobre a qualidade da estrutura oferecida, pode-se perceber o entendimento de que a estrutura é muito satisfatória, principalmente por aqueles que vieram de outras equipes.

Em Ourinhos eu tinha uma pista de carvão para treinar, parece que tinha que fazer mais força para correr, que na nossa pista de sintético (ATLETA 2).

“Eu lembro que no final de 2016, quando estava com o professor do colégio, eu fui para o sul-americano e eu treinava aqui, pra fazer a prova do obstáculo, que eu me classifiquei, já que lá na escola eu treinava com barreira e na pista de carvão, que faz bastante diferença. Eu vinha aqui uma vez por semana com o meu pai e fazia a prova de obstáculo e ia embora. Algumas vezes o meu atual treinador ou outro treinador estava aqui e ficavam olhando, a gente conversava [...] Aqui eles tem tudo, têm a pista, tem academia aqui, não precisa ficar indo pra outro lugar (ATLETA 3).

Outro ponto levantado pelos atletas é a estrutura de recursos humanos da equipe, que conta com 13 professores diretamente e sete indiretamente,

nutricionista, psicóloga, assistente social, fisioterapeuta, massoterapeuta, além de oferecer plano de saúde de um dos patrocinadores para todos os atletas da equipe.

Tem a nossa psicóloga, já conversei com ela, tanto os treinadores, quanto a psicóloga, para entender por que aquilo não foi o momento, porque eu perdi a corrida, por um erro técnico talvez [...] A equipe tem toda uma estrutura, com fisioterapeuta, massoterapeuta e psicólogo, além do convênio com a patrocinadora que paga médico. (ATLETA 2)

Esses dias atrás eu tive uma lesão. Aí vim para a fisio e ele me ajudou bastante [...] Eu nunca fui na psicóloga, ela sempre conversa com o grupo, mas nunca precisei individualmente (ATLETA 1).

O gestor corrobora com a opinião dos atletas, definindo a condição estrutural da equipe como quase perfeita.

A nossa estrutura como equipe, estrutura física, é praticamente perfeita, falta uma coisa ou outra, mas pensando em alta performance, pra estrutura da equipe, de formação, para as crianças, pro atleta que está em aperfeiçoamento, temos uma estrutura perfeita [...] O material esportivo, recebemos do patrocinador, o material de treinamento, material de competição, a equipe fornece (GESTOR 1).

Como destaque da estrutura da equipe há uma série de casas, que são denominadas repúblicas, em que os atletas de outras regiões fixam residência. O gestor nos explica qual o funcionamento dessas repúblicas e ressalta a importância das mesmas para os atletas seguirem treinando na equipe.

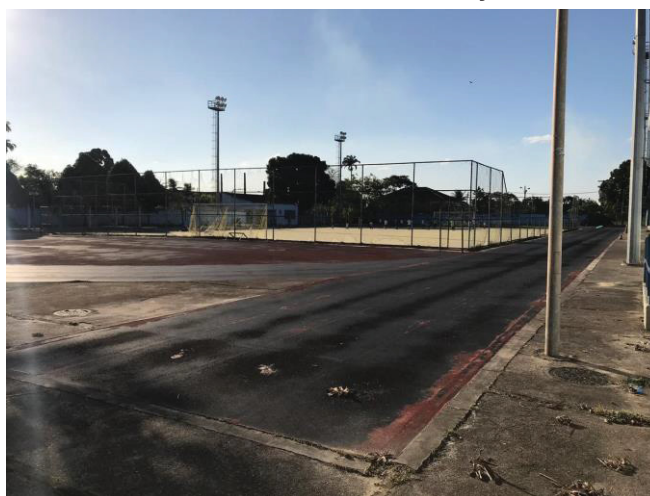
Nós damos a moradia e eles arcam com toda a responsabilidade da moradia. Eles pagam água, luz, internet, o que quiserem colocar lá é por conta deles, eles racham entre os que moram na casa e a equipe da uma quantia mensal para ajudar na alimentação. Eu tenho 3 meninas e 2 rapazes morando nas casinhas, procuramos trazer atletas acima dos 18 anos, mas as vezes acontece de serem menores. O caso da menina que está no sul-americano que treinava com a gente e os pais bancavam o aluguel em uma outra república, aí os pais não tinham mais condições de mantê-la na república, tínhamos duas opções, ou arranjava um lugar nas casinhas para ela permanecer, ou ela iria embora, teria de voltar para a cidade dela. Como ela tem um nível muito bom, abrimos um exceção para ela, ela é a única atleta menor de 18 anos que temos ali. Nós fizemos uma escolha certa, pois hoje ela está no sul-americano. (GESTOR 1).

Percebe-se que a equipe se notabiliza pela estrutura apresentada. Tanto para o gestor, quanto para os atletas, a estrutura é considerada a melhor que há, com poucos pontos de queixas.

#### 5.1.1.2 EMFCA

A equipe, localizada em Santa Cruz, um bairro da cidade do Rio de Janeiro, oferece uma estrutura física que conta com uma pista de atletismo com quatro raias, sintética, medindo 250m. Uma caixa para saltos, academia, e os arremessos e lançamentos são realizados no campo de futebol de areia que fica no centro da pista (quando não tem aulas de futebol no local).

FIGURA 8 – PISTA DE ATLETISMO E ÁREA DE LANÇAMENTO E ARREMESSOS.



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

A pista, com a metragem limitada e com a borracha defasada, se localiza em um espaço mantido pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

FIGURA 9 – TREINAMENTO DE BARREIRAS DA EQUIPE EMFCA



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).



Os materiais necessários para o treinamento e a manutenção vêm da prefeitura e das forças armadas. Como é possível ver na FIGURA 9, as barreiras têm alturas diferentes e, com a limitação do comprimento da pista, o treinamento não é próximo ao ideal de competições. Quando se aproximam as competições, os atletas vão para a Comissão de Desportos da Aeronáutica, localizada na mesma cidade.

FIGURA 10 – CURVA DA PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE EMFCA



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

A curva (FIGURA 10) é motivo de queixas por parte dos atletas e treinadores. Por não ter o ângulo adequado, alguns atletas já se lesionaram durante os treinamentos.

A respeito da qualidade da estrutura física disponível, os atletas ressaltam problemas estruturais da pista.

A estrutura da nossa equipe não é boa, a gente tem uma pista de 250 metros, que tem uma curva que você quase quebra a perna, porque ela é muito fechada, ela tá desnivelada e tem buraco (ATLETA 4).

A estrutura física do clube não é legal, dentro do clube não temos muito suporte de musculação e essas coisas [...] os aparelhos que estão lá dentro, estão horríveis, a gente usa para não ficar sem nada (ATLETA 5).

O espaço físico não é tão bom, mas assim é o que a gente tem [...] mas eu melhoraria a salinha de musculação (ATLETA 6).

A Gestora da equipe concorda com as queixas dos atletas e diz que, com melhor estrutura, poderia se produzir muitos mais atletas de sucesso.

A gente pode fazer produzir, é óbvio que se a gente tivesse uma estrutura, e eu posso planejar e pensar, faço uma logística inteira para você, porque eu já tenho até o centro de treinamento na cabeça, que um dia ainda tirar ele do papel, é óbvio que a gente conseguiria atingir muito mais sucesso [...] eu não seria desinteligente de dizer que uma estrutura boa não daria muito mais resultado, com muito mais atletas (GESTORA 2).

Nas entrevistas e nas observações se pôde notar que há confluência de pensamento entre os atletas e Gestora sobre superar as adversidades presentes.

Mesmo que não tenha uma estrutura tão boa, a gente tenta chegar lá [...] Eu não posso dizer para você, que outra pessoa vai bem por ter uma estrutura melhor e que eu não vou conseguir. Porque eu sou exemplo, sempre fiz tudo nessa pista aqui desde sempre (ATLETA 4).

É o que a gente tem é o que a gente tem e a gente está conseguindo dar resultado assim [...] A gente dá resultado para a gente ter muita força de vontade a gente tem a professora (ATLETA 6).

A gestora ressalta a importância das adversidades e da superação dos seus atletas.

Não é verdade que você não consegue fazer quando você tem o mínimo. Eu vi grandes equipes de revezamento aí no Brasil e da Jamaica que treinavam no barro, eu não sei até que ponto a estrutura física é tão decisiva sozinha (GESTORA 2).

Com relação a estrutura pessoal, a equipe conta com 5 professores, divididos por níveis: dois professores são responsáveis pela iniciação esportiva e outros três responsáveis pelas modalidades. A equipe não conta com outros profissionais responsáveis por cuidar da parte de alimentação, médica e psicológica dos atletas. Sobre essa questão, alguns atletas relataram que pode fazer diferença no rendimento, essa falta de estrutura humana, mas relatam o empenho da professora em oferecer e suplantar este déficit estrutural.

Ela compra suplemento para os atletas dela. Ela não ganha nada pela gente, mas sempre quando ela pode, compra o uniforme, ela manda fazer uniforme para a gente, ela ajuda da forma que ela pode ajudar (ATLETA 5).

Quando a gente se machuca, a gente trata como a gente pode, se for muito grave a gente procura algum lugar, a gente mesmo paga, a treinadora ajuda a pagar as vezes. Se for algo leve a gente passa um gelo e vida que segue (ATLETA 6).

Eu não tenho psicólogo aqui, é a minha treinadora que dá o apoio psicológico, que faz e que trabalha essa questão comigo (ATLETA 4).

A Gestora ressalta a importância dessa atuação e explica uma parceria que tem com a CDA (Comissão de Desportos da Aeronáutica), onde realiza alguns treinamento e recebe ajuda de nutricionista e médicos.

Então veja bem, quanto à parte médica, a gente vai dando um jeitinho para lá, um jeitinho para cá, porque dentro do seu grupo tem aqueles que não tem bolsa atleta, que necessitam. Eu pago a consulta desses, aqueles outros que não precisam, os professores chegam para dar um suporte. Como a gente batalha muito aqui no Rio de Janeiro tem sempre um profissional que ajuda. O pessoal da Aeronáutica do CDA que chega pra gente, pelo EMFCA ser um clube que tem os atletas e que têm resultado, essas portas se abrem, e eles chegam pra gente e fala “olha, se precisar de nutricionista, aqui para fazer o trabalho, nutricionista a gente tem aqui, se precisar de um fisioterapeuta, para alguma lesão a gente tem” [...] Aí pronto, a gente vai lá, já conversamos com nutricionista, aí chegamos em um denominador comum. Aqueles que tem bolsa comprou, aquele que não têm, a gente “intera” no começo do mês, compra aqueles quilos de massa, vai passando dentro daquilo. Mas é aquilo, eles precisam buscar recursos dentro das dificuldades [...] A gente recebe ajuda e quando a gente não consegue, a gente arruma um jeito de pagar, vai do bolso, a gente vai fazendo aquele sacrifício. Vamos para a parte psicológica, eu me encontro com várias naturezas diferentes, de diferentes realidade e eu falo assim, pera aí o atleta precisa estar fortalecido mentalmente, tanto quanto fisicamente, para que ele possa exercer aquilo, eu preciso suplementar meus atletas e entender dessa parte psicológica esportiva, para que eu possa seguir adiante com os meus atletas (GESTORA 2).

A gestora afirma que já realizou alguns cursos sobre psicologia e nutrição, para poder dar esse suporte para os atletas.

Eu me inscrevi em uns três cursos de cada. Fui e fiz curso de psicologia e curso nutrição [...] eu só sosseguei quando eu fiz curso com o médico do flamengo, que trabalha muito com isso, eu já fiz três com ele (GESTORA 2).

Dessa maneira, pode-se perceber que a equipe não conta com as estruturas humanas e físicas consideradas ótimas, mas, segundo o relato dos atletas, pode ser que isso não seja um diferencial tão marcante.

#### 5.1.1.3 FECAM

A estrutura disponibilizada pela equipe para os atletas é constituída de uma pista de terra com brita localizada no estádio da cidade, sala de almoxarifado que serve como academia, e duas repúblicas, feminina e masculina, para alojarem os atletas captados em outras cidades. A equipe também conta com parcerias com



uma academia particular da cidade, com um restaurante e com um plano de saúde, que oferece todo o suporte médico para os atletas.

FIGURA 11 – ESTRUTURA FÍSICA DA EQUIPE FECAM



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Durante as observações, a pista estava em reforma para sediar uma competição de nível estadual, mas os atletas estavam em treinamento. Na FIGURA 11 é possível ver algumas barreiras e a sala do almoxarifado, onde todo o material da equipes está guardado. A pista (FIGURA 12) e materiais são mantidos por recursos da prefeitura da cidade, por meio de repasses da Fundação Municipal de Esporte, além de doações dos moradores da cidade.

FIGURA 12 – PISTA DE ATLETISMO DA EQUIPE FECAM



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Sobre a qualidade da estrutura física oferecida, os atletas têm opiniões distintas. O Atleta 9 analisa que, para sua prova, essa pista é boa para o desenvolvimento.

Pra minha prova acho que tem o equipamento sim. Sou fundista, faço prova de resistência, prefiro correr aqui que na pista sintética, porque é mais pesado de correr (ATLETA 9).

O Atleta 10 concorda em certo ponto com o Atleta 9, mas argumenta a discordância relatando que, nos dias de chuva, eles não podem treinar na pista, mas que existem outras saídas nos treinamentos.

Olha, a nossa pista é muito boa para treinar uma pessoa, muito boa para treinar, só quando chove a gente não consegue treinar, aí a gente tem que fazer outra coisa. Ficar só rodando, vai para as estradas vai fazer “longão” (corridas de 10 a 15 quilômetros). Mas a nossa pista é uma das melhores pistas de terra do Brasil e do Paraná (ATLETA 10).

O Atleta 8 ressalta a importância da adaptação do treino para o tipo de pista. Por ser um atleta militar da Força Aérea, ele se divide nos treinamentos entre a pista de Campo Mourão e a pista da UNIFA (Universidade da Força Aérea, localizada na cidade do Rio de Janeiro), que é de borracha.

Eu preciso ir para o Rio de Janeiro a cada dois meses, às vezes vou um pouco antes. Fico umas duas semanas lá. Onde tem o professor que está em conjunto com o meu treinador aqui [...] quando eu estou aqui ele manda o treino para o meu treinador poder adaptar para fazer o treino para essa pista, quando eu estou lá meu treinador manda o treino ele adapta para fazer o treino lá, porque lá a pista de borracha e aqui a pista é de terra (ATLETA 8).

O Atleta 10 relata a deficiência na parte de musculação da equipe, que é realizada em uma academia parceira, mas quem elabora os treinamentos de musculação é o técnico da equipe.

Às vezes o Gestor 3 passa musculação para a gente, coloca duas séries, a gente vai na musculação e faz o que quiser, porque a gente não tem alguém para ficar olhando a gente ali (ATLETA 10).

O Atleta 10 também analisa o fato de que a estrutura de treinamento é algo altamente influente no desempenho.

Eu acho que estrutura é uma das coisas mais importantes, porque se não tem a pista e os objetos para gente treinar, não tem como a gente treinar. Então acho que a estrutura é sim uma das coisas mais importantes (ATLETA 10).

O Atleta 11 ressalta a superação que os atletas devem ter para competir com atletas de outras equipes mais estruturadas fisicamente.

Minha diferença dos outros atletas, com estrutura melhor que é nossa, vai vir do meu preparo. Tenho que treinar e me preparar para não ter medo, chegar lá e vencer eles (ATLETA 11).

Com relação às moradias, o Atleta 10 relata como é feita a divisão e apresenta a dificuldade na alimentação.

Moro na República, moramos o José, eu e mais três homens. As meninas moram no apartamento separado [...] é difícil chegar depois do treino e não nada saudável pra comer, comemos só pão (ATLETA 10).

Segundo a ótica do gestor, essas queixas são justificáveis, pois a qualidade da estrutura pode ser melhorada, pois de certa maneira, isso poderia atrair maior visibilidade para a equipe e à cidade.

Minha estrutura não é suficiente. Falta bastante coisa. Eu queria uma musculação decente, caixas de salto decente, material adequado para trabalhar com mais condições, outros profissionais junto, de outras áreas para poder auxiliar, uma equipe multidisciplinar, o instituto de atletismo se envolver um pouco mais, para tirar um pouco das responsabilidades que eu tenho fora da pista, isso já melhoraria muito. Mas é claro, se eu tiver uma pista sintética, você muda muita coisa também, até a visão para cidade e para a equipe seria outra (GESTOR 3).

Com relação à equipe multidisciplinar, a equipe se caracteriza por ser apenas o gestor como treinador e preparador físico, além de proporcionar um auxílio psicológico aos atletas: “A equipe é basicamente o nosso treinador” (ATLETA 8).

Essa falta de equipe de profissionais trabalhando na equipe é reduzida, algumas vezes, por atletas que cursam Educação Física e auxiliam no treinamento dos outros atletas.

A equipe praticamente sou só eu. Temos a ajuda de duas pessoas que são atletas e que fazem educação física. Um deles acabou de se formar. Eles me auxiliam, às vezes ligo para eles e peço para ficarem com tal atleta, eles me ajudam nesse sentido (GESTOR 3).

Os atletas relatam que outros atletas mais experientes auxiliam também na parte de suplementação e alimentação para melhorar o desempenho.

Na parte de alimentação nosso treinador não cuida muito, isso é coisa nossa, por cada um ter sua prova, já sabemos o que fazer [...] Nós mesmos que passamos nossos suplementos. Quem já treina há mais tempo e sabe melhor das coisas, me explica o que tenho que tomar antes do treino, ou durante e no final do treino (ATLETA 9).

O Atleta 10 expõe a ajuda que recebe da namorada, que também é atleta da equipe, na parte de suplementação.

Ela me ajuda com suplementos BCAA maltodextrina e todas as coisas, como ela faz faculdade de educação física ela entende um pouco mais sobre suplementação [...] a gente entende um pouco e pesquisa muito na internet sobre suplementação, aí a gente vai lá e comprar BCAA, malto ou hipercalórico, essas coisas (ATLETA 10).

Sobre o auxílio nas características psicológicas feito com os atletas, o gestor afirma que é apenas ele quem desenvolve esse trabalho, mas que quando foram a alguns campings realizado pela CBA<sup>t</sup>, alguns atletas tiveram a oportunidade de realizar sessões com psicólogos.

A parte psicológica, mais ou menos sou eu. A gente teve sorte de ir em vários campings da CBA<sup>t</sup>, tivemos várias palestras com os psicólogos, tivemos vários atendimentos individuais e eu fui chamado pela psicóloga e ela me passou o que cada atleta precisava. Procurou saber qual a forma que eu converso com eles. A maioria dos atletas com um pouco mais de nível foi e conseguimos saber as condições que eles se encontravam na época, para a sorte dos que puderam ir na época (GESTOR 3).

Com relação a parte médica e de lesões, o gestor afirma ter o convênio médico que auxilia muito os atletas da equipe.

No caso, eu tenho alguns atletas que tem plano de saúde de uma empresa patrocinadora. Eles vão direto nela e ela encaminha para um profissional. Aí eles tem todo o aparato lá, se tiver que fazer fisioterapia, vão para a fisioterapia, se tiver que fazer uma ressonância, faz a ressonância, ou raio-x. Alguns atletas têm esse plano de saúde, que alivia bastante coisa e ajuda bastante os atletas aqui (GESTOR 3).

Com isso tudo, o gestor ressalta que seria importante ter esses profissionais na equipe, para a ajudar no desenvolvimento do atleta.

Isso é muito importante. Eu gostaria de ter um psicólogo aqui, um massoterapeuta, um fisioterapeuta, uma nutricionista, são coisas básicas, que ajudariam muito a equipe, em todos os aspectos, cresceria muito o nível do atleta (GESTOR 3).

Assim, pode-se perceber que a estrutura física e humana da equipe é deficitária em alguns pontos a ser melhorado. A pista divide opiniões, mas apresenta pontos a ser melhorados. Já a musculação e a rede de profissionais multidisciplinar são pontos de queixa em comum.

#### 5.1.1.4 PM de Colombo

Sobre a estrutura física, por não ter uma pista de atletismo na cidade, a equipe treina no Bosque da Uva (FIGURA 13), onde tem um ginásio de esportes para o aquecimento em dias de frio e chuva, uma pista de caminhada e dois setores de lançamentos e arremessos pintados no chão (improvisada em um estacionamento).

FIGURA 13 – PLACA DE IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL DE TREINAMENTO DA EQUIPE DE COLOMBO



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Como relatado anteriormente, a equipe não conta com um local de treinamento específico, dividindo o espaço com a comunidade. Durante as

observações, houve inúmeras interrupções nos treinamentos por conta de veículos e pedestres passando, como podemos ver na FIGURA 14.

FIGURA 14 – PISTA DE CAMINHADA DA EQUIPE PM DE COLOMBO



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Dessa maneira, foi encontrada certa deficiência estrutural na equipe, o que fica presente no setor de lançamentos e arremessos (FIGURA 15). Os atletas treinam em um estacionamento sem demarcações oficiais, assim, suas medidas são realizadas a partir de pontos de referencias.

FIGURA 15 – SETOR DE ARREMESSO DE PESO E LANÇAMENTO DE DISCO E MARTELO DA EQUIPE PM DE COLOMBO.



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).



O local para treinamento de lançamento de dardo se localiza em um gramado (FIGURA 16). Cabe ao treinador e seu voluntário a divisão de funções para orientar todos os atletas ao mesmo tempo.

FIGURA 16 – LOCAL PARA TREINAMENTO DO LANÇAMENTO DE DARDO DA EQUIPE PM DE COLOMBO.



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Com caráter de resumo sobre a estrutura, o gestor apresenta um panorama geral das dificuldades encontradas por ele para exercer o papel de treinador.

Não é, nenhum pouco, inclusive é muito desmotivante para mim, chegar todo dia de manhã e ter que encarar essa forma como nos trabalhamos. Você pode perceber que nosso treino é todo adaptado. Não deveria passar um treino onde treinamos, na verdade, nem deveríamos estar ali. Se você ver nossos atletas lançando, não tem segurança nenhuma, a qualquer momento pode gerar um acidente. Faz 10 anos que treinamos e não aconteceu nada, mas e quando acontecer? Eu não vou ter respaldo nenhum, a culpa vai ser toda minha. Para marcar os lançamentos e arremessos, fica uma marca no chão, onde caiu eles colocam um objeto e depois vamos com a trena para medir a distância. A nossa estrutura física é ruim, pois não temos um local adequado e nem material adequado para treinamento. Não temos uma equipe de professores suficiente. Seria necessário pelo menos 3 ou 4 professores para atender essas crianças. Nosso material humano é fraco, pois sou só eu e não consigo dar um treino com a qualidade que eu gostaria, isso gera uma cobrança de mim mesmo. Não é atrativo para as crianças virem para cá. Pois ele vai chegar e vai correr em um asfalto, que gera muita lesão, ele vai arremessar e não tem um setor apropriado para isso, não tem o implemento adequado, aí temos que adaptar tudo, isso é frustrante, tanto pra mim quanto para os atletas. Pois quando chegamos na competição, não tem uma equivalência com as outras equipes, pois eles estão acostumados a treinar naquela realidade e nós não, aí temos que adaptar na competição também (GESTOR 4).

Essa diferença estrutural é refletida no pensamento dos atletas que relataram sentirem a diferença entre os locais de treinamento e competição.

Faz diferença treinar no bosque sim, tem competição que é na pista e outras que são na rua [...] se tivesse uma estrutura melhor, poderia alcançar índice maior. (ATLETA 13).

Você já viu onde eu treino? Eu treino aqui no bosque, há duas semanas eu não tinha um disco, eu não tenho um setor adequado para lançar (ATLETA 15).

Cara, competi 3 vezes o Paranaense, fui campeão em um deles, a gente sente um pouco a diferença da estrutura, não temos tudo que a competição tem, assim sentimos um pouco na hora de competir. O dardo é improvisado e dividimos as luvas para o martelo. Sinto diferença na hora do martelo, pela gaiola (ATLETA 14).

Essa diferença que a estrutura faz pode ser percebida na fala do gestor, que relata as dificuldades encontradas para desenvolver o esporte com a estrutura oferecida a ele que, a partir da adaptação, tenta buscar resultados com seus atletas.

Te digo que faz muita diferença, no ano passado dois atletas foram convocados para ir nos jogos americanos da juventude, uma competição continental para a idade de até 17 anos, em Santiago no Chile. Lá passamos 12 dias com uma estrutura toda oferecida pelo COB, com médico, fisioterapeuta, massoterapeuta, psicólogo, palestras motivacionais e o resultado deles foi incrível. Outra coisa, durante todo esse tempo, treinamos com implementos e uma pista oficial, hoje nossa realidade é outra. Não temos pista, tudo é adaptado, nem os implementos oficiais nós temos. Tudo isso faz diferença, vivendo essa experiência tudo ficou mais perceptível na diferença do resultado deles [...] Eu tenho que compensar de alguma forma, para ter o resultado. Se eu não tenho estrutura, eu tenho que adaptar, não vou conseguir melhorar minha estrutura, então se eu não me adapto ao que eu tenho, acabou. Adaptamos o treino e tento fazer o melhor treino possível dentro do que eu julgo correto, estudei e pesquisei, para esse cara conseguir render (GESTOR 4).

A estrutura humana também é percebida pelo gestor como sendo deficitária, não quanto à capacidade dos treinadores em desenvolverem os atletas, mas sim quanto ao número de treinadores, a quantidade de atletas na equipe e as provas de especificidade que a modalidade do atletismo pede.

Temos eu, o outro professor e uma estagiária. Esses meninos que têm resultados expressivos, a gente tem um acompanhamento, pois alguns parceiros nos ajudam, a própria prefeitura disponibiliza e ajuda a conseguir algumas coisas. Mas os outros atletas a gente faz o preventivo e vamos nós e nós. Eu que trabalho o lado psicológico dos alunos, aquela coisa né, não sou da área e cumpro a função como um profissional da área, mas sou o



nutricionista, o psicólogo, o pai e a mãe as vezes, somos o fisioterapeuta, temos que ajudar eles em todas essas áreas [...] tem dias que temos 15 atletas e tem dias que temos 40 ou 50, temos que dar conta disso e oferecer uma atividade da melhor qualidade possível para todos (GESTOR 4).

Foi constatado que é um ponto diferencial no resultado da equipe, que não tem um lugar adequado para o treinamento da modalidade e conta com um profissional contratado, um professor voluntário e uma estagiária. Assim a estrutura física e humana da equipe acaba sendo deficitária.

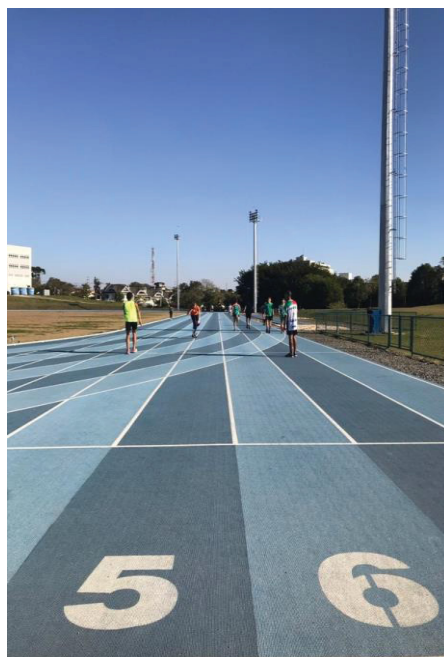
#### 5.1.1.5 SMELJ Curitiba

A equipe conta hoje com a parceria com duas universidades da cidade, que disponibilizam sua estrutura física para os treinamentos, que se dividem em três vezes na semana em um local e 2 vezes em outro.

Nessas estruturas, a equipe oferece uma pista sintética (FIGURA 17) e uma pista de brita (FIGURA 18), caixa para salto em distância, material para salto em altura e um almoxarifado. Mas essas estruturas se complementam, pois em um lugar os saltadores em altura e os barreiristas não possuem o material de treinamento específico. Já no outro local não há um setor específico para lançamento.

Como os espaços são cedidos pelas universidades federais, há grande cuidado, por parte dos treinadores, para a manutenção das pistas. Durante as observações, várias vezes eles pediram para não correr na raia 1, a mais utilizada, falaram para não arrastar as sapatilhas no chão, para não ocasionar rasgos na borracha da pista, e sempre solicitavam a todos para recolher o lixo produzido naquele dia.

FIGURA 17 – PISTA SINTÉTICA DA EQUIPE SMELJ CURITIBA



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Como relatado anteriormente, as estruturas se complementam nos treinamentos. O gestor alegou que, em datas próximas às competições, há foco maior na pista em que os atletas irão competir.

FIGURA 18 – PISTA DE BRITA DA EQUIPE SMELJ CURITIBA



FONTE: arquivo pessoal do autor (2018).

Com relação à estrutura física da equipe, não houve relatos negativos. Os Atletas e o Gestor concordam que a estrutura física é boa. O reclame é de que há falta de equipe técnica multidisciplinar para auxiliar esses atletas.

Eu acho que a equipe fornece uma condição boa para eu ser um grande atleta (ATLETA 17).

A nível de equipe eu não reclamo da estrutura, mas podia ser melhor a parte de fisioterapia, parte de apoio médico, já terapia com psicólogo isso faz diferença. Um fisioterapeuta faz bastante diferença, um psicólogo também, porque eu vejo muito atletas aqui, que tem uma grande capacidade, só que o psicológico tem que ser trabalhado [...] tem pessoas que problemas em casa, que dá até para ver que eles chegam aqui desanimados, e a gente vai e ajuda essa pessoa, essa pessoa tem problemas em casa e fica mal, isso atrapalha muito, dá para ver que a pessoa chega mais triste para treinar. Então é difícil, acho que se tivesse um psicólogo, fisioterapeuta, estaríamos bem melhor (ATLETA 16).

A minha estrutura física é muito boa, eu tenho uma pista sintética e uma pista não sintética, tem espaço. Falta alguma coisa, falta uma equipe técnica, falta mais dois treinadores, falta médico ou falta o médico que acompanhe regularmente, fisioterapeuta e nutricionista. É preciso de uma estrutura e uma equipe técnica (GESTOR 5).

O gestor também afirma que ele e o outro treinador são responsáveis por toda essa parte psicológica dos atletas, além de relatar que, quando necessário, os atletas devem buscar esses profissionais fora da equipe.

A equipe é feita por mim e pelo outro treinador. Não tem psicólogo e não tem nutricionista. Nós somos os psicólogos e nutricionista, alguns atletas procuram por fora e pagam por fora. Em alguns momentos nós temos estagiários que desenvolvem o trabalho de prevenção, sempre quando tem um estagiário voluntário que queira fazer esse trabalho, nós autorizamos (GESTOR 5).

Desta maneira, a equipe de Curitiba se estabelece com uma boa estrutura, mas é relatada a falta de profissionais de diversas áreas que podem favorecer o desenvolvimento do atleta.

Com relação à estrutura, Bronfenbrenner (2011) aponta a importância da estrutura, ou objetos, no microssistemas, pois estes são partes fundamentais de um microssistema, que podem estimular ou inibir os processos proximais nesses contextos. A estrutura pode funcionar como uma das forças dinâmicas do ambiente, pois a interação entre o indivíduo e o objeto existente em um ambiente pode ser considerado um processo proximal, no momento em que acontecem regularmente e evoluem no nível de complexidade (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998). Assim as

estruturas ambientais mais estimulantes tendem a gerar processos proximais mais efetivos.

Quanto às estruturas humanas, elas são recursos fundamentais dos ambientes, caracterizando maior organização e estímulo por meio das equipes com relação aos atletas. Stefanello (1999) aponta que ambientes distintos resultam em resultados distintos. Quanto mais organizado e favorável, mais processos proximais competentes vão ocorrer: quanto menos organizado e desfavorável, maior serão as disfunções apresentadas.

Nos ambientes apresentados, podemos ver distinções significativas em todos eles. O microssistema da equipe ORCAMPI pode ser caracterizado como um microssistema completo, quando falamos estruturalmente, contando com materiais em bom estado, moradia para os atletas de outras cidades e com grande gama de profissionais multidisciplinares.

Já a equipe EMFCA apresenta dificuldades estruturais, mas por contar com cinco treinadores, o número de atletas que desenvolvem suas atividades na equipe é aumentado, se comparado com as demais equipes apresentadas nesta pesquisa, além da possibilidade de envolvimento, com a ajuda dada pelo Centro de Desportos da Aeronáutica.

A equipe FECAM também apresenta problemas estruturais físicos e humanos, mas com a ajuda de atletas formados em educação física e com o auxílio financeiro disponível para moradias, ela se destaca por contar atletas de vários lugares do Paraná, principalmente de cidades próximas a Campo Mourão, aumentando sua população alvo.

O microssistema da PM de Colombo é o mais deficitário estruturalmente falando. Os atletas não têm os objetos e instrumentos necessários para o seu desenvolvimento pleno. O número reduzido de professores também ressalta a falta de estrutura, limitando as atividades a um número pequeno de atletas que consigam treinar com certa qualidade. Nossas análises podem soar como desprestígio para essa equipe, mas não é bem assim. Mesmo com estrutura modesta, ela aparece na pesquisa por ser um centro importante de formação.

Finalizando a análise estrutural das equipes, o grupo da SMELJ Curitiba conta com uma excelente estrutura física. Com suas duas pistas, consegue se adaptar ao estilo das competições, mas por ter apenas dois professores e não possuir outros profissionais, o número de jovens atendidos se reduz.

Assim, podemos ver que a diferença de posição e rendimento de todas as equipes pode ser justificada pela diferença na estrutura física e humana de cada equipe e pelo número de atletas que podem ser atingidos com qualidade, fazendo com que os processos proximais se aproximem da competência para um número maior de jovens (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Martindale *et al.* (2010) defendem que, nesse fator, não só a estrutura oferece uma preparação de qualidade, mas a definição de metas e periodização de treinamento são pontos importantes no desenvolvimento do atleta.

Com relação a periodização, em todas as equipes, os atletas não têm participação na sua elaboração. Ao serem questionados sobre isso, alguns relataram que os treinadores têm o entendimento necessário para isso. Em todas as equipes foram relatadas possíveis mudanças no treinamento e na periodização, caso o atleta não tenha o rendimento esperado, ou não acredite que esteja na sua melhor forma.

Sobre o estabelecimento de metas, em quatro equipes os atletas e gestores afirmaram que os próprios gestores e treinadores estabelecem essas metas. Na equipe EMFCA, a gestora afirmou que a meta é estabelecida em conjunto com os atletas, para eles se sentirem mais ativos e facilitar possíveis cobranças depois.

Eles participam da elaboração, na hora que eu vou cobrar ele, eu vou falar, “pera aí você participou da receita, você falou o que você queria no seu bolo, você me disse que ficaria feliz fazendo essa prova, então agora eu posso fazer uma cobrança maior, porque você estabeleceu a meta que você queria, não fui eu que disse, foi você que disse isso, cadê os compromissos?” Não tá mais fazendo feliz, então é preciso achar a sua felicidade (GESTORA 2).

Nesse fator, o estímulo da participação dos atletas acaba realizando com que eles tenham uma participação ativa do indivíduo em desenvolvimento, que está no ambiente, recebe a influência do mesmo, mas desenvolve suas atividades tendo maior autonomia. Sem a intenção clara de mudar o ambiente a sua volta, muitas vezes ele visa uma melhora pessoal contínua (BRONFENBRENNER, 2011). O modelo de participação ativa é visto na equipe EMFCA, ao se estimular a participação no estabelecimento de metas e objetivos dos atletas.

A maneira ativa de influência do indivíduo no ambiente é uma das ferramentas de ignição dos processos proximais, sendo muito mais efetivos que a participação passiva, onde o indivíduo apenas está no ambiente e, por estar ali,





Pela nuvem de palavras, podemos ver palavras como competição, atleta, treino e esporte, que são mais direcionadas ao contexto esportivo. Palavras como minha, comigo e quero também aparecem em destaque, apresentando um contexto mais pessoal dos entrevistados. Palavras como amigos, relação e pessoas, são palavras que podem ser associadas a outros microssistemas.

Assim, esse fator, além de analisar o atleta dentro do microssistema esportivo, também busca entender o funcionamento de alguns pontos do mesossistema que o envolve, principalmente as suas relações interpessoais. Também permite ver, na perspectiva de atletas e gestores, como eles podem trabalhar essas relações no microssistema esportivo.

Dentre os microssistemas mais citados, vemos os amigos fora do esporte, namorados e namoradas (relações interpessoais). Atitudes que podem ser prejudiciais ao desempenho esportivo também foram lembradas, como bebidas alcoólicas, alimentação, festas e horas necessárias de sono.

A preocupação com a vida fora do microssistema esportivo esteve presente em todas as entrevistas. Gestores afirmam que há a preocupação com a vida completa do atleta, pois algumas coisas interferem no rendimento. Mas também se preocupam com o social que engloba o atleta, para que o atleta não se desvirtue para um caminho considerado ruim.

Por parte dos atletas, todos ressaltam essa preocupação dos treinadores e rede de profissionais de alertar sobre a influência das atitudes fora do mundo esportivo, que podem ser positivas ou negativas. Alguns atletas apontam também dificuldades em conciliar a vida de atleta e a vida social.

É difícil isso, mas eu e meu namorado fomos nos acostumando, só nos vemos no final de semana e as vezes eu tenho competição sábado e ele tem aula, então não nos vemos. Ele não é do esporte, as vezes, quando tenho que vir rodar, ele vem e anda de bike junto, mas se for pra ele correr, ele não vai [...] Não sei como alinhar todas essas coisas. Quando saio com o povo da igreja, acabo explicando pra eles um pouco mais do atletismo. Tinha uma época que eu gostava de sair, para ir nas festas de 15 anos, porque era chique, mas agora, eu não curto mais ficar indo em festinha, tenho que treinar [...] Tento esquecer de todas essas coisas, quando chego na competição, tento me desligar, para não atrapalhar minha concentração na prova (ATLETA 3).

Os meus amigos de fora dos esporte me chamam para comer, eu não vou e eles ficam chateados. Quando eles falam “nós vamos no shopping”, eu respondo “não dá, vou viajar, tem competição”, ou quando chamam para almoçar, eu respondo “não dá tenho treino” (ATLETA 18).

Como vimos nos fatores anteriores, a maioria das equipes não contam com profissionais especialistas em trabalhar essa parte psicológica do atleta. Isso pode ser um diferencial da equipe ORCAMPI, que conta com toda rede de psicólogo e assistente social para melhorar o entendimento de seus treinadores com seus atletas, como ressalta o gestor.

Nós conversamos muito com os atletas, a nossa psicóloga e a nossa assistente social tentam interagir muito com esses atletas e crianças, e acabam sabendo o convívio deles, a nossa psicóloga fez o mestrado dela sobre essas relações dentro e fora do atletismo. Temos essa preocupação sim, em saber como eles estão. Se nós percebemos algum distúrbio de comportamento aqui na equipe, nós buscamos saber o motivo desse distúrbio, se é escola, se é em casa com os familiares, se é na comunidade. Estas questões influenciam no esporte sim, muito, sabemos o que manda, então treinamos o atleta, o corpo do atleta e a mente do atleta, para o esporte, para a competição. Mas se você não estiver 100% focado no que faz aqui, o que você faz fora daqui, reflete muito na performance. Se você tem problemas em casa, com a família, com os amigos ou qualquer outro tipo de problema fora do esporte, que você não consiga separar uma coisa da outra, vai interferir sim na sua performance, isso é fato comprovado através de pesquisas (GESTOR 1).

Dessa maneira, a rede interdisciplinar presente na equipe se torna um diferencial ao facilitar o entendimento do atleta.

Ao se analisar a influência desse mesossistema na vida do atleta, pela análise da teoria de Bronfenbrenner (1996), podemos ver que é uma interação de conhecimento interambiente, em que se traz informações de experiências existentes em um ambiente para outro. Esse tipo de influência é determinante no desenvolvimento do atleta, já que se tem o conhecimento das influências entre os ambientes, e busca-se, através de processos, a evolução para que todos os ambientes permitam o melhor desenvolvimento possível (BRONFENBRENNER, 1996).

Desse modo, ao melhorar o entendimento holístico sobre o atleta, as equipes progridem na orientação evolutiva da formação plena do atleta. As equipes com mais recursos para trabalhar esse entendimento tendem a obter um resultado desenvolvimentista mais efetivo.



## 5.2 PARÂMETROS DO CONTEXTO

Dentro desse grupo de análise, os fatores que englobam o ambiente ecológico de Bronfenbrenner (1996) serão analisados em suas diferentes esferas. Fatores como “foco no desenvolvimento a longo prazo” e “comunicação” aparecem no ambiente mais imediato, e são caracterizados diretamente no microssistema. Já os fatores “rede de apoio”, “ambiente desafiador e de apoio” e “fundamentos de desenvolvimento a longo prazo” abrangem os conceitos de meso, exo e macrossistema, por se estabelecerem na análise de vários microssistemas. O cronossistema aparece ao falarmos no desenvolvimento contínuo, principalmente nos fatores “foco no desenvolvimento a longo prazo” e “fundamentos de desenvolvimento a longo prazo”.

### 5.2.1 Foco de Desenvolvimento a Longo Prazo

Dentre os indicadores propostos por Martindale *et al.* (2010; 2012) como fundamentais no desenvolvimento do atleta, esse fator se baseia em analisar como o desenvolvimento pensado a longo prazo é visto pelos atletas e gestores, visando a maneira que as oportunidades de desenvolvimento oferecidas aos atletas são estimuladas a um desenvolvimento futuro (MARTINDALE *et al.*, 2010).



continua. Porque o atletismo é bem individual, é cansativo, quando a criança vem, temos que tornar um pouco recreativo também, então se a criança gostar do atletismo, ela continua vindo. Só pego a partir dos 10 anos, antes disso eu acho que a criança tem que brincar, se divertir, participar de vários esportes diferentes. O treinamento mesmo, a partir dos 12 13 anos, antes disso tem que ser recreativo (GESTOR 3).

Então temos o modelo de trabalho da escolinha, onde o gesto motor é trabalhado e pegamos os movimentos principais de cada prova de atletismo e a gente trabalha dentro de brincadeiras, pois se fazemos repetições técnicas a criança fica desmotivada e sai da equipe, a criança não quer, mas como colocamos em brincadeiras, fica mais atrativo. Quando as crianças vêm da escolinha para o treinamento, elas já vêm mais preparadas, assim fica mais fácil para treinar as provas específicas (GESTOR 4).

Sobre essa evolução entre as categorias dentro da equipe, o Gestor 1 afirma que, dependendo das aptidões físicas demonstradas pelos atletas, eles serão direcionados para as provas que mais se destacam.

Dentro da equipe, há o histórico de atletas que iniciaram o projeto (nosso projeto já tem 20 anos), iniciaram com 9 ou 10 anos de idade e hoje são treinadores da equipe. Prezamos por isso, é importante que a criança seja moldada, ele chega aqui e brinca, o processo de iniciação é lúdico, divertido que faz com que a criança aprenda a gostar da modalidade, gostar do atletismo e aí os treinadores vão percebendo os que se destacam, que tem aptidão para a modalidade, que vão crescendo até chegar a atletas de alto rendimento [...] Ele entra na escolinha, ali aprende as diversas provas do atletismo, ali ele descobre em qual prova ele leva mais jeito. Os treinadores e professores da iniciação ficam observando eles, quem tem aptidão para ser saltador ou lançador, ele direciona, leva para as competições e vai vendo se realmente o menino tem jeito mesmo (GESTOR 1).

Assim os atletas vão sendo direcionados para as provas de destaque de suas categorias. Bronfenbrenner e Ceci (1994) relatam que as características genéticas dos indivíduos são potencializadas através dos processos proximais, que estimulam o funcionamento psicológico, por meio de estímulos presentes no contexto. Nesses contextos apresentados, podemos entender que as atividades lúdicas, de progressão pedagógica, acabam por incentivar as características físicas desses atletas, auxiliando o desenvolvimento a longo prazo.

Na perspectiva dos atletas, é notada essa passagem por diversas modalidades do atletismo, até encontrarem a atividade que mais se enquadram.

Eu cheguei na pista, conheci várias outras modalidades, eu já passei por bastante modalidade do atletismo [...] Já fiz vários esportes, mas atletismo foi onde eu me identifiquei, eu não sei por que, eu acredito que é o que me faz bem, acho que esse aqui é o meu lugar (ATLETA 16).

Eu comecei na escolinha, igual aquela molecada toda que estava aqui, hoje sou um atleta de nível intermediário, pretendo chegar no nível mais alto (ATLETA 1).

Comecei correndo fundo, mas quando fui me desenvolvendo mais, o treinador viu que tinha mais perfil de barreirista, então mudei de prova. Eu acho que fiz o certo em mudar mais tarde de prova, acho que estava mais pronto e tinha corpo de barreirista (ATLETA 8).

Nesses discursos apresentados pelos atletas vemos que há essa oportunidade da prática das atividades mais diversificadas, em níveis inferiores. Bronfenbrenner e Ceci (1994) afirmam que essa multidirecionalidade de tarefas é um dos fatores considerados como primordiais no desenvolvimento humano ambiental, por demandar a troca enérgica do ambiente com o indivíduo em formação. Assim, esses ambientes, de promoverem essas atividades molares, estimulam a competência, tipo de processo proximal caracterizado pelo ganho e desenvolvimento de valências como habilidades e conhecimento.

Martindale *et al.* (2010) propoem na análise desse fator, que há importância em oportunizar a atividade ao número máximo de pessoas, com o intuito de observar os diferentes níveis maturacionais desses atletas, como nos relata o Gestor da equipe PM de Colombo.

A noção de que os atletas tem maturação em idades diferentes é perfeita, aí é que o treinador perde talento, principalmente com as meninas, ela com 11 e 12 anos é um fenômeno, mas teve um processo antecipado de maturação, e quando chega na frente ela não consegue evoluir mais e o corpo muda. As vezes achamos que no primeiro treino do atleta descobrimos a prova dele, mas não, temos que reavaliar constantemente ele, lá com 16 e 17 anos começamos a definir uma prova só. Todos eles fazem duas provas, muitas vezes distintas, marcha e barreira, ou arremessa uma coisa e lança outra, mas lá na frente, com essas avaliações rotineiras é que vamos ver a predisposição do cara e especializar [...] Nós como equipe oferecemos uma condição, quase igualitária, onde vemos aquele atleta que muitas vezes não vai ter a condição de chegar a ser de ponta, que vai passar anos treinando e não vai chegar ao resultado e o atleta que é bom, vai conseguir resultado, a gente oferecer uma qualidade de ensino e de treinamento para que ao menos a possibilidade dele tentar, vai que ele consegue (GESTOR 4).

Nas equipes observadas podemos ver a preocupação de todos gestores em formar atletas que não obtém resultados imediatos, pensando na formação social desse indivíduo.

Também temos a preocupação com os atletas que não vão chegar ao alto nível de rendimento, nosso projeto está voltado para o social. Nós não mandamos ninguém embora [...] Os atletas que são do social, logo vão perceber que não tem condições de continuar seguindo, meus amigos todos viajam e vão para as seleções, mas eu não [...] Acredito que se for olhar estatísticas o número de crianças que entram no projeto e chegam no alto rendimento, é uma porcentagem muito baixa, 1 ou 2%. Então é uma porcentagem muito pequena para você se preocupar só com o alto rendimento. Então tem que se preocupar, principalmente, com o social. Os patrocinadores da equipe estão preocupados mais com o lado social que com o lado do alto rendimento. Porque a preocupação maior hoje, é transformar essas crianças que vem aqui para aprender o esporte, em cidadãos. E não em atletas de alto rendimento. Mas então estão fugindo do princípio? Não, estamos preocupados sim com o atleta de ponta, mas o caráter do projeto principal é justamente dar atenção a todas crianças, indiferente se for chegar a nível olímpico ou não (GESTOR 1).

A Gestora 2 trabalha na perspectiva de levar esse seu atleta a um nível de remuneração, podendo entrar nas forças armadas, característica bem marcante da cidade do Rio de Janeiro.

Cada um tem seu limite, o objetivo é a gente que pode atingir todos eles, dentro dos seus limites. Às vezes eu vou conseguir formar um atleta que vai Olimpíadas, que vai Mundial, tem aquele que vai ao sul-americano, tem aquele que vai brasileiro, tem aquele que não vai brasileiro, mas pode ganhar um estadual e aqueles outros que direcionamos para outros caminhos. Que são as bolsas da faculdade, as fardas das Forças Armadas, porque ele pode conseguir objetivo, porque por exemplo, tem um atleta que seu nível de competição é estadual, brasileiro quase impossível, mas ele fazer um bom trabalho de fundo, ele pode conseguir uma vaga como atleta do Exército é um grande objetivo [...] E aqui no Rio de Janeiro, a gente ainda tem essa opção, é uma das minhas principais batalhas. Eu já consegui levar tanto atleta lá para as forças armadas, que eu já consegui estreitar esse relacionamento com o pessoal da Aeronáutica e principalmente da Marinha (GESTORA 2).

O Gestor 3 relata que seu trabalho é dividido igualmente entre formar atletas de alto nível e exercer a função social do seu trabalho, sendo esses os objetivos primordiais da equipe.

Um dos objetivos do nosso trabalho é o social, não só o rendimento. Integrar o cidadão na sociedade, 50% eu penso no rendimento e 50% eu penso no social, para ele se tornar um cidadão, porque é o nosso trabalho e é a forma de um dos trabalhos da fundação de esportes. O social também é muito forte, sou pago para isso também (GESTOR 3).

Na equipe SMELJ Curitiba, o Gestor afirma que os dois objetivos estão atrelados, mas que o principal objetivo da equipe é o social.

O nosso objetivo é social ou fazer o atleta a virar um atleta de ponta procurar uma equipe a nível Nacional melhor ou encerrar durante o final da adolescência da Juventude como atleta e encaminha para Universidade transformar a vida deles, o principal objetivo é transformar ele em uma pessoa de bem (GESTOR 5).

Há também o entendimento por parte de alguns atletas que esse é um dos objetivos da equipe, como afirma o Atleta 8, da equipe FECAM.

O nosso treinador tem uma visão muito ampla de um atleta. Porque tem muitos atletas que ele formou que foram fenomenais e tem muitos atletas que ele formou como excelentes cidadãos. Tiveram vários atletas que ele incentivou a estudar, porque não iam para competições [...] acho que ele sabe quem são os bons atletas, e quem são os bons atletas que não vão chegar tão longe, então alguns ele pode formar como cidadãos (ATLETA 8).

Assim, podemos analisar a semelhança dessas equipes, por estabelecer um padrão em fundamentar seus projetos no âmbito social, como o estabelecimento de uma subcultura dentro do macrossistema do atletismo brasileiro (BRONFENBRENNER, 1996). Mas, sobre esse aspecto, se observam dois pontos de análises diferentes. Primeiro vem da equipe ORCAMPI, uma equipe privada sustentada por patrocinadores e pela lei de incentivo ao esporte do estado de São Paulo. Nessa equipe há o interesse direto dos patrocinadores em investir na parte social. Do outro lado, todas as equipes são entidades públicas, mantidas pela prefeitura de suas cidades, podemos entender que essa perspectiva social é algo que impacta diretamente no macrossistema no qual essas equipes estão integradas, sendo a forma de retorno à sociedade que as mantém.

Foi possível constatar, a partir desse fator, que há uma preocupação com a formação a longo prazo do atleta, por parte de todas as equipes analisadas. Assim, essas atividades proximais, desenvolvidas no macrotempo, visando a formação de um número amplo de vários indivíduos, contemplam satisfatoriamente os pontos determinados por Martindale *et al.* (2010) como mais importantes na análise do foco no desenvolvimento a longo prazo, não havendo diferenças ambientais significativas sobre esse fator.

### 5.2.2 Comunicação





Quando eu tenho problemas, falo geralmente com o treinador, porque ele é mais calmo [...] me abro bastante com ele, para falar sobre coisas do treino e de fora do treino também (ATLETA 17).

Já a Atleta 16 demonstra uma relação mais próxima do gestor.

Às vezes a gente até brinca muito, a gente tem clima intimidade, eu conheço ele há muito tempo, eu me abro mais com o gestor, mais do que com o treinador (ATLETA 16).

Ao questionar o gestor sobre a comunicação entre eles, ele utiliza o tempo de convívio entre eles como um fator determinante na comunicação entre ele e os atletas.

A comunicação é boa sim, porque a maioria tá há muito tempo comigo, fica com o laço afetivo grande. Aí a gente se torna referência, tanto na prova, no esporte, quanto na vida deles, nossa relação é quase de pai para filho (GESTOR 5).

A atleta 18 diz que é bem próxima dos dois treinadores, considerando eles como pais: “Me comunico bem com os dois técnicos, além de técnicos eles são meio que como pais também” (ATLETA 18).

Esse quadro de modelos diferentes de trabalho na mesma equipe está presente nas equipes ORCAMPI e EMFCA também.

Na equipe campineira, segundo os atletas entrevistados, há uma boa qualidade na comunicação entre eles, sendo considerada mais um dos diferenciais da equipe, como relata o Atleta 2.

Gosto muito de trabalhar com ele, a diferença entre ele e meu antigo treinador vem da experiência, meu atual treinador é muito inteligente e experiente, o que ele passa nos treinamentos é algo que está dando muito resultado (ATLETA 2).

O gestor afirma a importância da comunicação, mas diz que há diferenças de metodologia, cada treinador trabalha com o seu grupo de maneira distinta, não existindo um padrão estabelecido dentro da equipe.

Cada treinador é responsável por um grupo, dentro do grupo cada professor tem os métodos e meios para avaliar seus atletas, tanto na parte física e de desempenho, quanto na parte intelectual, motivacional e na percepção de esforço. Cada um tem seu método e meio para avaliar dentro da sua percepção do que é melhor (GESTOR 1).



Na equipe carioca, a gestora afirma não ter um critério de avaliação na comunicação, mas que há a orientação de seguir um padrão estabelecido.

A equipe não tem uma avaliação de comunicação, na verdade existe um critério técnico e ele é seguido à risca, o que cabe ao treinador é respeitar os critérios (GESTORA 2).

Nas equipes FECAM e PM de Colombo não foi constatado nenhuma particularidade com relação à comunicação, atletas e gestores concordam que a comunicação entre eles segue em um padrão considerado bom. Nesse ponto, temos que destacar que, em todas as entrevistas, o principal treinador de cada equipe foi o que recebeu essa análise por parte dos atletas, descartando-se os técnicos auxiliares, estagiários e voluntários.

Com relação à comunicação, Bronfenbrenner (1996) analisa, pelo meio das díades, que a reciprocidade é ponto determinante de motivação de seus participantes, os padrões interativos se tornam mais complexos, e resultam no aumento da intensidade de processos proximais que visam o desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Microsistemas com maior nível de reciprocidade entre os indivíduos que o compõe tendem a ter mais respostas evolutivas no caminho do desenvolvimento humano. Assim, as equipes devem ter esse cuidado ao estipularem padrões de comunicação entre os treinadores e atletas. Todas as equipes apresentaram bons níveis de comunicação pelos relatos dos atletas e gestores. Mas as equipes que contam com mais de um treinador trabalhando diretamente com o grupo de atletas devem se atentar a manter um padrão comunicativo entre os indivíduos visando o desenvolvimento.

### 5.2.3 Rede de Apoio

Esse fator vem aliado ao entendimento do atleta, quando pensamos na formação abrangente, que forma o atleta em todas as áreas. Estudo, família, religião e amigos dentro e fora do esporte, são exemplos de componentes dessa rede de apoio (MARTINDALE *et al.*, 2010). Como pensamos em rede, nesse fator os aspectos analisados partiram da relação entre a equipe de treinamento e os outros componentes da rede (MARTINDALE *et al.*, 2012).



A gente exige que tragam os boletins informando a performance deles na escola, cobramos como eles vão na escola, mas não interferimos. Os que vão mal na escola, nós orientamos eles e os pais, nas reuniões, falamos que se o filho seguir com essas notas perderá o ano letivo, mas não fazemos a vez dos pais, só orientamos (GESTOR 1).

Sobre a relação pós-educação básica, as equipes ORCAMPI, EMFCA e FECAM tem convênios com faculdades, que oferecem bolsas de estudo para os atletas. Os gestores relatam que essa busca de uma formação acadêmica é estimulada pelas equipes.

Se eles já terminaram a escola, pedimos para fazer faculdade, que temos a parceria com uma universidade da cidade (eles ganham bolsa e, em algumas competições, eles competem pela universidade), ou no mínimo um curso profissionalizante, estudar um inglês, fazer alguma coisa que venha a beneficiar ele no futuro (GESTOR 3).

A equipe tem um convênio com uma rede de faculdades aqui de Campinas e conta com umas bolsas de estudo para os atletas. O atleta tem de 50 a 100% de bolsa, então sempre buscamos através da bolsa que os atletas façam uma universidade, ou eles correrem atrás de outras universidades [...] Não é orientada a área que eles vão buscar, mas que busquem uma formação, pois é muito importante (GESTOR 1).

Esse estímulo acaba mostrando resultado para a própria equipe, visto que, na equipe FECAM, os atletas que auxiliam o treinador nos treinamentos são formados na universidade parceira. Na equipe ORCAMPI, dois professores e o massoterapeuta são ex-atletas, que buscaram a formação e hoje são profissionais da equipe. Com relação a equipe EMFCA, os atletas ainda estão no começo da graduação, alguns auxiliam nos treinamentos, mas não tão diretamente quanto nas outras equipes mencionadas.

Ao questionar os atletas sobre as dificuldades de seguir com a vida de atleta e a vida estudantil, tivemos diversas opiniões, mostrando dificuldades, facilidades ou neutralidade. As dificuldades estiveram presentes na maioria das entrevistas. Entre todas listadas, as dificuldades mais frequentes foram a relação com as faltas e o sacrifício em repor os conteúdos perdidos.

Tem várias competições no ano, já fiquei um mês fora do colégio, aí como vou fazer com faltas? E os conteúdos pra eu fazer a prova? Vou e faço na louca a prova. Sempre tem uma justificativa pela falta. Sou atleta pelo colégio, mas eles não me dão nada, só o abono de falta. É uma dificuldade,

um baque muito grande, pois fico com muita matéria atrasada. (ATLETA 15).

Jogos Escolares ano passado, era uma semana fora, uma semana de prova, uma semana perdendo prova. Você volta comendo livro, volta correndo atrás. (ATLETA 16).

Então eu fui expulsa de uma escola exatamente por isso. Na verdade não porque eu faltava, mas porque eles não justificavam. A escola que eu estudava era muito rígida, aí quando eu levava o papel que estava competindo, eles não aceitavam, aí eu ganhava falta, acabei sendo expulso por falta (ATLETA 6).

Eu tranquei a faculdade, porque ano passado eu tive uma viagem para os Estados Unidos, fiquei 40 dias lá e na minha faculdade são 25% de faltas que eu posso ter. Realmente 40 dias ia estourar as faltas, aí eu falei que ia trancar. No próximo semestre, teve competições de viagem e eu acabei não voltando pelas faltas. Não pela dificuldade de treinar e competir. Eu estudava aqui na faculdade parceira da equipe, tinha bolsa de 30% nos estudos para fazer educação física. Eu reprovei em algumas matérias por falta, porque na faculdade também estão professores que se ajudam, e tem os professores que estão “mas só eu vou te ajudar?” E você não vai fazer nada?” e eu respondo “professor mas eu não posso fazer nada, o que eu vou fazer, de onde vou tirar nota?”(ATLETA 8).

Já quanto às facilidades, alguns atletas relatam que, por competirem pela escola ou faculdade, alguns professores os ajudavam em questão de notas: “Tirando essa questão das faltas, os professores sempre dão uma ajuda nas notas” (ATLETA 6). Outro atleta se pronuncia da seguinte forma: “Os professores davam uma ajudada nas notas sim” (ATLETA 2).

Segundo os gestores, a mudança de comportamento é nítida entre os atletas após a entrada na equipe, e isso acaba se refletindo nos outros microssistemas.

A diferença é perceptível em todas as crianças, isso é um processo natural de amadurecimento, eles chegam aqui e se deparam com regras e não temos problemas de quebra de disciplina, são raros os casos. Pois estão acostumados a chegar na escola e chamar a professora de “dona”. Aqui não, ou chama pelo nome, ou chama de professor, ninguém chega aqui chamando a professora de dona ou tia. Isso porque temos regras e fazemos o alunos se envolver e entender que aqui ele faz parte do sistema. Na escola o aluno quer ser o agente do sistema, não apenas fazendo parte do sistema, chamar uma professora de dona é uma forma pejorativa de tratar o professor, como se fosse para mostrar quem manda (GESTOR 1).

A partir dessa interação entre ambientes, podemos analisar que todas as equipes demonstram ter bons relacionamentos com as escolas e faculdades que os alunos frequentam, mas segundo entendimento da equipe ORCAMPI, a responsabilidade da busca por desempenho acadêmico é dos pais e não da equipe.

As equipes que têm o convênio com as faculdades se mostram com preocupação fora do ensino básico, mostrando uma interação a mais entre os microssistemas.

Essa preocupação demonstrada por parte da maioria das equipes faz com que o microssistema escolar se fortaleça, pois há o interesse e a cobrança de outro microssistema, o esportivo. Esse interesse gera um grau de estímulo maior para que o indivíduo se desenvolva nos dois microssistemas, assim, o mesossistema de participação multiambiente, gera um vínculo primário, a partir do atleta participando dos dois microssistemas, que pode influenciar positivamente no desenvolvimento em ambos os ambientes.

Outro ponto analisado por Martindale *et al.* (2010) muito presente nas entrevistas foi a forma de relação entre os familiares e as equipes. Com as análises dos depoimentos, podemos ver que em todas as equipes nas relações positivas e nulas. Em todas as equipes existem os pais que se relacionam diretamente com a equipe e, em quatro delas, têm os pais que não são presentes no microssistema das equipes.

De maneira positiva, podemos vivenciar contatos de diversas formas. Há desde os contatos mais próximos, de amizade, a contatos mais restritos. Assim, alguns atletas exaltam a participação dos seus pais e irmãos na vida esportiva, exemplificando a variação do contato positivo entre os familiares e os treinadores.

Meu pai e o meu treinador sempre foram amigos, já eram amigos mesmo antes de eu nascer. Meu pai me dá dicas, sempre me corrige, ele também trabalha na educação física. Ele era atleta, ele corria, 100m e 110m com barreira e revezamento, eu corro 100 e 200. Meu pai me dá dicas de treino e vai nas competições (ATLETA 11).

A relação do meu treinador com os meus pais é boa, meus pais estão sempre nas competições e eles conversam. Eu tenho minha irmã de 14 anos que treina aqui, eu influencio muito ela para ser atleta. Por ela estar me acompanhando desde quando comecei nas competições, ver que eu conseguia os resultados, ela vai acompanhando tudo, além dela poder começar mais nova aqui na equipe, eu acho isso melhor pra ela (ATLETA 3).

O treinador e minha mãe conversam bastante, ele já foi convidado a almoçar com a minha família em um natal (ATLETA 15).

Eles vieram aqui para conhecer a professora, eles gostaram muito, porque além de professora era uma mãe e um pai (ATLETA 5).

Eles gostam bastante dos professores, o contato é mais quando a gente tá indo viajar, que eles vão me levar lá e eles conversam (ATLETA 19).

Pela ótica dos gestores, essa relação positiva auxilia muito o desenvolvimento dos atletas, como relata o gestor da equipe SMELJ Curitiba.

Eu acho que se a família tiver unida com você, não te cobrando e te perturbando, mas te apoiando, é fundamental. Porque o trabalho é nosso, o treinamento somos nós que fazemos, mas se a família não ajudar a vaca vai pro brejo (GESTOR DA EQUIPE SMELJ CURITIBA).

Há também as relações nulas, em que os familiares não têm contato nenhum com a equipe, e as relações negativas, onde os familiares não se interessam em nada pela vida esportiva do seu filho. A distância também é um fator que acaba estreitando o contato entre os familiares e os treinadores.

Meus pais acham que, quando eu levo a sapatilha para casa, eu estou levando uma chuteira. A professora não conhece o meu pai nem minha mãe (ATLETA 7).

Em questão de família, eles nunca me ajudaram, nem meu irmão, nem minha irmã e nem meus pais [...] Eles não têm contato nenhum com o treinador (ATLETA 10).

Eu sou da Bahia, e vim pra cá em 2015 [...] meus pais nunca falaram com o meu treinador (ATLETA 1).

Meu treinador não tem contato com os meus pais, pela distância, por estar longe de casa, sou de Ourinhos (ATLETA 2).

A única equipe em que não houve relatos negativos pela relação dos pais com o treinador foi a equipe PM de Colombo, o gestor explica porque isso ocorre, segundo seu entendimento: “Como nossa comunidade não é tão grande, embora a cidade de Colombo seja uma cidade grande, temos uma certa proximidade com os pais, por ser um comportamento interiorano” (GESTOR 4).

Esse contato mais próximo entre pais e equipe é de suma importância para a aceleração do desenvolvimento. Bronfenbrenner (1996) afirma que o potencial desenvolvimental de um microssistema evolui no momento em que os vínculos de apoio são pessoas que o indivíduo em desenvolvimento já criou díades primárias. Para o indivíduo, é importante que essas pessoas se relacionem de forma positiva. Assim, os mesossistemas em que os familiares e os treinadores têm um vínculo suplementar, em que há a participação dessas pessoas em mais do que um







Ao analisar a nuvem de palavras desse fator, podemos ver atletas, equipe, treinar, outros, Brasil, Brasileiro, competição e algumas outras palavras relacionadas ao ambiente esportivo. Esse é exatamente o ponto que Martindale *et al.* (2010) propõem na análise desse fator, pois ele busca saber como o ambiente esportivo é estimulante e de suporte para o atleta. Nesse fator, os papéis desempenhados pelos atletas e algumas características pessoais são importantes pontos de análise, pois diferentes pessoas, desempenhando diferentes papéis, podem reagir de maneira diferente ao mesmo estímulo (BRONFENBRENNER; MORIS, 1998).

Ao analisarmos a colaboração entre os companheiros das equipes, podemos ver que ela se dá de maneira distinta dentro dos microssistemas, mas se estabelece um padrão comum em todas as equipes. A primeira forma de apoio é a transmissão de conhecimento entre os atletas mais velhos e os atletas mais novos. Esse relato foi perceptível em todos os microssistemas e presentes nas falas de todos os atletas.

Temos o outro atleta que é campeão brasileiro, quando ele chegou não sabia nada, com o tempo fomos ajudando e ensinando ele. Ajudo os mais novos, o que você aprende em competição, você traz pra dentro da equipe (ATLETA 12).

Os atletas mais velhos e meus colegas de equipe me ajudam bastante, falando, quando não ganho uma competição, que tudo pode melhorar, que ainda não é a minha hora, que logo minha hora chega. Eles me ajudaram bastante. É muito importante, pego mais experiência e vou melhorando. É muito esperançoso ver eles treinando e chegando lá, eu penso, “se eles chegaram, por que eu não posso?” (ATLETA 9).

Eu gosto quando vejo mais novos se interessarem no pelo esporte, eu tento sempre passar uma boa impressão para eles, para que eles não desistam, tudo que eu puder ajudar eu vou tentar ajudar, hoje mesmo eu estava tentando corrigir a técnica deles de sair do bloco e da perna de entrada na barreira (ATLETA 19).

Eu chego e falo o que eles podem fazer para melhorar, para mim é altamente gratificante poder ajudar eles (ATLETA 6).

Com relação a essa ajuda entre os atletas mais experientes e os atletas mais novos, o gestor da equipe SMELJ Curitiba relata solicitar esse tipo de ajuda para os atletas: “No começo, os próprios atletas vão auxiliando, a gente pega os atletas mais experientes para ajudar. A gente que pede para eles ajudarem. Claro que sempre

ficamos de olho para não falarem nenhuma besteira” (GESTOR DA EQUIPE SMELJ CURITIBA).

Outra forma de apoio entre as categorias, ou atletas da mesma categoria com níveis distintos, é o repasse de materiais usados pelos atletas: “Eu dou vários incentivos a outros atletas, eu ganho uniforme do Brasil, e como ganho muita massa muscular, os uniformes que não servem mais, eu passo para eles” (ATLETA 15).

A Gestora 2 vê com bons olhos esse fornecimento de materiais. Ela também analisa como essencial para a formação e ajustamento de conduta do atleta mais velho essa interação entre as categorias.

Acho isso muito legal, como se fosse uma herança que fosse deixando, então aquela sapatilha que aquele atleta de ponta sub-20 ganhou, ele pega aquela sapatilha dele usada e vai passar para sub-18, ou sub-18 vai passar para o 16, o 16 vai passar por 14 e essa corrente ela acontece em todos os sentidos. Os mais velhos se sentem mais responsáveis por aqueles que estão entrando, e da mesma maneira que vai crescer e desenvolver ele, quer ser igual aquele atleta. O atleta também se sente responsável por aquele começo dele, porque é uma responsabilidade ele ser referência para alguém, ele para até de fazer certas besteiras, ele se torna uma pessoa melhor (GESTORA 2).

Sobre essa referência que o atleta mais velho se torna, o Gestor 1 corrobora com o pensamento da gestora do EMFCA, acrescentando que os exemplos devem ser exibidos para os outros atletas.

Os atletas mais velhos são espelhos, passamos isso para eles, e toda a equipe que tenha uma estrutura como a nossa tem, é importante você ter atletas espelho, sendo espelho em todos os sentidos, dentro da pista, fora da pista, na forma de agir, de se relacionar com as pessoas. Nós temos vários exemplos aqui, que nós mostramos sempre para as crianças, a importância desses atletas para o grupo e para equipe (GESTOR 1).

O Atleta 8 destaca esse cuidado quanto às suas atividades fora do mundo esportivo:

Sim, eu me vejo sendo referência para quem tá começando. Eu tomo cuidado igual minhas redes sociais, são dedicadas para atletismo, não posto coisas de festa, uma vez ou outra a gente sempre vai né. Não fico falando da minha relação com meu namorado, não fico falando de coisas fora do atletismo aqui na pista, só falamos coisas ligadas ao atletismo e eles vêm conversar comigo (ATLETA 8).

Ao pensar nos diversos tipos de referências encontradas nas equipes, o gestor da equipe PM de Colombo afirma que a posição hierárquica dos atletas se dá por diversos fatores.

Em uma equipe de 50 atletas, tem aqueles que são mais respeitados por resultado e tem aqueles que tem sua representatividade, como estamos em um meio social, tem a questão política, então alguns atletas são muito respeitados pelos resultados, mas não são tão políticos quanto outras lideranças na equipe. Temos atletas que não tem tanto resultado, mas que são lideranças na equipe, seja por tempo de equipe, isso acontece muito no atletismo (GESTOR DA EQUIPE PM DE COLOMBO).

Com relação aos papéis desempenhados e suas influências no ambiente, Bronfenbrenner (1996) relata que os papéis influenciam diretamente as atividades e relações em que estão inseridas, alterando seu desenvolvimento. As atitudes que pessoas em determinados papéis desempenham devem ser correspondentes (STEFANELLO, 1999).

A interferência desses papéis vem associada às influências expostas nas diádes, quanto mais forte for a reciprocidade, a relação afetiva e o equilíbrio de poder, maior será o impacto que os indivíduos com determinado papel exercerão no ambiente (BRONFENBRENNER, 1996).

Deste modo, quanto melhores forem as atitudes dos atletas veteranos e mais próximos estiverem dos atletas novos, maior será o impacto desse atleta no ambiente, se esse atleta visar o apoio aos outros atletas, melhor poderá desempenhar essa função.

Outro ponto de apoio entre os colegas de equipe surge da cooperação durante os treinamentos.

Tem uns 2 ou 3 que treinam comigo, por ser da minha prova, nós sempre ajudamos uns aos outros, quando damos os tiros, um sempre puxa o outro (ATLETA 1).

Como a faculdade é integral, meu companheiro de treinamento vai me acompanhar ou tenho que treinar sozinho, meu companheiro vai treinar comigo lá, depois da aula, lá na universidade tem uma estrutura muito boa (ATLETA 13).

No treinamento, eu corro com 3 ou 4 meninos que são mais novos que eu e ajudam a puxar, tenho que ficar na cola deles, aí o treinador grita “tem que juntar com eles” e eu fico, “ai meu deus”(ATLETA 3).

Nesse ponto podemos ver díades, tríades (N+2) ou tétrades (N+3), de atividades conjuntas, acontecendo em graus complexos de interatividades, que apresentam condições extremamente favoráveis à motivação de participar dessas atividades, podendo levar aos processos proximais competentes de desenvolvimento.

Sobre essas díades de atividades conjuntas, por meio das entrevistas e pelas observações realizadas, foi possível constatar que estão presentes em todas as equipes e são altamente estimuladas pelos treinadores.

Martindale *et al.* (2010) também analisam esse fator pela parte da competitividade dentro do ambiente mais próximo do atleta e até mesmo em ambientes mais distantes. Segundo o autor, essas competições tendem a motivar os atletas na busca de um maior desenvolvimento.

A respeito dessa competitividade, ela pode ser competitividade entre equipes distintas, entre determinados atletas dessas equipes ou até mesmo em atletas dentro da própria equipe. Com as entrevistas, podemos ver graus distintos de competitividade presente nas equipes, e uma das razões pode ser o nível de desempenho atlético que alguns atletas se encontram.

Eu tenho um colega que quebrou o pé, está machucado agora. Eu já ganhei dele em várias provas, eu me espelho nele porque ele é um ótimo atleta. Já foi para vários lugares, porque quando eu treino com ele é outra coisa. Quando eu treino sozinho, porque o meu ritmo é mais forte que os outros, ele tem um ritmo um pouco mais forte. Eu o ajudo e ele me ajuda, eu acho ele muito bom, ele me puxa no treino (ATLETA 10).

Quando o Atleta 15 entrou na equipe, a brincadeira virou séria, aí começamos a treinar forte (ATLETA 12).

Seria melhor se tivesse outro atleta com o meu índice treinando comigo, para poder competir e não perder pra ele, mas não tem mais nenhum aqui na equipe. Acho que além da competição, do querer ganhar, os atletas têm que entender que são amigos e se apoiarem (ATLETA 2).

Outro grau competitivo é a busca por melhores resultados nas competições.

Eu sou mais nova que a Atleta 6, mas ela compete na mesma categoria que eu, aí eu falo quando eu ganho dela que ela é que é a mais nova (ATLETA 5).

Perdi para outro atleta no paranaense e tive que pintar meu cabelo, fizemos uma aposta e eu perdi (ATLETA 13).

Pelos relatos apresentados anteriormente, se evidencia a competição que existe entre os atletas da mesma prova, que pode estimular o resultado e a crescente evolução. O gestor da equipe PM de Colombo ressalta a importância desse estímulo na evolução dos seus atletas, com a ressalva da dosagem dessa competição, para não acabar sendo um estímulo negativo para o atleta.

Às vezes, dentro do mesmo grupo de prova, tem gente que leva demais aquela rivalidade da prova para fora da prova, então existe alguns casos de atletas da mesma prova, que não tem aquela afinidade. Eu acho que tem coisas que tem limite, eles fazem apostas dentro de um limite e com tom de brincadeira, se você perder, tem que pagar um mico. Mas assim, nunca tivemos caso de conflito, normalmente esses caras que fazem esses desafios um com o outro eles estão mexendo no emocional do outro, “eu vou e vou dar o meu máximo, se você não der o seu máximo, vai pagar mico” (GESTOR DA EQUIPE COLOMBO).

Assim podemos perceber a competição como motivação para o desenvolvimento. Bronfenbrenner e Moris (1998) defendem que a esfera do domínio motivacional se estabelece como um dos domínios importantes para se estabelecer processos proximais competentes. Esses processos proximais generativos podem estimular as disposições generativas presentes nas características do indivíduo em desenvolvimento.

Sobre esse fator, observa-se o apoio e a competitividade em todos os ambientes analisados. O apoio entre os atletas se apresenta através dos papéis que eles representam no microssistema e das suas interações interpessoais. Já a competitividade motiva as disposições, que, como são características pessoais, podemos perceber em diferentes níveis em todas as equipes.

Dessa maneira, Martindale *et al.* (2010) argumenta que para que o desenvolvimento seja completo é necessária a base de suporte para o desenvolvimento longínquo do atleta.

## 5.2.5 Fundamentos de Desenvolvimento de Longo Prazo

Esse fator é responsável por analisar como as instituições convergem, oferecendo uma base sólida para o objetivo do desenvolvimento a longo prazo do atleta (MARTINDALE *et al.*, 2010). Aproximando aos conceitos trabalhados nessa dissertação, podemos entender como os micro, meso, exo e macrossistemas objetivam e apoiam o desenvolvimento a longo prazo do atleta. Martindale *et al.*



A segunda posição de apoio parental é o pai que oferece um apoio pequeno, mas tampouco desestimula o filho, deixando ele livre para realizar as atividades que quiser. Nesse segundo ponto, houve poucos relatos, mas os mais presentes foram, “meus pais não sabem de nada da minha vida esportiva” e “não sei o que meus pais pensam sobre o esporte”.

Já com relação ao último ponto, alguns atletas alegaram estímulos negativos vindo por parte das famílias, como expõem o Atleta 10.

De vez em quando eu pego o celular e minha irmã fala para mim, “sai dessa vida, vem para cá arrumar um trabalho, vira gente, para com isso, isso não vai te dar futuro”. Minha família, eu vejo isso, minha família nunca teve objetivo, nunca teve o sonho de crescer. Eu também não tinha, como eles, porque eles cresceram em uma cidade pequena, quem cresce em cidade pequena, em sítio não tem sonho grande, quer viver o que tá ali. Então eles viveram o que tinha para eles lá, eu não, eu conheci uma coisa maior, eu quis sonhar. Mas como eu não tinha ajuda, não tinha dinheiro para poder me levantar sozinho, eu comecei aos poucos. Eu uso a minha família como referência aqui, para poder pegar mais pesado, eu quero ser bom eu quero continuar na frente, conseguir conhecer alguma coisa e ajudar minha família. Eu pretendo ajudar mais minha mãe, porque ela sempre me ajudou, ela sempre manda dinheiro quando falta e eu falo, “mãe, não precisa mandar dinheiro não”, mas ela sempre manda dinheiro e me ajuda. Eu pego como estímulo para treinar, a minha família (ATLETA 10).

O apoio parental é de suma importância para o desenvolvimento a longo prazo, pois, nos anos iniciais, os atletas não são remunerados e necessitam do suporte familiar para se manter nas atividades esportivas.

Sobre o pensamento dos pais com relação a prática esportiva, o gestor da equipe PM de Colombo explica os modelos de apoio parentais que seus atletas recebem.

Cada família tem uma estrutura totalmente diferente, temos casos de pais que super apoiam e temos casos de pais que apoiam demais e cobram de menos, eles dão tudo que o cara quer, mas não cobram o empenho dele. Temos casos de pais que não deixam o filho competir, mesmo o filho treinando diariamente, tendo talento, eles alegam N motivos, o cara é muito jovem, “eu tenho medo do meu filho viajar sozinho”. Mas temos os casos dos pais que não apoiam e às vezes desencorajam o filho de participar da competição. Então temos os três casos, o que apoia muito e isso também é ruim, pois não tem exigência, o cara que apoia menos, mas está junto com o filho e o cara que não apoia nada, até desestimula o filho (GESTOR DA EQUIPE PM DE COLOMBO).

Essa perspectiva de apoio dos pais está presente em todas as equipes. Gestores dos cinco contextos analisados relataram divergências significativas no modo de apoio dos pais. O mesmo acontece com relação a perspectiva de futuro



que os pais e os gestores têm para os atletas. O Gestor 3 relata essa divergência de opinião.

Nem todos os pais tem o mesmo pensamento que eu com relação ao futuro dos atletas. Alguns pais, infelizmente não têm uma expectativa muito grande para os seus filhos, só querem que eles trabalhem. Não veem aquela expectativa. Eu já vejo aquela expectativa não só no esporte, quero que ele seja alguém. Explico muito para eles, que eles devem estudar para ser alguém na vida, para não depender dos outros mais tarde. Ou se eles tem problemas na família, que eles criem suas próprias pernas para poder viver sozinhos. Ter as condições, para viver a vida deles, ou até quem sabe poder ajudar a família mais tarde (GESTOR 3).

O gestor da equipe SMELJ Curitiba aponta a busca de um emprego como um dos principais motivos de evasão dos atletas.

Muitos pais não concordam que ele tá treinando, porque acham que ele não vai levar nada, querem que ele estude e tenha uma profissão. Já perdi muito atleta potencial por isso, a maioria deles. São três fatores, o estudo, o fato de não conseguir uma bolsa dentro do esporte para se manter e tem que trabalhar, isso faz existir a falta de dinheiro e o terceiro é a questão da vida chamar o cara (GESTOR DA EQUIPE SMELJ CURITIBA).

A Gestora 2 alega a busca pela bolsa como um dos objetivos da equipe, para evitar perder esse atleta.

Eu gostaria de estar remunerando a altura, então o objetivo da gente é estar colocado entre os primeiros do Brasil e do mundo, para que eles possam ser remunerados através das bolsas. São bolsas interessantes, são bolsas que eles podem buscar, aí em diante dessas bolsas, eles podem continuar a caminhada deles pelo esporte, sem ter que entrar pra uma boca, ou virar caixa mercado, ou para uma obra" (GESTORA 2).

O Gestor 1 resume toda essa divergência de pensamentos ao alegar a impaciência que alguns pais têm em esperar o resultado de seus filhos.

Temos os pais que por muitas vezes são separados, que trabalham, o filho vem pra cá e ele quer que o filho estude e trabalhe, aí está preocupado com o que o atletismo pode oferecer para seu filho, porque ele tem que ter uma renda, precisa ganhar. E não é assim que funciona, então tem os pais que motivam, tem aqueles que motivam o atleta, mas estão preocupados se ele vai poder ajudar em casa ou não, e tem aqueles que discordam, que querem que o filho saia do atletismo para ir trabalhar. Assim gera o conflito, pois às vezes o atleta está se destacando e evoluindo. Tenho um atleta que é um desses, e não que a mãe não goste do projeto, ela adora, mas ela precisa porque a casa é sustentada por ela e é ele e a irmã. Hoje ele ganha a bolsa da equipe, que a equipe tem uma bolsa. O bolsa atleta, ele ganha quando fica entre os 3 melhores do país nas competições escolares ou os

brasileiros, nós trabalhamos os atletas para chegarem nessas posições. Não que treinamos eles só para isso, treinamos eles para terem êxito, ficar entre os três melhores é consequência. Mas os pais, muitas vezes, quando o filho não consegue ganhar a bolsa, falam pro filho sair do atletismo para ir trabalhar, não pesam no nível maturacional, muitas vezes o atleta não está maduro, ele é bom, mas ainda não está maduro [...] Então, muitas vezes, os pais não entendem (GESTOR 1).

Sobre o sistema de bolsas, a equipe ORCAMPI conta com uma bolsa própria, e o estado de São Paulo oferece uma bolsa para os atletas melhores colocados nos campeonatos estaduais. FECAM, PM de Colombo e SMEJL de Curitiba têm bolsas financiadas por suas respectivas prefeituras, e seus atletas que obtêm resultados estaduais se qualificam a ganhar a bolsa do programa “Top Paranaense”. Já a equipe EMFCA não conta com nenhum sistema próprio, nem municipal e nem estadual de bolsas para atletas. Todas as equipes concorrem pelo Programa Bolsa-atleta do governo federal (via antigo Ministério do Esporte, hoje com status apenas de Secretária subordinada ao Ministério da Cidadania), em que são ofertadas bolsas para os atletas que se qualificam entre os três primeiros de cada prova nos campeonatos brasileiros.

Sobre o sistema de bolsas, o gestor da equipe PM de Colombo argumenta possíveis falhas nos programas que seus atletas participam.

A bolsa é importante financiamento, mas não no modelo em que está, eles recebem bolsa em três níveis, municipal, estadual e federal, a bolsa federal eles ficaram 12 meses sem receber, só voltaram a receber no início desse ano, pois teve um decreto governamental e trancou o fornecimento dessas bolsas. A bolsa estadual é um projeto bonito, divulgado de uma forma maravilhosa, mas só são 6 meses de bolsa, o valor é interessante, são 500 reais por mês, só que dura apenas 6 meses, o que o atleta faz no outros 6 meses? Ele não treina? Ou ele não tem despesa? Ele não consegue pagar o vale-transporte para vir treinar, que por sinal subiu e tá caro. Já a bolsa da prefeitura, ela vale por 10 meses, mas é o valor mais baixo que tem, então um campeão internacional recebe 300 reais por mês da prefeitura. São valores que não cobrem a despesa e não cobrem o ano todo (GESTOR DA EQUIPE COLOMBO).

O Gestor 3 aponta críticas ao processo de seleção das bolsas nacionais.

A forma de bolsa só premia o melhor daquele ano para o ano seguinte. Às vezes nosso talento está no quarto lugar, esse cara pode ser o maior talento do Brasil, mas como não existe investimento na base, esse atleta acaba parando antes da hora, por não tem condições de se manter no esporte. Porque ele precisa de no mínimo as condições básicas para viver. Ele precisa comer, ter um material esportivo adequado, às vezes ele compra o material dele, a alimentação ele que cuida, porque a própria equipe não tem condições financeiras de dar uma comida melhor para ele. A bolsa é muito boa em um sentido, mas às vezes o nosso talento pode não estar entre os 3 primeiros e pode abandonar o esporte (GESTOR 3).

Dessa maneira, podemos ver que mesmo com falhas na execução e na seleção, segundo os gestores, os programas de bolsa podem oferecer um suporte financeiro para o desenvolvimento a longo prazo dos atletas. Esse suporte financeiro acaba sendo importante quando constatamos que o principal motivo de evasão dos atletas, rompendo esse ciclo de treinamento, vem da necessidade de buscar uma forma garantida de renda. Assim, com esse suporte, os atletas podem prosseguir na sua carreira esportiva. Na contramão, por não terem um sistema de bolsa próprio, as equipes EMFCA e SMELJ Curitiba apresentam um ligeiro déficit em relação às outras equipes.

Com relação aos suportes para desenvolvimentos longínquos, eles favorecem a exposição que esses talentos estão submetidos em contato com os processos proximais. Bronfenbrenner e Evans (2000) afirmam que a exposição pode trazer muitos benefícios ao desenvolvimento, mas quando a duração é curta, com pouca frequência de ocorrência, interrompida inúmeras vezes, com respostas equivocadas e com intensidade baixa, essa exposição se torna danosa ao desenvolvimento do indivíduo naquele ambiente. Assim, os fatores de desenvolvimento a longo prazo, permitem com que se execute melhor essa exposição dos atletas aos processos proximais, favorecendo integralmente o desenvolvimento.

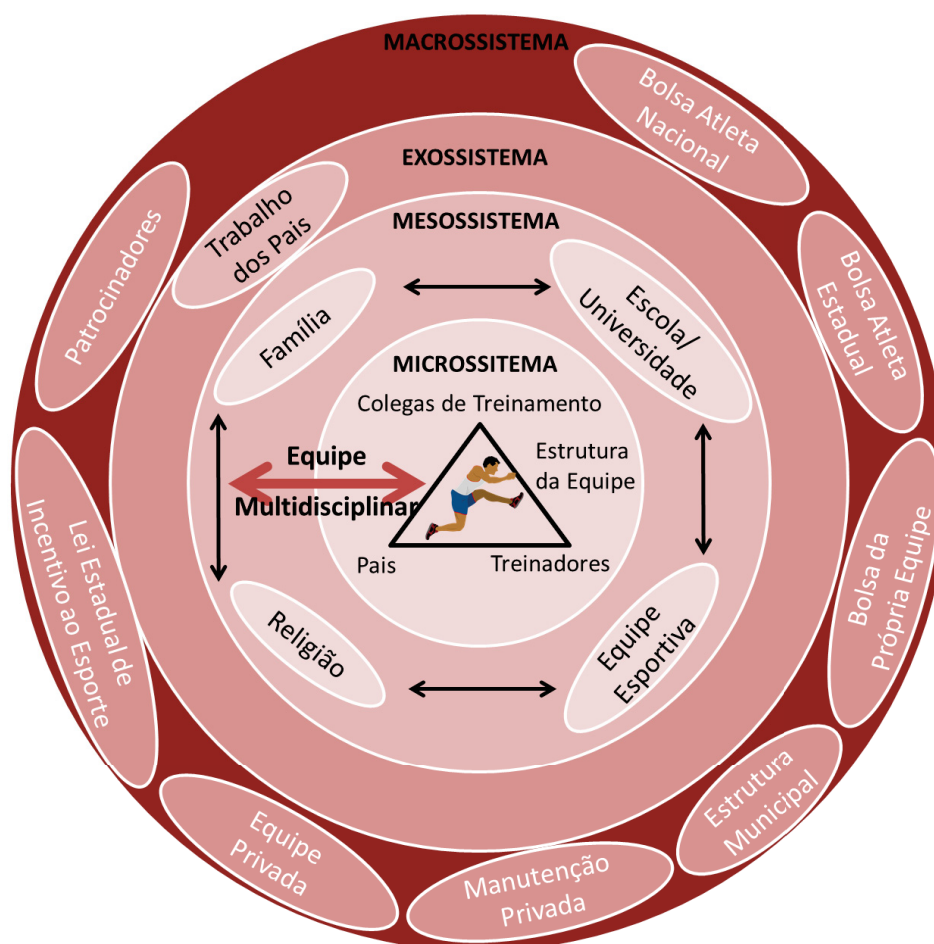
### 5.3 CONTEXTOS REGIONAIS

Dentro das análises dos dados obtidos, foi possível estabelecer uma divisão entre as equipes que apresentaram certos padrões em comum. Esse padrão se mostrou muito presente pela influencia do macrosistema nos microsistemas analisados, dessa maneira os contextos regionais e suas políticas públicas se mostraram presentes ao se estabelecer as divisões entre os contextos Paulista, Fluminense e Paranaense.

Entre as suas particularidades apresentadas pela equipe ORCAMPI, conseguimos separa-la das outras equipes por apresentar característica muito particulares. No nível microssitêmico é notável a percepção que a ampla gama de profissionais trabalhando diretamente com os atletas, infere positivamente no desenvolvimento dos mesmos. Esses profissionais também se estabelecem como intermediadores do mesossistema, por auxiliar no entendimento completo do atleta e

de todos os microsistemas que fazem parte desses mesossistemas. Em nível macrossistêmico, vemos como as políticas públicas esportivas auxiliam o desenvolvimento da equipe a partir das políticas de financiamento de atletas, como as bolsas atletas federal e do estado de São Paulo. Outro ponto determinante e a principal fonte de renda da equipe, que se caracteriza como uma equipe privada, é a captação de recursos por meio das Leis de Incentivo ao Esporte do Estado de São Paulo e da Prefeitura de Campinas, em que os patrocinadores abatem o valor que destinam à equipe do imposto de renda. Assim o mapa ecológico do contexto paulista se esboça como na figura 25.

FIGURA 25 – O MAPA ECOLÓGICO PAULISTA

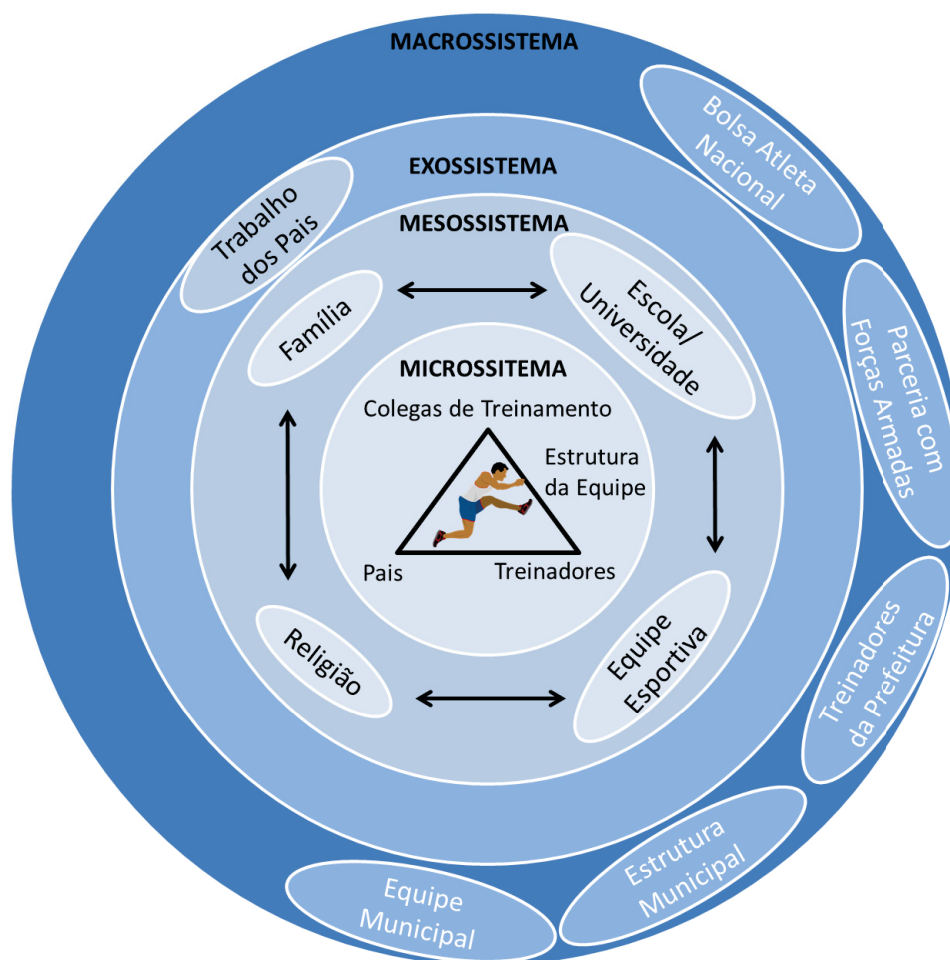


Fonte: O autor, adaptado de Bronfenbrenner (1996).

O contexto fluminense representado pela equipe EMFCA, se mostra diferente em alguns aspectos presentes nos micro e macrossistemas. Em nível imediato, vemos que os professores (vinculados à rede municipal de educação) acabam por

ser responsáveis pelo auxílio com toda a parte multifuncional do contexto. Em nível macro, vemos aqui também a interferência de outro modelo de política pública que pode ser representativa no esporte, pois a professora aponta como um dos objetivos a preparação de alguns atletas para se incorporar às forças armadas, tendo plano de carreira na academia, isso se deve à alta concentração de instalações militares na cidade carioca. Como ponto destoante, percebemos que nem o estado e nem a cidade do Rio de Janeiro apresentam modelos de financiamento (bolsas) para atletas, dessa maneira, os atletas desse contextos se concentram nas competições nacionais, com o objetivo de ganhar esse benefício. O mapa ecológico do contexto fluminense se aplica como veremos na figura 26.

FIGURA 26 – O MAPA ECOLÓGICO FLUMINENSE

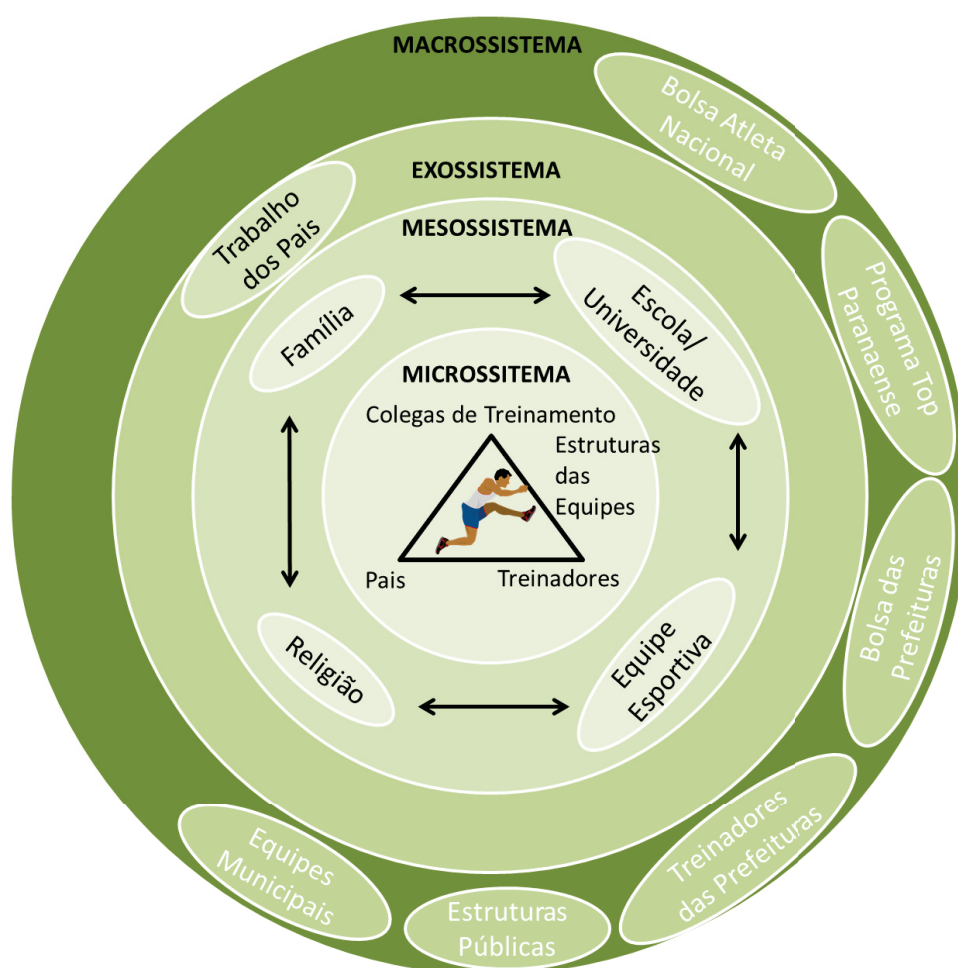


Fonte: O autor, adaptado de Bonfenbrenner (1996).

Como ultimo contexto analisado o paranaense mostra as suas peculiaridades, assim como nos contextos anteriormente citados, as maiores diferenças foram

apresentadas nos níveis micro e macrosistêmico. No microsistema, o contexto paranaense apresenta a peculiaridade de serem equipes pequenas, com um ou dois professores pagos pelas prefeituras das cidades, assim não há equipe multidisciplinar, apenas os professores, estagiários e voluntários, além de toda estrutura utilizada ser pública.. Em âmbito macro, as políticas públicas estaduais e municipais, oferecem benefícios às equipes, como bolsas ou pagamento do deslocamento para os atletas irem aos treinos. Como exemplificado na figura 27.

FIGURA 27 – O MAPA ECOLÓGICO FLUMINENSE



Fonte: O autor, adaptado de Bonfenbrenner (1996).

Dessa maneira, ao se estabelecer essa análise de dados e discussão sobre os fatores influentes no desenvolvimento do talento, podemos ver que em todas as equipes investigadas, houve poucas diferenças nos fatores “foco no desenvolvimento a longo prazo”, “comunicação”, “ambiente desafiador e de apoio”.



No fator “rede de apoio”, as equipes ORCAMPI, EMFCA e FECAM se destacaram por terem convênios com universidades que permitem com que os atletas se desenvolvam não só no ensino básico, mas evoluam, buscando uma graduação e retornem para as equipes com o conhecimento adquirido. Já a equipe PM de Colombo se destacou na interação com os pais, pois nessa equipe, se estabelece um mesossistema mais fechado em que os atletas, pais e técnicos formam uma rede social de comunicação.

No fator “fundamentos de desenvolvimento a longo prazo”, a equipe EMFCA se destaca negativamente, ao não possuir nenhum sistema de bolsa, além do programa nacional, que possa dar suporte às exposições dos processos proximais.

O fator em que houve a maior diferença, presente em todos os microssistemas analisados, foi o “preparação de qualidade”. Com relação às estruturas físicas e humanas das equipes, a ORCAMPI se destaca por ter uma estrutura o mais próximo da perfeita, contando com todos os materiais necessários e com uma gama multidisciplinar de trabalhadores. Já a equipe EMFCA apresenta a estrutura deficitária, mas, por contar com cinco profissionais, atende um amplo número de atletas. A busca por parte da treinadora em se especializar em atividades fora da sua formação também aparece como destaque. O microssistema da FECAM apresenta falhas estruturais físicas e humanas, mas por contar com o auxílio de seus atletas acadêmicos e por ter as repúblicas (local de moradia) masculina e feminina, consegue captar atleta de toda a região, ampliando a área de enfoque. A PM de Colombo apresenta a estrutura física e humana mais deficitária, pois seus treinamentos acontecem no Bosque da Uva e a equipe conta com apenas um treinador, uma estagiária e um voluntário, para desenvolver suas atividades. A SMELJ Curitiba, com sua parceria com as universidades, apresenta uma estrutura física excelente, mas conta com apenas dois professores, o que acaba limitando sua capacidade de treinamento. Quanto à participação dos atletas na tomada de decisão, a equipe EMFCA se destaca pela oportunidade dos atletas participarem na escolha das metas.

No fator “compreensão do atleta”, a equipe ORCAMPI se destacou por possuir uma rede multidisciplinar, contando com psicóloga e assistente social, para auxiliar na compreensão holística desses atletas.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar e debater os dados com a teoria Bioecológica, emerge a importância que os contextos analisados apresentam no desenvolvimento dos jovens atletas. Ao se deparar com as diferenças e semelhanças apresentadas entre os contextos, dentro dos fatores levantados por Martindale *et al.* (2010), podemos ver que cada microssistema se constitui de singularidades e homogeneidades que formam o macrosistema esportivo do atletismo.

De modo geral, as principais diferenças presentes entre os contextos, tanto para atletas quanto para gestores, estão nas estruturas física e humana. As equipes que apresentam melhores resultados são as equipes que contam com número maior de professores e, logo, podem atender um número maior de atletas, aumentando sua gama de seleção para o período posterior, em que os treinamentos se tornam específicos de certas modalidades. A importância em ter academia, área adequada de lançamentos, área de saltos, barreiras, sala de fisioterapia e massagem, foi ponto determinante nessa variação de resultado entre as equipes.

Em nível microssistêmico, foi observada a relação direta entre treinadores e atletas, sendo constatada como boa. Equipes com mais de um treinador apresentaram modelos distintos nessa relação, pois há de se considerar as características pessoais de todos envolvidos nos processos proximais diádicos.

Com relação às outras díades e o sistema N+2 estabelecidos entre os companheiros de equipe, houve a presença de um padrão de companheirismo marcante em todos os microssistemas, que se diferem ao analisarmos que, em certas equipes, essa cooperação se estabelece por meio de atividades distintas, como o apoio e conhecimento fornecido aos atletas mais jovens, a cooperação de treinamentos e o empréstimo de materiais entre os atletas. Dessa maneira, podemos destacar que cada microssistema interage de maneira diferente com seu indivíduo em desenvolvimento, fornecendo diferentes estímulos, por meio de diferentes pessoas e objetos, que influenciam e são influenciados pelo atleta em desenvolvimento, sendo que todos trabalham com o objetivo de gerar um ambiente inclinado ao desenvolvimento humano.

No nível mesossistêmico ficou notável a relação entre a vida de atleta influenciando na vida social e amorosa dos atletas. Em todas as equipes, há a preocupação, por parte dos treinadores e gestores, com os outros microssistemas

presentes na vida do atleta. A diferenciação está na maneira como essa preocupação é repassada aos mesmos, pois apenas uma equipe conta com um profissional na área de psicologia para auxiliar o entendimento holístico dos atletas; nas outras, os treinadores passam a ser o papel principal dessa conexão e entendimento.

A relação entre a escola e a equipe foi outro tema importante de debate do mesossistema. Três equipes contam com parceria com universidades, proporcionando aos atletas um caminho acadêmico após a conclusão do ensino básico. Sobre a cobrança de rendimento escolar, vimos que pode fortalecer o desenvolvimento do atleta nos dois microssistemas, já que a maioria das equipes cobra esse rendimento. Apenas uma equipe não cobra o desempenho estudantil como fator fundamental para seguir em seus treinamentos, pois alega que essa responsabilidade é dos pais. Nesse aspecto, vemos a outra relação mesossistêmica.

Sobre o relacionamento entre os treinadores e a família dos atletas, houve divergências de relacionamento e pensamento de futuro entre pais e atletas de todas as equipes. Com relação ao relacionamento com os pais, apenas uma equipe apresenta um relacionamento mais estreito com todos os pais, devido às características da sua localização. As outras equipes apresentam relacionamentos diversos com os pais dos atletas, caracterizados como nulos ou positivos.

Quando falamos de perspectiva de futuro, vimos que, para muitos atletas e para todos os gestores, há uma discrepância entre a atividade atlética como lazer e a mesma como futuro laboral, já que a queixa de todos gestores quanto à perda de alunos é para o mercado de trabalho de trabalho, pois os atletas são levados pela família para desenvolver atividades laborais remuneradas, para poder auxiliar financeiramente a família.

Dessa perspectiva, podemos evoluir para o exossistema, em que foi percebido que todas as equipes possuem e têm um enfoque na parte social, assim, a maioria dos atletas frequentam escolas públicas, que servem de fonte da captação de novos talentos, por meio de parcerias, peneiras ou festivais esportivos.

Dessa maneira, os programas esportivos das equipes enfocam abranger o maior número possível de pessoas, que em sua maioria são das classes econômicas C e D, que, ao chegarem em idades em que se enquadram em menor aprendiz ou estágio, muitos pais direcionam os atletas ao mercado laboral, abandonando a prática esportiva. Aqui surge um ponto divergente entre as equipes,

pois algumas delas têm condições de auxiliar com moradia, alimentação e com bolsas, que oferecem aos pais outra perspectiva de trabalho. As equipes que não tem esse auxílio estimulam seus atletas a conseguirem outros tipos de remunerações financeiras, como bolsas do programa Bolsa Atleta, do Programa de Alto Rendimento das Forças Armadas e outros modelos de auxílio financeiro oferecidos pelos estados e municípios, além dos patrocínios próprios.

Deste modo, o macrossistema esportivo, com todas as suas nuances e peculiaridades, fica presente nessa investigação com o Ministério do Esporte – agora secretaria –, secretarias estaduais e municipais de esporte, nas suas políticas de distribuições de bolsas financeiras, apontadas por entrevistados de todas as equipes investigadas como parte fundamental na constituição de uma política pública esportiva. Ficou nítida a importância do modelo de financiamento estatal esportivo, mas houve muitas queixas quanto aos modelos de seleção e de implementação das bolsas. Assim, por toda a importância que esse sistema distributivo tem nos microssistemas, as competições brasileiras que qualificam seus melhores colocados para o recebimento desse auxílio são consideradas como as mais importantes pelos gestores de todas as equipes.

Dessa maneira, podemos ver que existem conformidades e distinções entre os ambientes formadores do talento esportivo no atletismo, mas que a discrepância do resultado se dá pela oferta de participação esportiva e estrutura fornecida pelas equipes aos atletas, treinadores e gestores. Esse é um dos pontos constituintes do ambiente, logo, dessa maneira, podemos constatar que o ambiente influencia de maneira positiva e/ou negativa no resultado esportivo dessas equipes. Assim, as equipes com melhor resultado possuem maior oferta de atividades e treinadores, atendendo a um número maior de atletas e obtendo maiores resultados.

A relação entre os indivíduos em desenvolvimento, seus pares, treinadores e atividades desenvolvidas a curto, médio e longo prazo, se mostra como fundamental para o entendimento de um microssistema. A relação entre escola, pais, amigos, parceiros afetivos e equipe é indispensável na compreensão holística do atleta, podendo interferir de modo a ampliar ou limitar o crescimento esportivo, impactando no mesossistema em que os atletas estão inseridos.

A nível exossistêmico, a classe social em que o atleta se enquadra pode determinar a perspectiva de futuro tanto no caminho esportivo quanto no abandono da prática para assumir uma carreira laboral. O macrossistema, presente na maneira

organizacional do esporte brasileiro, com suas competições, políticas públicas e financiamento, é responsável pelos meios de fomento e evolução não só dos atletas, mas das modalidades e equipes do esporte nacional, servindo de base para todo o desenvolvimento esportivo brasileiro.

## 6.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O principal fator limitante desse estudo é a não aplicação do questionário, mas sim, de uma adaptação do mesmo, não perdendo sua fiabilidade na análise do ambiente, mas limitando a amostra, por mudar a característica da pesquisa, de quantitativo, em que se pode alcançar um valor amostral maior, para qualitativo, por meio de entrevistas. Mas esse fator pode ser considerado positivo ao perceber maior contato com os entrevistados e maior aprofundamento em questões mais pessoais.

Assim, para maior aprofundamento sobre a temática, seria de extrema importância ampliar a amostra para mais equipes do atletismo brasileiro e/ou para outros esportes, podendo criar bases para permitir comparações e analisar disfunções entre esportes coletivos e individuais, momentos de competições e de treino, além de outras variáveis que influenciam no desenvolvimento esportivo.

## REFERÊNCIAS

ABBOTT, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R.J.J.; SOWERBY, K. **Talent identification and development: An academic review**. Edinburgh: Sportscotland.

ABBOTT, A.; BUTTON, C.; PEPPING, G.; COLLINS, D. Unnatural selection: Talent identification na development in sport. **Nonlinear Dynamics, Psychology and Life Sciences**, 9, p.61-88, 2005.

ABRÃO, C. C.; ALEXANDRINO, E. G.; PRATI, S. R. A. Conhecimento e hábitos de hidratação em atletas top 10 Brasil da prova de 800m. **RBPFOX-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 11, n. 67, p. 485-491, 2017.

ANUNCIAÇÃO, F. N.; MORAES E SILVA, M.; BONIN-MAOSKI, A. P. C.; TAGLIARI, C. C.; ROJO, J. R.; MEZZADRI, F. M. O PANORAMA DO ATLETISMO NO PROGRAMA “BOLSA-ATLETA”: UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS DE 2011 A 2013. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 2, p. 57-68, 2017.

ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. PROGRAMAS DE INICIAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA NA GRANDE SÃO PAULO. *Revista Paulista de Educação Física*, **São Paulo**, v.14 n.2, p.184-195, jul/dez, 2000.

BASTIDAS, M. G.; BASTOS, F. C. A lei de incentivo fiscal para o desporto e a formação de atletas no brasil. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**. v.1, n.2, 2011.

BASTOS, F. C. O sistema e o desenvolvimento do esporte de alto rendimento olímpico no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 72-78, julho/agosto/setembro, 2016.

BÖHME, M. T. S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v.15 n.1, p.119-126. 2007.

BOJIKIAN, J. C. M.; Da SILVA, A. V. O.; PIRES, L. C.; BOJIKIAN, L. P. Talento esportivo no voleibol feminino do brasil: maturação e iniciação esportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.6, n.3, p.179-187, 2007.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Rede Nacional de Atletismo**. 01 de janeiro de 2016. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/54584-rede-nacional-de-atletismo>>. Acesso em 05 de setembro de 2016.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U.; Ceci, S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model, **Psychological Review**, n.101, p. 568-586, 1994.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology**, vol. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, n. 9, p. 115-125, 2000.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BUCKWALTER, J. A.; LANE, N. E. Athletics and osteoarthritis. **The American journal of sports medicine**, v. 25, n. 6, p. 873-881, 1997.

CAVICHIOILLI, F. R.; CHELUCHINHAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MARCHI JUNIOR, W.; MEZZADRI, F. M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

CAREGNATO, A. F. **O atletismo brasileiro a partir do entendimento de agentes que atuam no alto rendimento: gestores, treinadores e atletas**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

COLANTONIO, E. Detecção, Seleção e Promoção de Talento Esportivo: Considerações sobre a Natação. **R. bras. Ci e Mov.**, v.15, n.1, p.127-135, 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Centro Nacional de Desenvolvimento do Atletismo – CNDA**. 28. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/centro\\_treinamento/cnda.asp](http://www.cbat.org.br/centro_treinamento/cnda.asp)>. Acesso em 24 de maio de 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Resultados**. Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/resultados/default.asp>>. Acesso em 24 maio de 2017.

COPETTI, F.; KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: KOLLER, S. **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 71-93.

COX, R. H.; MARTENS, M. P.; RUSSELL, W. D. Measuring anxiety in athletics: the revised competitive state anxiety inventory–2. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 25, n. 4, p. 519-533, 2003.

EVANGELISTA, L. A. **Treinamento de corrida de rua: Uma abordagem fisiológica e metodológica**. 4ª Edição. São Paulo: Phorte Editora.

FIELD, A. **Descobrimdo a ESTATÍSTICA usando o SPSS**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLLE, A.; SALLES, W. N.; QUINAUD, R. T.; NASCIMENTO, J. V. Fatores associados à eficácia no desempenho esportivo de equipes campeãs de basquetebol em categorias de formação. **Revista de Psicología del Deporte**, vol. 26, n.1, pp. 75-79, 2017.

GEMENTE, F. R. F.; MATTHIESEN, S. Q. Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física Escolar. **Educar em Revista**, v. 33, n. 65, p. 183-200, 2017.

GREETZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLADDEN, J. M.; MILNE, G. R.; SUTTON, W. A. A conceptual framework for assessing brand equity in Division I college athletics. **Journal of sport management**, v. 12, n. 1, p. 1-19, 1998.

GOODMAN, A.; MAZEROLLE, S. M.; EASON, C. M. Organizational Infrastructure in the Collegiate Athletic Training Setting, Part II: Benefits of and Barriers in the Athletics Model. **Journal of athletic training**, v. 52, n. 1, p. 23-34, 2017.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. Psychological characteristic and their development in Olympic. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, p.172-204, 2002.

Haugen, T.; Danielsen, J.; Alnes, L. O.; McGhie, D.; Sandbakk, Ø.; Ettema, G. On the importance of “front-side mechanics” in athletics sprinting. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, p. 1-24, 2017.

HULME, A; Nielsen, R. O.; Timpka, T.; Verhagen, E.; Finch, C. Risk and Protective Factors for Middle-and Long-Distance Running-Related Injury. **Sports Medicine**, p. 1-18, 2017.

JALOWITZHI, D. T., PINHEIROS, E. S.; FARIAS, V. M.; BERGMANN, G. G. Indicadores antropométricos e de aptidão física: estudo comparativo entre escolares atletas e escolares não praticantes de atividades esportivas. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. v.11. n.65. p.219-227. Mar./Abril, 2017.

JANSSEN, I.; VAN DER WERP, H.; HENSING, S.; ZWERVER, J. Investigating Achilles and patellar tendinopathy prevalence in elite athletics. **Research in Sports Medicine**, p. 1-12, 2017.

KRAEUTLER, M. J.; Currie, D. W.; KERR, Z. Y.; McCARTY, E. C.; COMSTOCK, R. D. Epidemiology of shoulder dislocations in high school and collegiate athletics in the United States: 2004/2005 through 2013/2014. **Sports health**, mai (1), 2017.

KNIHS, D. A.; REIS, L. F.; ZIMMERMANN, A. C. ATIVAÇÃO ELÉTRICA DA MUSCULATURA E POTÊNCIA DE MEMBROS INFERIORES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE ATLETAS VELOCISTAS DAS MODALIDADES NATAÇÃO E ATLETISMO DE BLUMENAU-SC. **Kinesis**, v. 35, n. 1, 2017.



MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentemos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; DAUBNEY, J. Talent development: a guide for practice and research within sport. **Quest**, v.57, p.353–375. 2005.

MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; ABRAHAM, A. Effective Talent Development: The Elite Coach Perspective in UK Sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, 19, p.187-206, 2007.

MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; WANG, J., McNEIL, M., SONK LEE, K., SPROULE, J.; WESTBURY, T. Development of the Talent Development Environment Questionnaire (TDEQ) for Sports. **Journal of Sports Sciences**, 28(11), 1209–1221, 2010.

MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D; DOUGLAS, C.; WHIKE, A. Examining the ecological validity of the Talent Development Environment Questionnaire. **Journal of Sports Sciences**, v. 31, n. 1, p. 41 47, 2012.

MASSA, M. **Seleção e promoção de talentos esportivos e voleibol masculino: análise de aspectos cineantropométricos**. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MASSA. M.; UEZU, R.; BOHME, M.T.S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, v.24, n.4, p.471-81, out./dez. 2010.

MASSA. M.; UEZU. R.; PACHARONI. R.; BOHME, M. T. S. Iniciação esportiva, tempo de prática e desenvolvimento de judocas olímpicos brasileiros. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.36, n.2, p.383-395, abr./jun, 2014.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2005.

MILLS, A.; BUTT, J.; MAYNARD, I.; HARWOOD, C. Examining the evelopment environments of elite English Football Academies: the players' perspective. International. **Journal of Sports Science and Coaching, Sheffield**, v. 9, n. 6, p. 1457-1472, 2014.

MORAES, L. C. C. A.; PENNA, E. M.; FERREIRA, R. M.; COSTA, V. T.; MATOS, A. F. Análise do quartil de nascimento de atletas profissionais de futebol. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 2009.

PACHARONI, R.; MASSA, M. Processo de formação de tenistas talentosos. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.2, p.253-261, abr./jun. 2012.

PAES, V. R.; AMARAL, S. C. F. POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE EDUCACIONAL EM SÃO PAULO: IMPACTOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 715, 2017.

PASSINI, G. K.; MATTHIESEN, S. Q. SOBRE A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA COM AUXÍLIO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 52-63, 2017.

RÉ, A. H. N.; BOJIKIAN, L. P.; TEIXEIRA, C. P.; BOHME, M. T. S. Relações Entre crescimento, desempenho motor, maturação biológica e idade cronológica em jovens do sexo masculino. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.153-62, abr./jun. 2005.

REES, T.; HARDY, L.; CULLICH, A.; ABERNETHY, B.; COTE, J.; WOODMAN, T.; MONTGOMERY, H.; LAING, S.; WARR, C. The Great British medalists Project: a review of current knowledge on the development of the world's best Sporting talento. **Sports Med**, 46, p.1041-1058, 2016.

REIS, R. E.; MEZZADRI, F.M.; MORAES E SILVA, M. AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: APONTAMENTOS GERAIS. **Revista Corpoconsciência**, v. 21, n. 1, p. 58-69, 2017.

RODRIGUES, O. J. G. **Desenvolvimento do Talento no Futebol-Análise comparativa entre diferentes contextos**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2013.

ROSA, E. M.; TUDGE, J. Urie Bronfenbrenner's Theory of Human Development: Its Evolution From Ecology to Bioecology. **Journal of Family Theory & Review**, vol.5, no.4, 2013.

Dos SANTOS, A. M.; GREGUOL, M. Prevalência de lesões em atletas jovens. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 37, n. 2, p. 115-124, 2017.

Silva, M. P. M.; Duarte, E.; SILVA, A. A. C.; DA SILVA, H. G. P. V.; VITAL, R. Aspectos das lesões esportivas em atletas com deficiência visual. **Rev Bras Med Esporte**, Out 2011, vol.17, no.5, p.319-323. ISSN 1517-8692.

TEIXEIRA, M. R.; MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2017.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.N.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: ARTMED, 2012.

TIMPKA, T. Mediating factors of pain associated with overuse injury in elite Athletics athletes. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 20, p. e19-e20, 2017.

TONON, L. M. M. A INFLUÊNCIA DA ELEGIBILIDADE NA CARREIRA DO ATLETA PARAOLÍMPICO. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 1, p. 79-89, 2017.

ULRICH, R.; POPE, H.G.; CLERET, L.; PETROCZI, A.; NEPUSZ, T.; SCHAFFER, J.; KANAYAMA, G.; COMSTOCK, R. D.; SIMON, P. Doping in two elite athletics

competitions assessed by randomized-response surveys. **Sports Medicine**, p. 1-9, 2017.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: estudo de caso. **Kinesis**, n. 21, Jul./Dez. 1999.

VIEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L. A relação entre timing vital e social de talentos esportivos: um estudo com atletas paranaenses do atletismo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 11, n.1, p. 119-128, 2000.

VIEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L.L. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 12, n.1, p. 7-17, 2001.

VIEIRA, L.F.; TEIXEIRA, C.L.; VIEIRA, J.L.L. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano (Impresso)**, v. 13, p. 183-188, 2011.

## ANEXO 1 – MODELO DE ENTREVISTA DOS ATLETAS

- 1 - A sua equipe está interessada em seu desenvolvimento ao longo prazo, participando de competições, dando apoio psicológico e financeiro e estimulando o apoio entre os companheiros?
- 2 – Com relação ao seu treinador, ele sempre lhe explica o porquê de estar fazendo certas coisas, passa os seus pontos fortes e fracos, lembra frequentemente dos seus objetivos, explica a periodização elaborada para você e executa uma boa variabilidade de exercícios durante o treinamento? Você se sente estimulad@ em trabalhar com eles?
- 3- A comunicação com seus treinadores é direta, clara e objetiva? Isso faz você se relacionar bem com eles? Eles ressaltam a importância da sua conduta nos treinamentos e nas competições? Vocês falam sobre atletas de sucesso e o que eles fizeram para atingir tal nível? Ele se interessa por sua vida fora do esporte?
- 4- A equipe conta com pessoas que te ajudam a lidar com preocupações e fracassos? Seus treinadores, colegas e psicólogos têm influência sobre as preocupações e fracassos? Você recebe o apoio da equipe mesmo quando tem lesões ou enfermidades?
- 5- Na sua modalidade, você encontra equipamentos, competições e adversários à altura das suas expectativas? A equipe te fornece uma rede de profissionais (ex. fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas, preparadores físicos, etc) com fácil acesso?
- 6 – Você tem voz ativa na equipe participando da elaboração dos seus treinamentos, objetivos de carreira e planos de futuro da equipe? Quem mais participa? Quem te influencia a escolher certos objetivos de vida?
- 7- A equipe tem um bom relacionamento com sua escola, esclarecendo sobre os seus horários de treinamento, viagens para competições e possíveis faltas relacionadas ao esporte?
- 8- Se você não atingir os seus objetivos esportivos, a escola te preparou para uma vida profissional fora do mundo esportivo?
- 9- Você tem a possibilidade de treinar com os atletas que atingiram o nível que você pretende chegar? Eles te recebem bem? A equipe estimula essa interação entre as categorias?

10 – Como se dá o relacionamento entre seus treinadores e seus pais? Eles têm o mesmo objetivo de futuro para você? Você recebe os mesmos conselhos de pais e treinadores?

11 – Quais são as pessoas que mais te estimulam a atingir um sucesso esportivo, podendo chegar a uma categoria profissional? Você sente que há uma cobrança dessas pessoas? Caso não tenha o sucesso esportivo, como você pensa que essas pessoas reagiriam?

12 – A quem você dedica seu esforço e suas recompensas esportivas?

13 – Para você, quais são os fatores mais importantes para o seu desenvolvimento quanto atleta?

## **ANEXO 2 – MODELO DE ENTREVISTA DOS GESTORES**

1 – Como sua equipe estabelece metas e objetivos para seus atletas? Eles participam dessa decisão? Como é feito do processo para que os atletas alcancem essas metas e objetivos?

2- O desenvolvimento a longo prazo do atleta é algo importante para a equipe? Que benefícios a equipe tem ao formar um atleta?

3- A equipe conta com profissionais para dar o suporte físico e psicológico para o atleta? Os atletas têm fácil acesso a esses profissionais? Há algum profissional responsável por trabalhar sobre as preocupações e fracassos dos atletas?

4- Qual são as ações em caso de lesões de atletas? Eles continuam recebendo o apoio da equipe?

5- A comunicação entre treinador e atleta é avaliada? Qual a importância dessa relação para a equipe?

6 - Como a equipe trabalha a relação com a vida fora do mundo esportivo dos atletas? A educação é estimulada pelos profissionais da equipe? Qual a relação entre a equipe e as escolas que os atletas frequentam?

7 - Como a equipe se relaciona com os pais dos atletas? Há uma concordância de quais caminhos são melhores para cada atleta?

8 – A estrutura física oferecida para o desenvolvimento do atleta é considerada satisfatória? De onde vêm os recursos necessários para manter e melhorar sua estrutura existente?

9-A equipe estimula a interação entre as categorias de base e os atletas da categoria adulta? Qual a influência dos atletas de categorias superiores-adulto nos atletas das categorias inferiores-base?

10 – Quando seus atletas não atingem o sucesso esportivo esperado, você acha que eles estão preparados para uma vida fora do meio esportivo? O que a instituição pensa e faz sobre essa questão?

11- Para você, quais fatores são os principais no desenvolvimento de um jovem atleta?